

Um Outro Olhar
Volume III

Coletânea de Homilias de J.B. Libânio, S.J.

Organização:

Marta Martins de Aguiar

Maria Alice de Moraes Fonseca

Regina Maria Melo Marinho Ferreira

Capa e ilustração: Márcia Viana

Execução Gráfica:
BIG Editora Gráfica
(31) 3416.7896

Contato:
Marta Martins
(31) 9611.2186
(31) 3413.1046
martatins@yahoo.com.br

Valéria
(31) 3461.1079
(31) 3461.5446

...E o olhar se expande!

O que antes era uma brincadeira transformou-se em projeto, em uma nova forma de evangelização. Agradecemos a todos os que nos acolheram, nos incentivaram. E foram muitos: conhecidos, amigos presentes ou até mesmo virtuais e anônimos. A todos os que acolheram o nosso trabalho, nossa gratidão.

De maneira especial, algumas pessoas estiveram mais próximas e nos ajudaram a transformar o sonho em realidade.

O nosso agradecimento ao Eduardo Machado, que nos levou aos jornais e à televisão, fazendo a divulgação com carinho e empenho.

Ao João Batista Pereira Ferreira, pela cuidadosa elaboração do índice remissivo, uma solicitação de nossos leitores e que muito contribuirá para a localização dos temas das homilias.

À Valéria Brant, pela disponibilidade na distribuição dos livros e pelo entusiasmo contagiante.

À Patrícia Ferreira Del-Fraro, que integrou a equipe de organização dos volumes anteriores. Sua participação, entusiasmo, iniciativa e dinamismo foram vitais para que o projeto “Um outro olhar” se tornasse realidade.

A todos o nosso mais sincero agradecimento.

É uma alegria apresentar para vocês o terceiro livro da coletânea “Um Outro Olhar” de homilias de Pe. Libânio. As organizadoras, Marta, Maria Alice e Regina, tomaram esse projeto com o mesmo carinho e dedicação dos dois primeiros, porém com a maturidade de mãe de três filhos. Vale lembrar que o processo de transcrição, organização do material e publicação é algo que necessita de muito investimento. O primeiro livro teve como raiz uma simples idéia de encadernação para o término dos 10 anos do curso de Teologia em Vespasiano. A idéia foi gestada com muitos encontros, discussões sobre a forma e conteúdo e da responsabilidade em publicar algo tão precioso, e foi gerada de uma forma apaixonada, temerosa e ousada. Já o segundo livro foi gerado mais tranqüila e efetivamente e o conteúdo pôde ser melhor organizado, porque havia o registro da primeira experiência. O sucesso da publicação também mereceu algumas novas edições dos dois livros. Uma amostra da riqueza do material e de seu impacto sobre os leitores.

É inegável que temos sede e fome do Transcendente em nossas vidas. O cotidiano pode nos tragar para a mediocridade e falta de sentido, se nos colocarmos apenas diante do concreto da rotina ou dos apelos consumistas sedutores em seus tentáculos invisíveis: “venham, não sintam mais fome nem sede, tampem o vazio de sua existência”. Sair de si próprio e realmente se relacionar são enormes desafios na cultura contemporânea.

As palavras de Pe. Libânio, aqui editadas, resgatam o simples, abusam de imagens e elementos da natureza, articulando cultura e sensibilidade para nossa melhor compreensão. Seu estilo metafórico, sua forma didática, bem humorada e com uma estrutura coerente promovem uma reflexão intensa, não apenas através do intelecto, mas principalmente do inevitável movimento de nossas emoções. Quem tem o prazer de ouvir suas homilias sabe que é quase impossível não se deixar tocar pelo seu jeito de anunciar o Evangelho.

É interessante notar como Pe. Libânio faz o apelo de que tenhamos uma relação madura com Deus. Não o Deus de nossas projeções infantis, aquele que iria obturar nossas faltas, negar nossa condição humana ou ainda castigar se não nos submetemos a Ele. Mas o Deus Mistério que, respeitando nossa vulnerabilidade, convida-nos a abrir nossa existência ao seu amor. As palavras desse brilhante teólogo despertam em nós sentimentos e possibilidades adormecidas por esse insano cotidiano. Nesse

livro, a título de açular o desejo, vocês irão experimentar que a verdade é a Lei que Jesus sempre pregou, que somente podemos sentir Deus através da relação com o outro, em sua inexorável diferença, e que amar não é simplesmente querer bem ou proteger, mas é algo que exige a consciência e a liberdade. Mas tudo isso baseado na importância de ter em memória que Deus sustenta nossa existência e que seu único adversário é quem se julga completo.

Marta, Maria Alice e Regina colocam a lamparina das palavras de Pe. Libânio em cima de nossas mesas, a fim de que sejamos por elas iluminados. Permitamos que, com o outro olhar desse brilhante teólogo, fiquemos em abertura para a ação da Graça de Deus em nossas vidas, para mais servir e amar. Aproveitem.

Patrícia Ferreira Del-Fraro

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>		<i>Pág.</i>
01 - Entrando num novo milênio com Cristo	11	31 - Pedir é abrir-se	86
02 - A noite que antecede a aurora	13	32 - Buscando sinais que nos unam	88
03 - Fé e razão	15	33 - O pão da convivência	90
04 - A universalidade de Jesus	18	34 - O serviço de ser pai	93
05 - Vozes de nossa vocação	21	35 - As três dimensões da assunção	95
06 - Os vários sentidos de batismo	23	36 - Barcas ao mar	97
07 - Nosso valor está na singularidade	25	37 - Abrir-se para acolher	100
08 - A novidade da fé	27	38 - Nós construímos a salvação	102
09 - Jesus vai à frente	29	39 - Nós existimos para Deus	104
10 - O cotidiano de Jesus	31	40 - A gratuidade do perdão	106
11 - Sabedoria e luz	34	41 - A felicidade que Deus espera para nós	108
12 - O mistério se encontra no silêncio	36	42 - Jesus nos apresenta o Deus da acolhida	111
13 - A acolhida pela pele	39	43 - O julgamento misericordioso de Deus	113
14 - Transfiguração é a nossa reserva de luz	41	44 - O tempo de Deus é outro	115
15 - Alegria se celebra com alegria	43	45 - No cotidiano se faz eternidade	117
16 - Oração, esmola e jejum	45	46 - A nova vinha	120
17 - As cegueiras em nosso dia-a-dia	48	47 - Religião: símbolo, doutrina e práxis	122
18 - A grande tentação de construir um mundo melhor	51	48 - Amar a Deus na obra de sua criação	125
19 - Uma caminhada de conversão	53	49 - Jesus responde à grande pergunta	127
20 - Antecipando a ressurreição	55	50 - A proposta cristã para a vida além da morte	129
21 - O grão que cai na terra	58	51 - Deus nos dará aquilo que somos	132
22 - A grande caminhada para Jerusalém	60	52 - O fim do mundo a cada dia	135
23 - Humanidade e divindade fazem a realeza de Jesus	62	53 - A realeza pelo olhar	138
24 - Construindo eternidade	65	54 - Estamos preparados?	140
25 - O amor se faz na acolhida do diferente	69	55 - As ovelhas amadas de Deus Pai	143
26 - Igreja plural	72	56 - Quando o céu se abre	146
27 - Jesus revela o coração de Deus	74	57 - O ser humano como lugar de Deus	148
28 - Deus potencializa os nossos amores	77	58 - A força do olhar de Jesus	150
29 - Quem eu sou perante Deus?	80	59 - A Igreja começa na família	152
30 - As palavras carregam experiências	83	60 - O alicerce da autoridade é a verdade	154



“Pé a igualdade, só o pastoreio mútuo, só o saber cuidar um do outro é que nos faz humanos” (Pe Libânio)

ENTRANDO NUM NOVO MILÊNIO COM CRISTO (Lc 2, 41-52)

Depois desta cena tão bonita, com o Menino Jesus vivo e tão tranqüilo, podemos pensar mais ainda naquele Menino que, quando nasceu, marcou a data que atingiu dois mil anos. Há exatamente dois mil anos, estamos celebrando esta noite, este rito de passagem. Vamos atravessar, passar de um ano para outro, de uma década para outra, de um século para outro. Sem dúvida, é a última vez que atravessaremos um milênio. Pensamos em passagem e, neste Evangelho, há uma *frasezinha* muito pequena, mas muito bonita, que diz que Maria conservava todas as coisas e meditava-as em seu coração.

Hoje somos convidados a olhar para trás. Para um ano – 1999; para a década que terminou, que muitos consideram mais uma década perdida; para o século, como vários jornais fizeram hoje e, se quisermos, voltarmos até o ano 1000 e chegarmos a 2000. É muita história humana que está por trás. É claro que não conhecemos nada ou quase nada dessa história, porque ela é muito complexa. Aquilo que se escreve nos livros é nada, comparado com a história que todo ser humano viveu nesses dois mil anos.

Quando Jesus nasceu, os homens daquela época e os santos padres nos anos seguintes imaginavam que a humanidade teria três, quatro mil anos somente. Eles seguiam a data da Bíblia. Para eles, o ser humano teria sido criado três, quatro mil anos antes de Cristo. Hoje sabemos que a humanidade foi criada há um milhão e quinhentos mil anos.

Quando eu entrava nesta igreja, me perguntava: quantas pessoas conhecem Jesus? No mundo atual, parece que um milhão de pessoas. Mas é importante saber que, quando Jesus veio à Terra, a humanidade já tinha um milhão e meio de anos. Portanto, ninguém tinha a mínima idéia do mistério maravilhoso que é a vida de Jesus. E hoje estamos aqui reunidos para comemorar dois mil anos do seu nascimento. É realmente fascinante! Somos privilegiados. Talvez muitos apenas celebrem a passagem do ano. Não sabem o gigantesco privilégio que temos de saber que celebramos o nascimento de Jesus. A maioria da humanidade vai comemorar a passagem de dois mil anos, mas não sabe o que isso significa. É simplesmente uma cifra aritmética, numérica e nada mais. Nós sabemos que são dois mil anos do nascimento de Jesus. É muito diferente um cristão celebrar essa

passagem de ano, de século, de milênio. Tantos pagãos e neopagãos que vão celebrar, na bebida, na festa, na comida, não sabem o que celebram. Ignoram o mais importante da festa, que é essa criancinha chamada Jesus e todas as crianças que estão nascendo. Porque, ao nascer, elas repetem o mistério de Jesus.

Nós celebramos é a vida. Celebramos uma vida que nos trouxe a possibilidade de vivermos para além da morte. Os judeus tinham uma idéia vaga de ressurreição. Acreditavam na ressurreição, mas não sabiam como, não entendiam. Só nós, cristãos, fizemos a experiência de um Homem ressuscitado – Jesus. Depois, na fé, prolongamos todo esse mistério para Maria. Duas pessoas nós sabemos que ressuscitaram de verdade. Estão com sua plenitude de vida e são para nós sementes, sinais, prenúncio, antecipação daquilo que um dia seremos. É isso que celebramos hoje. O nascimento de alguém que veio dizer para a humanidade que temos um Deus muito próximo. Que Deus entrou na nossa história e, por isso, nunca desapareceremos. Quantos estão temendo o fim do mundo?! Estão olhando para o céu, para ver se vai cair uma tempestade de fogo. Não vai cair, porque a vida já nasceu. Não precisa vir fogo do céu, porque já veio o fogo do amor de Jesus e este já incendiou a Terra. Ele mesmo disse: “Eu vim para trazer o fogo!” Que outra coisa podemos desejar, a não ser que ele cresça e expanda pelo mundo inteiro?

Somos chamados para que, neste ano novo, neste século novo, neste milênio novo, anunciemos o mistério desse Homem chamado Jesus. Ele é o nosso salvador, e é seu nascimento que comemoramos. Alegremonos! Não há lugar para tristeza, quando Deus está no nosso meio. Amém. (31.12.99)

A NOITE QUE ANTECEDE A AURORA (Mt 2, 1-12)

Esta festa da Epifania, dos Reis Magos, é cheia de símbolos, que enchem o nosso coração.

Na tradição das religiões, geralmente, Deus é ligado à luz. A palavra Deus vem da mesma palavra *dios/dies* – dia. Dia é a hora do sol. É a mesma raiz etimológica. Portanto, a imagem que as religiões fazem de Deus é que Ele é luz, é esplendor. Hoje eu vou fazer o contrário, pedindo licença a essa tradição. Vou comparar Deus com a noite.

Deus é a grande noite. É esse silêncio infinito, essa noite de onde origina tudo. A noite antecede a aurora, é anterior à luz. Ela é primeira. Diz a Escritura que, antes da Criação, reinava sobre todas as coisas uma grande noite. Era a noite de Deus. Ele é o mistério, é o silêncio. Esse é Deus Pai, que estava naquela escuridão infinita. Por isso Moisés dizia que ninguém podia ver Deus, porque era noite imensa. O Filho é aquela criança que está lá em *Bethlehem* – em hebraico, a Casa do Pão. Ele, o Pão da Eucaristia. Lá está o Menino. É o Filho. Quem está faltando? Falta o Espírito Santo. Este está solto. É estrela e aparece onde quer. Aparece para todas as pessoas. Está sempre aí, basta olhar para o céu. No céu estão as estrelas – símbolo do Espírito Santo – que iluminam e, sobretudo, saem da noite. A estrela está incrustada na noite do Pai e os dois estão velando pelo Menino, que é Jesus.

A força do Espírito é buscar as pessoas que estão longe. O Espírito Santo gosta das pessoas das periferias. Gosta de vocês também, mas gosta das pessoas que estão conversando na escada, que ainda não vieram aqui, que buscam o bem, mas ainda não encontraram a Igreja. Ele está faiscando e espalhando luz em todas as partes. Todo movimento de justiça e de cidadania que surge é o Espírito que está soprando. Mesmo em pessoas que não freqüentam a Igreja, mesmo as que não tenham ainda descoberto o Menino, Ele as conduz até lá. A estrela está levando as pessoas até Jesus, e algumas nunca vão chegar a encontrá-lo. Não-se perder pelos caminhos, vão ficar nos palácios de Herodes. Ficam nos *Planaltos* (*) da vida e não chegam até Belém. Perguntam, mas não entendem a resposta. A maioria da humanidade não vai chegar a Belém. Esse é o mistério de hoje. Impressionante! Aqueles que chegaram a Belém são um bilhão, e o mundo tem cinco bilhões de habitantes. Quatro bilhões ainda não

chegaram a Belém. Viram muitas estrelas, perderam-se nelas, perceberam o Espírito, seguem o bem através de tantas religiões, mas não chegaram até o Menino. Nós tivemos a felicidade de ser um dos reis magos.

A tradição foi inventando várias coisas. O Evangelho não fala que eram três reis magos. Fala apenas em magos. A tradição dos três veio dos três presentes. Mas um apenas poderia trazer ouro, incenso e mirra. Há várias hipóteses. Poderiam ser sacerdotes persas, poderiam ser astrólogos, poderiam ser pessoas que vieram da Arábia. Mas o que interessa não são essas perguntas. O que interessa é que os magos são todas as pessoas chamadas pela estrela do Espírito, para caminharem em direção a Jesus. Não precisam necessariamente chegar. O mais importante é caminhar em direção a Jesus. Chegar a encontrá-lo é uma alegria. Mas, às vezes, a estrela se esconde. Quantas noites escuras existem em nossa vida?! São as dificuldades, as crises, as mortes, as doenças, que toldam o céu. É como se um véu negro cobrisse o céu, e não víssemos estrela nenhuma.

Nunca podemos esquecer que, quando escurece o céu, lá atrás estão as estrelas, lá atrás está o Espírito. O Espírito de Deus nunca desaparece, mesmo que nos escape aos olhos, mesmo que não consigamos ver a luz, em certos momentos da vida. Devemos acreditar que esse véu vai passar, essa nuvem não é eterna. Não há nuvem eterna. Todas passam – algumas escuras, outras mais claras. A nossa vida terá nuvens passando continuamente. Estamos começando um novo ano e não sabemos que nuvens nos esperam, mas todas passarão. Qualquer nuvem que vier nunca vai tirar a realidade da estrela. Pode vedar a sua visão, mas não a sua existência.

O Espírito sempre nos conduz ao Menino, para que nunca percamos a esperança de que a estrela um dia brilhará novamente se, por acaso, estiver escondida. Amém. (03.01.98)

(*) referência ao Planalto Central Brasileiro, onde está Brasília, símbolo do poder.

FÉ E RAZÃO (Is 60, 1-6/Ef 3, 2-6/Mt 2, 1-12)

Muitas vezes ficamos presos à primeira narração. Pensamos que é estória da Carochinha, estória para as crianças da missa das nove. Não é. Mateus era um homem muito inteligente. Escrevia um gênero literário simbólico. Cada pequeno sinal passa uma mensagem profunda, inesgotável. Por isso, podemos tomar esse Evangelho e, a cada vez, encontrar coisas novas.

Quem são os magos? Por que são magos? Magos simbolizam o casamento da religião e da ciência. Eram homens persas que viviam em seu mundo religioso. São símbolos das outras religiões, não a judaica, nem, naturalmente, da cristã, que estava nascendo. Também eram astrônomos ou astrólogos, como quisermos. Pessoas voltadas para o conhecimento dos astros. São dois mundos que vão se encontrar e irão a Jesus. Hoje seria o diálogo inter-religioso, diálogo com as ciências, com a astrofísica, com a cosmologia moderna. É tudo isso que está fazendo a Teologia hoje. Ela está dialogando com as grandes religiões e com as grandes ciências. É isso que Mateus já dizia há dois mil anos: que não podemos deixar esses dois mundos caminharem à parte, à deriva.

Como os magos descobrem Jesus? É claro que é simbólico. Eles são homens da religião e da ciência, portanto, vão descobrir na religião e na ciência. É o caminho deles. Provavelmente, na hipótese de Mateus, eles vasculham os textos e livros que conheciam, como este, que ouvimos na primeira leitura. É um texto fantástico, sobretudo se olharmos a história da cultura.

Estamos no ano 2000, no terceiro milênio. Vamos recuar três milênios, ao primeiro milênio antes de Cristo. Em dois lugares geograficamente próximos, mas culturalmente distantes, vão formar-se as duas razões que dominariam o resto do mundo até hoje. Seiscentos anos antes de Cristo, na Palestina, estão os grandes profetas. Na Grécia, está Platão, pensando o mundo das idéias para explicar a realidade. Daí vai nascer a filosofia grega, que vai marcar todo o Ocidente. Todos nós a temos na cabeça, mesmo que nunca tenhamos ouvido falar nos grandes filósofos. Platão e Aristóteles estão dentro de nós. Pois nesta época, em que Platão está pensando o mundo, os profetas também estão. Essas duas correntes vão caminhar paralelas até a chegada de Jesus, do Cristianismo. Vão se unir, fundir-se numa única cultura – a cultura ocidental, até que, a partir do

século XIV, começam a se separar. E essa distância estamos vivendo hoje: todo esse dilaceramento entre fé e razão. Essa história da cultura do Ocidente é fascinante. Começa no sexto século antes de Cristo.

Esse texto que ouvimos, de Isaías, é fantástico, porque vai dizer como devemos pensar o mundo. Devemos pensá-lo como uma palavra transcendente, que nos dá o sentido da vida. Não o encontramos vasculhando as coisas, pesquisando os sentidos. Não são os cientistas que vão conhecer o mundo. Diz Isaías e todos os grandes profetas: uma palavra transcendente é que ilumina a nossa inteligência. Nossa inteligência é pequena para entender. A estrela dos magos é algo grandioso e sublime que nos ilumina a inteligência. Precisamos de luz maior para a nossa cabecinha pequena.

Platão também não tinha revelação. Não tinha a transcendência do judeu, a transcendência da Palavra. Tinha o *logos*, a razão e dizia: “Vendo as coisas sensíveis, busco a sua inteligibilidade nas idéias”. Ele colocou o mundo das idéias em que vivíamos antes de vir a Terra. Já tínhamos passeado no mundo das grandes belezas, da verdade, do bem, desse mundo maravilhoso. Viemos à Terra e esquecemos. O corpo esqueceu a beleza que já conhecia. As coisas estão sendo acordadas em nós. Daí a idéia do professor como aquele que arranca. Tudo está dentro da criança, todo aquele mundo bonito, mas escondido. O professor vai tirando cada idéia. Vai chamando cada beleza, e as idéias vão acordando dentro de nós.

Chega São Paulo e vai perguntar: “Sabem vocês quem é a confluência desses dois mundos? Quem é, ao mesmo tempo, essa Palavra que precede, que existe antes de nós e essa Palavra que se fez carne, se fez sensível?” É o Verbo de Deus, que nasce em Belém e que os Magos vieram visitar. Jesus, que une Platão e os profetas. Tínhamos uma única corrente, até que a razão humana não resiste, não agüenta mais a fé. Joga-a para fora e quer, sozinha, construir o mundo. E construiu campos de concentração, guerras, bombas *napalm*, assassinatos, crimes. Esqueceu a Palavra transcendente de Deus.

Todas as vezes que a raça humana esquece aquela experiência luminosa de Platão, ou esquece a primeira experiência luminosa dos profetas, perde-se na escuridão de sua pequenez. Não consegue descobrir na criança a presença de Deus. Mata crianças, assassina. Esquece suas duas grandes premissas. Os magos são aqueles que vieram nos acordar para o momento em que essas duas grandezas se unem numa única pessoa – aquele Menino. Na criança Jesus está o infinito feito pequenez, feito

sensível. Essa é a idéia mais perfeita e bela do mundo, na sensibilidade, na visibilidade de um corpo infantil. Amém. (08.01.2000)

A UNIVERSALIDADE DE JESUS (Mt 2, 1-12)

Vocês devem ter percebido que o autor deste texto é o mesmo que descreveu a visita dos pastores, portanto, o mesmo do nascimento de Jesus. Ele talvez tenha sentido um certo escrúpulo, pensando que, ao narrar que Jesus nasceu em Belém, que vieram os pastores, daria a impressão de que só o povo de Israel cercou Jesus no seu nascimento. Isso poderia dar a idéia de que Jesus nascera para o povo de Israel. Portanto, era só questão deles, dos judeus, e nada mais. Muitos anos depois, esse autor começou a meditar: será que Jesus só nasceu para os judeus? Será que o Cristianismo, que vai nascer agora com esse Menino, com esse Homem, com esse Ressuscitado, nasceu só para os judeus? Ou será que Ele é alguém tão importante, cujo significado vai atravessar a história, vai atravessar todos os povos?

É bom que vocês se lembrem de que esse Evangelho foi escrito depois que Jesus morreu e ressuscitou. Portanto, na cabeça do escritor, já existia toda a história de Jesus. Depois de muito pensar, ele diria: “sim, este Menino tem mais sentido, tem mais valor, tem mais importância do que um povo pequeno! O que vou fazer, então, para ensinar isso às pessoas? Já sei. Vou lá no Irã trazer alguns magos”. Isso é, aquelas pessoas que estudavam os astros – astrologia mais que astronomia – que viviam num mundo religioso. Ele vai trazê-los, o que será a coisa mais estranha para o povo de Israel.

Vêm esses homens, simbolizando não três pessoas, porque isso não tem importância nenhuma, mas todos nós que estamos aqui. Esse é o grande significado da festa de hoje. Por isso, no Oriente, os ortodoxos, a Igreja Católica Oriental, dá tanta importância a essa festa, muito mais que nós, latinos. Eles compreenderam que essa festa de hoje é o segundo Natal. O primeiro foi doméstico, foi para a família. Foi o Natal de Jesus, *pequeninozinho*, numa gruta. Hoje é o grande Natal de Jesus para a história. O primeiro é ligado à natureza: pastores, anjos que cantam, Maria e José ao lado daquela manjedoura. Hoje é Natal para a história. Para toda a história da humanidade. Vêm pessoas bem estranhas, vêm de longe, como nós que, geograficamente, estamos longe de Belém. Longe geograficamente, mas próximos na fé. Esse jogo é que o nosso evangelista traz. Muito mais profundo que a simples descrição de um fato que acabaria nele mesmo.

A grande vantagem do símbolo é que ele é inesgotável. O símbolo recebe infinitas interpretações. O fato histórico acaba nele mesmo. Daria

um exemplo: se eu fosse um historiador do Brasil, poderia dizer, já que sou de Minas, que Juscelino Kubsticheck pensou em construir uma capital no interior do Brasil e construiu Brasília. Acaba a história. Morreu Juscelino, Brasília está lá. Pronto. Mas simbolicamente, Brasília significa o deslocamento dos interesses, mudança de compreensão do Brasil – um país focado em São Paulo e Rio de Janeiro, quiçá Belo Horizonte. Agora o Brasil se estende para distâncias maiores. Abre o país para o mundo. Brasília se transforma num símbolo, para onde milhares de pessoas se dirigem. Vão para aquela cidade que Juscelino construiu e depois morreu? Não. Brasília é símbolo da nação, é símbolo da brasilidade.

É a leitura de Mateus. Os magos são símbolos da universalidade de Jesus. E o que quer dizer que Jesus é universal? Pensem bem: de que maneira Mateus vai nos dizer que Jesus é universal? Olhem que genialidade! Esse texto é de uma beleza literária espantosa – um grande jogo de símbolos! Ele faz aparecer uma estrela. Aparecer no céu uma estrela não tem a mínima importância. Se os astrônomos se juntarem todos para dizer que houve uma conjunção de grandes planetas, que produziu uma luz nova no céu, é discussão de astrônomos. Não tem a mínima importância para a Escritura se apareceu ou não uma estrela. Mas tem importância saber que nós só chegaremos ao Menino através de uma estrela. Nenhum de nós chega ao Menino fora dela.

De repente a estrela some. Eu gosto muito dessa cena. A estrela iluminava durante o dia e durante a noite. Logo, não pode ser uma estrela cósmica, porque eu nunca vi uma estrela iluminar durante o dia. Só pode ser simbólica. Ela iluminava noite e dia. Quais são as nossas estrelas? Para onde elas nos conduzem? Elas são todos os acontecimentos históricos e todas as pessoas significativas na nossa vida.

Eu posso dizer, quando olho para a minha vida e vejo as estrelas que brilharam no horizonte da minha existência, que só tive grandes estrelas: pessoas lúcidas, pessoas importantes, proeminentes. Pessoas que me ajudaram, quando era criança, quando era adolescente, quando era jovem, a encontrar o caminho da Teologia. Se não fosse um mestre que me disse: “Estude Teologia. Vá por esse caminho”, hoje talvez eu estaria levando carvão para um lugar qualquer. Mas não importam as minhas estrelas, mas as estrelas de vocês.

Ao voltarem para casa, cada um se pergunte: qual foi a grande estrela da minha vida? Qual foi aquela pessoa, aquelas pessoas que, em momentos de encruzilhada, quando eu ia pegar um caminho errado,

disseram: “Não. Pare! Atenção! Por aí você não encontra a felicidade!”? Pode ser um professor, um pai, uma mãe, um amigo, um colega. É pena que na sociedade há tantas falsas estrelas, até aquelas que chamamos de *stars* – as estrelas do cinema, da televisão, que muitas vezes fascinam os adolescentes na sua fugacidade, na sua falta de consistência. Precisamos de estrelas consistentes, principalmente lúcidas, que consigam perceber a realidade, captar conosco o caminho. O futuro só se constrói com germes do presente, e só tem visão de futuro quem é capaz de descobrir aquilo que está na frente da história.

Se fosse fácil todo mundo diria: os gênios são esses, os poetas são esses, os grandes políticos são esses, os grandes líderes são esses. Não são sempre homens letrados. Muitas vezes são pessoas simples, mas capazes de olhar para a realidade e perceber que rios correm nessa direção, que rios correm para esse mar e dizer que a foz é lá, porque os rios convergem para lá. Mas, para que eu veja a convergência dos rios, preciso conhecer os rios e suas direções, preciso conhecer que caminhos conduzem à grande foz.

Se vocês me perguntassem que rio corre, eu diria que o grande rio que está correndo é todo o movimento feminista, a descoberta da mulher. Várias ministras agora são mulheres. Uma das mais importantes, dos nomes mais conhecidos no mundo é a ministra do meio-ambiente. Já é um nome mundial – Marina Silva. Magrinha, frágil, começou a estudar já adulta. Nós temos que olhar isso: como é que uma menina que vem lá do Acre, perdida naquele lugar sem estrutura nenhuma, de repente emerge como uma grande estrela? É sinal de que as mulheres acordaram. Também o movimento ecológico, o MST(*), o Fórum Social. Quantas estrelas brilhando, e nós cegos não as vemos?! E vamos todos para o palácio de Herodes e lá não vemos nada, porque a estrela desaparece. Quando os magos entram em Jerusalém, ela some. Porque Herodes não tem estrela nenhuma. Herodes é um comilão, perdido. Como é possível encontrar estrela lá? Herodes ficou com medo e planejou o assassinato. Os Herodes de hoje são os que ameaçam destruir os outros países. São esses Herodes que matam as crianças, os inocentes. Os Herodes dos programas de domingo, que pervertem as crianças desde pequeninas, que sensualizam meninhas de quatro, seis anos. E os pais, sérios, não percebem que eles estão aí.

Que as estrelas que encontrarmos nos indiquem o caminho do Menino, pois só lá encontraremos a felicidade. Amém. (05.01.03)

(*) Movimento dos Trabalhadores sem Terra

VOZES DE NOSSA VOCAÇÃO (Mc 1, 7-11)

Na Idade Média, nem todas as pessoas sabiam ler e escrever. As grandes escolas eram as catedrais, as Escrituras, os padres e a liturgia. A liturgia era uma grande pedagoga que ia educando as pessoas. Hoje perdemos um pouco essa idéia de que a liturgia nos educa. Não sei se vocês repararam que, no mesmo dia, três festas foram agrupadas: o nascimento de Jesus, a vinda dos magos e o batismo. Se olharmos cronologicamente, a diferença é grande. Cristo nasceu, os magos chegaram dois anos depois e Jesus foi batizado com trinta anos. Por que, então, a liturgia coloca as três festas juntas? Porque, se quiserem, são três batismos, três nascimentos, três maneiras de Jesus se manifestar.

São três nascimentos de Jesus. Ele nasce para o mundo judeu. Nasce em Belém, junto aos pastores. Depois de uma semana, vai ao Templo, é circuncidado e recebe o nome de Jesus. É o Jesus judeu. Depois vêm os magos, representando o Oriente, representando todos os outros povos – portanto também nós. Jesus nasce para o mundo – segundo nascimento. E o terceiro nascimento, qual é? Passaram-se trinta anos. No batismo, Ele fala de um outro nascimento. O nascimento por meio dos símbolos. Vejam que símbolos bonitos temos hoje! Primeiro, o grande profeta. João não conhecia Jesus. Reconhece-o quando Ele se aproxima, naquela fila, como qualquer um entre os pecadores. Aí está alguém diante do qual João não é digno sequer de desatar a sandália. É uma imagem forte, porque eram os empregados, os escravos que faziam isso. É para mostrar a força do reconhecimento de Jesus pelo grande profeta.

Quantas vezes eu digo, quando celebro batizado, que nós não entramos por aquela porta. Por ali os cachorros também entram. Nós entramos pela água. No batismo de João, Jesus já está prenunciando que todos nasceremos um dia, passando pela água. É uma grande diferença. Olhem que maravilha simbólica! Antes de batizar uma criança, o sacerdote estende a mão sobre a água e invoca duas vezes o Espírito Santo, para que Ele transforme essa água na água do batismo como sinal do sacramento. E essa água, transformada pelo Espírito Santo, não na sua fisicidade, mas no seu simbolismo, vai ser sacramento visível da presença do Espírito. Jesus fez a água cheia do Espírito Santo. Ele não precisava de uma água nova. A água do Rio Jordão é suja e barrenta e é o seu corpo que sacralizará para sempre aquela água.

E vêm dois outros símbolos, mais bonitos ainda: a voz e a pomba. A voz só pode ser do Pai. Só pode ser o símbolo do Pai. O Pai não fala, mas é sinal, é original. Tudo que é origem é o Pai. É dele que nasce o chamado, a vocação. Vocação vem de *vox*, que é voz em latim. Vocação significa chamado. Só há chamado quando há voz. Jesus vai receber, por assim dizer, a consagração de sua vocação – uma voz em ação. Depois vem a pomba. Por que a pomba? Vocês se lembram de que, numa passagem do Antigo Testamento, quando as águas do dilúvio baixaram, quem trouxe aquele *ramozinho* verde de vida foi uma pomba? A mesma pomba vai anunciar a vida de Jesus que se inicia.

Agora eu pergunto: quando é que nascemos? Nascemos para o mundo no parto de nossa mãe. Nascemos para a sociedade, quando somos registrados. Nascemos para a Igreja, para a Trindade, para a Graça pelo Batismo. Nascemos tantas e tantas vezes, e quantas são as vozes interiores que nos chamam ao serviço e ao ministério? Quando aprendermos a discernir a voz do Pai dentro de nós, começaremos a perceber quais são as nossas vocações. Mas só podemos perceber a vocação com o ouvido da fé. Quando não sabemos ouvir a voz de Deus, andamos *sem eira nem beira*, perdidos pelos caminhos escuros da existência. Tantas vozes falam dentro de nós e tantas vezes não as ouvimos. Por isso, não encontramos vocação. Porque somos moucos e surdos a essa voz, que é a voz do Pai e do Espírito em nós. Amém. (11.01.03)

OS VÁRIOS SENTIDOS DE BATISMO ***(Mc 1, 6-11)***

As realidades modificam de significado e sentido conforme estejam numa situação ou noutra. Um exemplo bem simples. Se houver um pano verde, outro amarelo numa loja, significam panos para serem vendidos. Se eu compuser verde e amarelo, faço uma bandeira. É o mesmo pano, mas já significa o Brasil. Se eu levar esta bandeira numa parada, já muda de sentido. Já é a bandeira brasileira reforçando o poder, a autoridade. É o mesmo pano em três lugares diferentes, com três sentidos diferentes. O sentido – é bom aprendermos – é algo que nasce de dentro da coisa e a modifica por dentro. Aquele pano verde e amarelo já não é um pano qualquer, de tal maneira que, se desrespeitarmos a bandeira, poderemos ser presos. Mas se chegarmos numa loja, comprarmos um pano e o queimarmos, não acontece nada, porque na loja não é bandeira. Depois de fazermos a bandeira, muda profundamente o sentido. Essa é uma pequena aula de hermenêutica. A mesma coisa acontece com o batismo. Temos quatro mudanças de sentido nesse Evangelho.

Primeira idéia geral. O batismo é um rito que muitos povos e culturas conheciam, não só os judeus. Tinha, portanto, um significado geral de purificação e limpeza. Tribos indígenas conheceram o rito de passar pelas águas. Há alguns anos, estive em Moçambique e vi adolescentes que, ao terminarem os anos de introdução na cultura pré-cristã, atravessam um rio, se banham totalmente para se purificarem e começarem uma vida nova. Isso é o significado geral.

João Batista toma esse significado e dá um sentido bem próprio. É o povo de Israel – não qualquer povo – que se purifica para receber uma graça especial. Provavelmente, João já previa a chegada do Messias. É a segunda idéia.

Terceiro sentido. Jesus vai ser batizado. Ele não precisa de purificação. É o puro, o santo. O sentido do batismo de Jesus não é o mesmo. Nem o da cultura antiga, nem o de João Batista. Ele transforma o batismo de João Batista e dá a ele um sentido novo. As três coisas que fizeram mudar o sentido são: o céu se abre, desce uma pomba, ouve-se uma voz. Abre-se o céu. O céu fechado significa que a relação entre os seres humanos e Deus está fechada também. Céu é símbolo de Deus, casa, habitáculo de Deus. É como se Deus dissesse ao povo que iria acontecer alguma coisa que faria

a relação com Ele mudar. O céu se abre. Naquele momento do batismo de Jesus, começa um mundo novo. Deus vai ser mais benigno ainda, na relação com a humanidade. A pomba desce. Pomba é um símbolo tão bonito, de beleza, leveza, vida. Um animalzinho tão esperto, símbolo da paz, símbolo do Espírito. Porque voa, é leve. Espírito em grego, em hebraico significa sopro, coisa leve. É o símbolo do Espírito Santo. E a voz? A voz de Deus Pai que fala: “Este é o meu Filho!” Esse batismo já é outra coisa.

A comunidade – nós – está lendo este Evangelho. Estamos pensando naquele batismo que recebemos. Não é nem o batismo da cultura tradicional, nem o batismo de João, nem o batismo de Jesus. É o nosso batismo. É diferente. Jesus já morreu, já ressuscitou. Os cristãos começam a se organizar. A comunidade começa a nascer. A Igreja descobre o sinal, como toda a comunidade descobre um sinal para existir. Temos o Hino Nacional, as cores, temos a nossa cultura. Toda cultura tem alguma coisa que a marca, identifica-a. Nós, como Igreja, temos os nossos sinais. São muitos, mas destaco dois: Batismo e Eucaristia – os dois maiores sinais do Cristianismo. Se perguntarmos a alguém se passou pela água, comeu o corpo e bebeu o sangue do Cristo, encontramos os dois grandes sinais. Quando lemos esse Evangelho, retratamos nele, reconhecemos nele o nosso batismo, portanto, a nossa entrada na comunidade. É o quarto sentido da mesma palavra.

Não confundamos batismo de João, batismo de Jesus, o nosso batismo e o batismo da cultura geral. Assim vamos penetrando neste mistério e perceberemos como, na nossa vida diária, nós *transignificamos*, mudamos o sentido de muitas coisas. Isso é próprio do ser humano. O ser humano é fabricante de sentidos. Precisamos deles. Não dos cinco sentidos: tato, paladar, olfato, visão, audição. Sentido significa valor interno de uma coisa. Aquilo que faz com que compreendamos que aquela realidade é alguma coisa mais do que ela aparenta ser. As realidades nunca são só o que vemos. Elas são muito mais. Vão continuamente jogando-nos sinais para que capturemos o seu sentido. Quanto mais as nossas antenas estiverem abertas, mais captaremos os sentidos.

A liturgia, a oração, a celebração são carregadas de sentido. Hoje valorizamos, de modo especial, o significado da liturgia do batismo. Água que limpa, que faz nascer e renascer e água que nos une numa única comunidade de fé em torno da pessoa de Jesus. Amém. (15.01.2000)

NOSSO VALOR ESTÁ NA SINGULARIDADE (1Cor 12, 12-30)

A segunda leitura é tirada da epístola de São Paulo aos Coríntios. São duas epístolas aos Coríntios que, juntamente com a epístola aos Romanos, são as mais importantes, e têm a autoria mais assegurada, pois refletem o estilo de Paulo e toda a sua maneira de pensar.

Quando ouvimos uma metáfora de comparação, não é para tomar cada coisinha e fazer uma ligação. Quem é o olho da Igreja, quem é o nariz? Não é assim que se lê uma comparação bíblica. Do contrário, começaríamos a imaginar muita coisa. Temos de perguntar: qual a idéia central de Paulo com essa imagem? O que ele nos quer passar? Ele quer passar uma coisa muito profunda e muito difícil. Hoje, mais difícil ainda. Ele quer passar que, primeiro, há uma grande unidade. Nós fazemos parte, em primeiro lugar, de uma grande humanidade. Uma vez que deixamos de ser animais, todos somos seres racionais. Todos somos seres humanos. Todos nascemos da noite do animal e estamos agora na luz da racionalidade – uns mais, outros menos. Mas todos fazemos parte deste mundo humano. Primeiro ponto fundamental.

Agora para nós aqui. No batismo – diz Paulo e a sua expressão é bonita – bebemos do mesmo Espírito. É como se estivéssemos embriagados do Espírito Santo. Todos nós bebemos do mesmo Espírito. Olhem que idéia bonita! Não há vários Espíritos. Um para o papa, outro para o cardeal, outro para o leigo. Não, é o mesmo Espírito que está presente em todo o mundo. Desde essa criança pequena, que ainda não entende muito o que eu falo, todos estamos imbuídos do mesmo Espírito. Portanto, é uma unidade radical.

Muitas vezes os fiéis pensam mais nas diferenças que na unidade. Há uma grande unidade. Somos iguais porque somos batizados, somos iguais porque somos humanidade. Mas somos diferentes. A diferença é fundamental, para que não comparemos as pessoas. É isso que Paulo quer dizer. Não há comparação. Quando alguém começa a falar sobre comparações, eu pergunto: de que você gosta mais, do azul ou do doce de coco? Não podemos comparar sabor com cor. Cor é uma coisa, sabor é outra. Quando colocamos todas as pessoas na mesma régua, aí podemos comparar. Se o conceito é altura, podemos comparar. Mas Paulo diz que não podemos colocar todas as pessoas na mesma régua, porque cada um é

original, é singular. Nessa igualdade fundamental está a mais maravilhosa diversidade. E por ser diversidade, não podemos dizer o que é mais importante.

Para ver, o olho é mais importante, mas para andar, são os pés, e para jogar futebol também. Aí Paulo começa a brincar com os órgãos. É o conjunto que faz a beleza da Igreja. Se todos fossem olhos, estaríamos perdidos. Já me referi aqui a um romance pesado, mas interessante: “O ensaio sobre a cegueira”, do escritor português José Saramago. Ele imagina uma cidade, onde lentamente, todos ficam cegos, menos uma pessoa. E a vida fica absolutamente sem sentido, porque todos são cegos. O olho é fundamental. É fundamental o braço, para gesticular; os pés, para caminhar; o estômago, para digerir e assim por diante. Se começarmos a perceber que cada pessoa é uma diferença, deixaremos o complexo de inferioridade de lado. O que faz esta sociedade atual são régua que comparam as pessoas, criando complexos. Se for a régua da beleza, colocam uma beldade na frente. Mas nem sempre quem tem beleza física tem bondade no coração. A pessoa pode ser feia, mas ter o coração belíssimo. No céu, Deus poderá ver belezas diferentes.

Temos que começar a pensar que as pessoas, na sua singularidade, têm as suas contribuições. Ninguém precisa ter complexo de inferioridade nenhum, porque podemos ser ótimos numa coisa e péssimos em outra. É naquilo que somos bons que posso contribuir. Paulo pede que cada um ponha a mão na sua consciência e se pergunte: na diferença que existe nesta comunidade, onde está minha singularidade? Que essa singularidade enriqueça o conjunto do corpo. Amém. (20.01.01)

A NOVIDADE DA FÉ (Jo 1, 19-28)

Se tivermos uma memória razoável, vamos nos lembrar do Evangelho que narra o batismo de Jesus na linguagem dos sinóticos – Marcos, Mateus e Lucas. Agora é João que narra o mesmo fato. Aí vocês vêem a diferença enorme nas maneiras de perceber uma realidade. Não podemos nunca interpretar o Evangelho ao pé da letra, porque cada evangelista tem a sua Teologia. Isto é, ele tem uma captação do mistério e quer apresentar-nos esse mistério num sentido diferente. Os sinóticos são mais próximos da descrição, enquanto João é mais teológico e simbólico. Nesse trecho, lemos que a pomba foi vista por João Batista, e quem falou que Jesus era o Filho Amado foi também ele. Nos outros evangelhos era a voz do Pai. É importante perceber a diferença, porque João quer passar outra coisa.

Não é a descrição do fato, isso não precisava porque os evangelistas anteriores o fizeram. Ele quis passar uma teologia mais avançada para os cristãos, porque escreve já no ano noventa, bem mais tardiamente. A Igreja já estava mais constituída e ele quer falar da realidade profunda da nossa relação com o mistério de Jesus. Ele quer mostrar quem é Jesus para nós. No fundo quer responder a estas perguntas: para que serve a lei, por que nós cremos, que novidade a fé nos traz? Será que a fé traz alguma coisa de novo? Eu diria sim e não.

Não, no sentido de que para a fé não basta que tenhamos experiências extraordinárias de vida. Nos alegramos, sofremos, temos depressões, temos momentos de euforia e de tristeza, sentimos dor. Todos os seres humanos fazem as mesmas experiências, cada um com a sua psicologia, com sua afetividade. Nisso somos iguais. Temos ansiedades, temos buscas confusas, idéias claras; em outros dias, idéias mais misturadas. A fé não faz a vida diferente, mas faz com que percebamos e compreendamos a vida diferentemente. E, em fazendo isso, podemos viver diferentemente.

Vou fazer uma comparação. Vamos todos a uma refeição, onde há comidas boas, comidas ruins, comidas envenenadas. Todos comemos. Quem não tem fé talvez pensará que o veneno é mais gostoso, porque já tem o gosto deturpado. É capaz de comer uma substância que lhe fará mais mal ainda e continuar comendo. Mas todos têm a comida. A fé vai ajudando a discernir, a separar os alimentos. Quando comemos um alimento ruim, sabemos que é ruim e nos arrependemos. É o ato penitencial, que fazemos no início da celebração. Quem não tem o senso da fé, o senso de Deus, é

capaz de comer mais ainda. Vai estragando sua vida, fazendo-se infeliz, mais triste, mais aborrecido, porque não distingue o que o alimenta. Não distingue o que o faz realmente feliz, porque sua vida é confusa. A fé é luz e luz é para isso. Todos nós andamos na mesma realidade. Se apagarmos as luzes dessa igreja, ficaremos no mesmo lugar. Com a luz vamos procurar os melhores caminhos. Sem a luz trombaremos nos bancos, mesmo sabendo que eles estão aí. A fé faz com que percebamos os obstáculos e nos desviemos deles.

Muitas vezes pensamos que a fé nos ajuda a afastar os obstáculos. Eles estarão sempre aí. A fé nos ajuda a perceber que o banco (obstáculo) é para sentar e não para passar por cima dele. Quantas vezes pensamos que os obstáculos são para serem saltados? Se fôssemos atletas, talvez conseguíssemos saltá-los, mas, como não somos, só conseguiremos trombar e nos machucar.

A fé é, pois, a luz que vai nos acompanhar, ajudando-nos a discernir, a evitar os obstáculos, a saber como transpô-los e, até mesmo, fazer deles um apoio para a caminhada. Amém. (19.01.02)

JESUS VAI À FRENTE (Mt 4, 12-13a, 17-22)

Esse pequeno Evangelho começa com uma passagem um pouco críptica, isto é, um pouco escondida, um pouco velada. Vamos localizá-la e entender que até bate bem com esses vinte anos de redemocratização do Brasil, que estamos recordando agora. O que aconteceu naquela época? João Batista estava na Judéia pregando, iniciando um movimento que, em termos modernos, chamaríamos de subversivo. Naquela época era um movimento religioso. Jesus vai a esse movimento. É batizado, portanto, reconhecido, apresentado a João Batista. João Batista é preso. Que faz Jesus? Enfrenta a situação logo de cara para também ser preso? Não. Foge. Jesus foge para outro lugar. Volta para sua cidade? Não, porque lá o conhecem. Vai para uma cidade onde não era conhecido – Cafarnaum – e vive a solidão do perseguido, a solidão daquele que sabe que está sendo olhado pela polícia de Herodes, a serviço do Império Romano.

Liguei o fato à redemocratização porque, na década de setenta, muitos no Brasil viveram essa experiência. Foram perseguidos, tiveram de fugir de suas cidades, meteram-se no Araguaia, nas florestas da Amazônia, em Caparaó, entre Minas e São Paulo. Pessoas que tiveram que esconder até o nome. Conheci um casal cujos filhos não sabiam o nome dos pais, porque poderiam ser perguntados e responderiam. O nome pelo qual chamavam seus pais era falso. Para não trair, eles se escondiam. E assim, muitos brasileiros viveram escondidos como Jesus. Viveram a mesma solidão, o mesmo silêncio, a mesma atmosfera de perseguição.

Jesus se viu sozinho. Mas não traiu a sua causa, como esses também não traíram. Continuou trabalhando. Por isso o Evangelho diz que Ele anunciava o Reino de Deus. Era esse Reino que agitava e preocupava a polícia de Herodes e do Império Romano. Porque o Reino de Deus naquela época significaria uma outra sociedade, uma sociedade alternativa, uma sociedade e um mundo diferentes, com outro foco social, ainda que sob a pressão da dominação romana. Jesus sozinho, perseguido, escondido anuncia e vive a solidão. E o que Ele fez dessa solidão? Uma solidão que nós, padres, bispos e o papa, principalmente, muitas vezes sentimos. Diante de uma imensa tarefa, diante de um trabalho gigantesco de anunciar o Evangelho, diante de todos vocês aqui, diante de uma cidade, eu sinto uma terrível solidão. O que posso fazer? Nada ou pouca coisa.

O que Ele fez? Buscou pessoas para trabalhar – coordenadores de

crisma, de catequese. Ele não daria conta sozinho e foi atrás de pessoas. E isso é bonito: Ele busca ajuda. Encontra dois pescadores e pergunta: “Vocês querem trabalhar nessa nova comunidade, abraçar a causa que eu quero anunciar, o movimento que eu quero iniciar?” Talvez Pedro não tenha atinado exatamente o que estava acontecendo. Eles souberam como começaram, mas naquele momento, ele jamais poderia imaginar que, alguns anos depois, seria crucificado na capital do Império Romano. Pobre, pescador, que talvez nem soubesse onde ficava Roma, nem soubesse que o Império Romano fosse tão violento e gigantesco, aceitou ir com Jesus.

Jesus já tinha dois, mas achou pouco demais. Continua caminhando e encontra mais dois. Pergunta: “Vocês querem?” Eles aceitam, na inocência de todos os jovens que entram em grandes causas. Muitas vezes não sabem onde estão entrando, como estão entrando, porque estão entrando e nem para onde irão. Sabem como começam, mas não sabem como continuarão, nem como terminarão. Quando aqueles jovens entraram no movimento de 1968, não sabiam o que os esperava: a morte violenta, tortura, prisão, exílio. Não poderiam imaginar isso.

Não precisamos ir a coisas tão sérias. Podemos começar por vocês que estão aqui nesta igreja. Quando uma mãe dá à luz uma criança, ela sabe quem será essa criança? Sabem o que imaginei hoje, pensando nessa passagem? Imaginei, por exemplo, a mãe de Hitler. Quando ela imaginaria que aquele *meninozinho* bonitinho – chamava-o Adolfo, *Adolfinho* querido – iria levar seis milhões de judeus a um campo de concentração – Auschwitz – e iria matá-los? A mãe nunca poderia imaginar isso! Essa é a coisa mais trágica da existência humana. Os destinos nos escapam. Quando vocês se casam, sabem o que vai acontecer? Sabem dos amores e desamores que vão encontrar na vida? Sabem das alegrias e tristezas? E quando eu fui ordenado padre, lá na Alemanha, como poderia imaginar tudo que iria acontecer na minha vida? É na inocência que nós caminhamos.

Assim foi João, Tiago, André, Pedro. Todos, menos João, morreram mártires. Só que Jesus foi à frente deles. Jesus não os jogou na fogueira e depois ficou de braços cruzados, esperando que se queimassem. Ele passou primeiro pelo fogo da morte, pelo fogo da crucifixão, pelo fogo da paixão. Depois, sim, vieram aqueles que o seguiram. Essa é um pouco a nossa história: caminhar, começar e ter coragem de saber que vamos continuar a caminhada, mas não sabemos o que nos espera e aonde chegaremos. A esperança está dentro de nós, mas a certeza, essa não temos, a não ser na fé. Amém. (23.01.05)

O COTIDIANO DE JESUS (Mc 1, 29-39)

Tem-se, em geral, muita curiosidade em saber o cotidiano de uma pessoa importante. Quando o papa viaja ao Brasil, todos querem saber a que hora ele se levanta, que dentifrício, que sabonete ele usa. É a curiosidade enorme que o ser humano tem pelas pessoas importantes. Saber as mínimas coisas que elas fazem. Sobretudo na cultura atual, com essas revistas que conhecem e contam a vida de cada artista, a cada espirro que dão. Pois hoje nós temos um privilégio. Marcos, de certa maneira, condensa neste Evangelho um dia inteiro da vida de Jesus.

O primeiro ato de Jesus, diz o Evangelho, é ir à Sinagoga. O dia de Jesus começa com sua ida à Sinagoga. A Sinagoga, naquela época, era a escola, era o lugar onde as pessoas estudavam as Escrituras. Era o lugar cultural, o que chamamos hoje a praça, a *ágora*, a universidade, as escolas. Ir à Sinagoga quer dizer que Ele quer crescer no seu conhecimento da Escritura, das pessoas. Em geral, as pessoas traziam problemas, dificuldades, e os rabinos respondiam. Era uma aula bastante participada. As crianças, os jovens faziam perguntas sobre a Escritura. O judeu é ótimo nessa história. Há livros e livros de judeus contando histórias e brincadeiras. Eles gostam de piadas e, para eles, aquele era um momento de prazer. Jesus vai. Passa lá horas conversando, perguntando, respondendo. Termina aí a primeira parte do seu dia.

Depois da escola as crianças voltam para casa, vão comer e brincar. No caso do Evangelho, a senhora que cuidava de todos estava doente e eles iriam passar fome. Como é que a *dona sogra* poderia cozinhar, se estava com febre? Rapidamente, Jesus deu uma *curadazinha* discreta e lá vai a sogra de Pedro preparar a comida para eles. E Ele leva dois hóspedes, diz o Evangelho: Simão e André. É bonita a simplicidade, a intimidade percebida neste Evangelho. Como Jesus tem liberdade de levar duas pessoas à casa de Simão. E eram duas pessoas nutridas, que iriam comer bastante. Já eram quatro homens para comer e a pobre sogra doente para cuidar de tudo. E passa esse tempo de conversa.

Um escritor que entende muito da cultura judaica acha que era durante as refeições que Jesus contava suas melhores parábolas, histórias tiradas da vida. Nessas histórias, Ele deixava passar a amizade, o ensinamento, da forma mais simples, que era por parábolas.

Nós sabemos que o grego também tem toda uma tradição de ensinar

através de fábulas, que nós perdemos muito. Infelizmente, a cultura midiática, eletrônica, da televisão vai acabando com essa cultura que fazia com que as crianças penetrassem cada vez mais nas culturas tradicionais, através de pequenas histórias de fábulas, como os gregos, e de parábolas, como os judeus.

Jesus passa a tarde com essa gente. Provavelmente, com três ou quatro discípulos, e agora com a sogra de Pedro. Não sabemos se Pedro tinha filhos, se a esposa estava presente. Mas, provavelmente, haveria crianças brincando ao redor, perguntando também. Não podemos pensar Jesus parado, estático, um manequim andando.

Quando a tarde vai terminando, quando o sol se põe, porque lá é muito quente, trazem-lhe os enfermos e Jesus começa uma outra maneira de falar. Ele falava pela palavra, falava pela expressão. Primeiro, falou, ouvindo e discutindo na Sinagoga. Depois, falou conversando com as pessoas. Agora vai falar através do gesto, curando-as. Provavelmente, dizia para cada um daqueles enfermos palavras de estímulo, alentava-os. Dizia essas frases normais que qualquer pai, qualquer mãe de família diz para os seus filhos, para os necessitados. E, claro, termina o dia como terminamos: dormindo.

É bonito isso: Jesus dormindo. Naquela época não havia quartos individuais, não havia privacidade, isolamento. Enrolavam-se na própria túnica, procuravam um lugar no chão e ali dormiam, na simplicidade. É bonito pensar Jesus deitado no chão, ao lado de Pedro, ali roncando. É lindo pensar isso! Porque somos acostumados a pensar num Jesus de cara feia, andando sobre as águas. E agora Ele está dormindo no chão. Uma cena comum, nada diferente. Nós esquecemos tudo isso, essa humanidade fabulosa de Jesus.

Quando já se fazia o mais absoluto silêncio, todo mundo já *nos braços de Morfeu* (*), Jesus sai para rezar. Esse é o seu lado místico, que muito nos encanta. Ele era um grande místico. Já alta madrugada, sem que ninguém perceba, Ele vai para um lugar deserto e se entrega, se joga no mistério infinito de seu Pai. Aí a minha fantasia acaba, minhas palavras desaparecem. Ele mergulhava em Deus Pai, naquele que o enviou. É nele que Ele mergulha para, no dia seguinte, começar de novo a mesma rotina.

Já de manhã, os apóstolos notam que Jesus não estava e saem correndo atrás dele, embora naquela época não houvesse seqüestro. Onde poderia estar Jesus? No silêncio, na contemplação, na meditação, na

entrega. Eles não entendem nada. Eles nunca entenderam a profundidade existencial de Jesus! Jesus aceita. Deixa sua oração e vai com eles. Jesus não queria ser preso por ninguém, não queria ser de um grupinho apenas. Ele era de todos. Aí está a universalidade de seu amor, esta acolhida de todas as pessoas, de todas as cidades.

Já falei muito aqui em Cafarnaum, vamos para outra cidade! E vai recommençar um novo dia. Um dia atrás do outro. Amém. (08.02.03)

(*) referência ao deus dos sonhos, na mitologia grega.

SABEDORIA E LUZ (Mt 5, 13-16)

Essas palavras que Jesus nos deixou, e que Mateus inseriu no contexto do Sermão da Montanha, são tão simples e tão óbvias que, se as tomarmos literalmente, não precisam de explicação. Todo mundo sabe para que serve o sal. O próprio Evangelho diz que, se ele perde a força, fica insosso, isto é, sem gosto. Todo mundo sabe para que serve a luz. Mas será que Mateus não disse algo mais profundo? Será que é apenas essa dimensão de tornar a vida mais saborosa ou não deixar que uma comida se corrompa? Será só isso? O cristão é que dá gosto à vida, aquele que impede o avanço da corrupção? Será que não há nada mais? Será que a luz é simplesmente para espantar as trevas, para afastar a escuridão, para que as pessoas possam caminhar? Será que não há uma lição mais profunda, mais política neste sermão? Eu creio que sim.

Mateus não pensa na pessoa, mas na comunidade. Ele não pensa numa atividade individual, de tornar a vida um pouco mais saborosa. Isso é importante, mas é pouco para Mateus. O cristão é chamado a ser mais.

Tomemos a palavra sabor. Sabor tem a mesma raiz que saber. Sabedoria, saber, sabor. De tal maneira que, em português clássico, pode-se usar o verbo saber para gostar. O cristão não só dá sabor, mas ele sabe. Quem sabe é aquele que tem sabedoria. E quem tem sabedoria? É aquele que recebe uma tradição, capta-a e transmite-a às gerações vindouras. É disso que temos necessidade. Estamos superinformados. Informar é fazer circular as notícias. Isso faz a televisão, o Jornal Nacional, fazem todas as televisões. Informam, mas não transmitem nenhuma sabedoria. Pelo contrário, transmitem uma *desabedoria*. Arrancam-nos o conhecimento. Hoje temos necessidade de pessoas que sejam capazes de pensar a realidade, interpretá-la e transmitir às gerações seguintes. Isto é que é sabedoria.

Jesus imagina que nós, cristãos, que nossa comunidade – não só as pessoas mais velhas, mas todos, até as crianças – capta, apreende alguma coisa, uma experiência mais profunda. Pensa, refaz essa experiência na sua vida e transmite-a, para ajudar outras pessoas a encontrarem o seu caminho. Há muitos descaminhos, porque há pouca sabedoria. Há pouca transmissão e muita informação. Nunca fomos tão informados, mas tão malformados. Somos malformados porque falta transmissão, falta sabedoria.

Não haverá também um sentido político quando Jesus fala da luz? Reparem a imagem que Ele usou: “Nenhuma cidade construída no alto da montanha pode deixar de ser vista”. Provavelmente aludia a Jerusalém – cidade no alto de uma montanha. O judeu, quando subia para fazer a sua peregrinação, de longe já avistava a cidade e via aquele imenso Templo, cuja cúpula brilhava. Os discípulos admiravam-no e, diante dessa admiração, Jesus afirmou, para espanto de todos: “Não ficará pedra sobre pedra”. E, de fato, no ano setenta, os romanos destruíram aquele Templo.

Mas a imagem de Jesus quer dizer que nós, cristãos, somos cidades na montanha. Não devemos esconder a fé, esconder o nosso compromisso. Estamos entrando agora num ano político, num ano eleitoral. Para quê? Para arregaçar as mangas, para fazer com que a cidade da fé apareça. Não para a nossa glória, mas para o bem da sociedade. Temos palavras bonitas para dizer no momento atual, para iluminar a nossa realidade, para inaugurar uma outra perspectiva para este país, metido, chafurdado em tanta corrupção, tantas jogadas baixas, tanta criminalidade. Devemos ter palavras bonitas para esta sociedade e aí está este Evangelho dizendo: sejamos uma cidade bem alta, bem iluminada para que ela possa indicar um caminho, um norte, um oriente, porque as pessoas estão desorientadas, desorientadas. Não têm o norte da bússola e nem o oriente, onde nasce o sol. Amém. (09.02.02)

O MISTÉRIO SE ENCONTRA NO SILÊNCIO ***(Mt 6, 1-6. 16-18)***

Este é o tempo bonito da quaresma. Bonito pela beleza interior, pelos toques do Senhor, pela presença maravilhosa de Deus, que não se cansa de imergir-se no mais profundo da nossa história. A Igreja é uma grande pedagoga. Ela sabe que nós, seres humanos, precisamos usar os nossos sentidos. Somos muito sensíveis, somos seres ligados a essas cinco janelas que Deus nos deu: olhos, olfato, ouvido, tato, paladar. Cinco janelas belíssimas, e das quais a Igreja quer nos falar. Ela pensa em como acordar essas pessoas que andam sonolentas pela história, que nunca se despertam para valores maiores. Divide o ano, para que não pensemos que todos os dias são iguais, anódinos, descoloridos, sem sons, sem graça, insossos, aborrecidos, tediosos. Quer que as pessoas percebam que os dias são diferentes. Muda as cores, porque nosso olhar é feito para captá-las. Se não somos daltônicos nem acrômicos, conseguiremos perceber e distinguir as cores.

E a Igreja diz: verde – a esperança, por mais tempo, quase todo o ano. Sempre verde, para que as pessoas não desanimem, não se aborreçam. Que entrem na igreja e saiam verdejantes de esperança. Mas também há de se perceber que a vida é séria. Escolhe a cor roxa, para que, olhando para o roxo, todos se perguntem: o que aconteceu? Por que o roxo? Porque é uma cor assim mais sombria, mais escura, mais meditativa, mais silenciosa. Parece que o roxo não grita. O branco grita. Preto chama a atenção. O azul pacifica. O roxo serve para a tranqüilidade. A Igreja quer que nós, durante quarenta dias, fechemos um pouquinho as janelas dos sentidos, corramos um pouquinho as cortinas de nossa sensibilidade para nos voltarmos para dentro. Não para pensarmos em nós mesmos, não para nos fecharmos no individualismo, saturados e aborrecidos, enojados e entediados. Não! Que fechemos as janelas para encontrarmos o mistério que habita o mais profundo do nosso coração.

Deus é tão lindo, tão maravilhoso que não quis ficar trancado na Trindade Santíssima e Eterna, longe de nós. Quis entrar, viver, acompanhar nosso cotidiano. Deus quis sofrer os nossos dilemas, sorrir os nossos sorrisos, molhar-se com as nossas lágrimas, ouvir os nossos sussurros. Ele entrou dentro de cada um e está aí, no mais fundo de nós. Quando vocês mergulharem bem fundo, mas muito mais fundo do que as minas de

Morro Velho (*), aí sim, encontrarão esse mistério radical.

Quaresma é um pouco para isso. Para que aumentemos esse tempo tão bonito. Os contemplativos rezarão muito mais. As Clarissas (**) passarão a noite inteira rezando. Não há um instante sequer num mosteiro em que não haja alguém rezando. Onde quer que estejamos, metidos lá no fundo dos nossos sonos, saibamos que há uma vela sempre em oração em todos os conventos de Carmelitas, de Clarissas do mundo inteiro. Atravessarão as vinte e quatro horas para que, em nenhum instante sequer, a humanidade deixe de ser sustentada por suas orações. Que mulheres maravilhosas! Se não fossem elas não estaríamos aqui, não teríamos força, não teríamos coragem, não teríamos energia, não teríamos nem vindo aqui nesta igreja. Vocês pensam que vieram por qualquer coisa? Vieram porque habita o coração de vocês a força trinitária de Deus. E habita mais feliz ainda, porque Ele sabe que há velas luminosas nesse universo que estão lhe dizendo: “Deus eterno, nós, criaturas, também vos amamos. Não sois vós, somente, o apaixonado por nós. Também somos apaixonados por vós, ó Deus!” É uma troca de paixões. Amor só existe onde há troca e mistura, onde há idas e voltas. O nosso amor volta-se para Deus, porque o amor de Deus voltou-se para nós.

Quaresma é essa mistura de amores. Nós devíamos sair mais puros, mais transparentes, mais bonitos, mais repousados, mais silenciosos, mais meditativos, mais santos – desculpem a gíria: mais *sarados*. Não pelas academias, das malhações, mas sarados interiormente das nossas doenças, das nossas feridas, das nossas mágoas, das nossas tristezas, das nossas dores.

Na soma de tudo isso, pensem que não há uma dor sequer que vocês sofreram que Deus não tenha sofrido também. Não há um pecado sequer que tenhamos cometido, que Deus não tenha assumido na sua dor. Não porque o ofendemos, mas porque nós nos ofendemos e Ele sente e sofre com isso. Se descobirmos um pouquinho mais de Deus, se criarmos uma outra compreensão dele, valerá a pena vivermos a quaresma. Que tenhamos mais tempo de silêncio, de recolhimento em nossos quartos ou em algum lugar qualquer, onde sintamos e ouçamos o silêncio. Para que tenhamos coragem de nos encontrar com o mistério que habita o nosso coração. No ruído e no barulho dos rádios e das televisões, vinte e quatro horas gritando e chiando por aí fora, é difícil, quase impossível, esbarrar com o mistério que vem de Deus. Amém. (13.02.02)

(*) referência à Mina de Morro Velho, no município de Nova Lima
- MG
(**) da ordem religiosa fundada por Santa Clara

A ACOLHIDA PELA PELE (Mc 1, 40-45)

Diante da narrativa de um milagre, prefiro sempre perguntar o significado, o dado simbólico, ao invés de ficar preso à maravilha material da cura. Porque essas maravilhas materiais os nossos médicos hoje conseguem fazer. Muitas doenças que levaram a humanidade à morte, hoje são vencidas facilmente pela medicina. São os milagres que nós, seres humanos, vamos produzindo na história. Mas o sentido do mistério, do milagre, esse sim, é próprio de Jesus. Hoje Ele curou a pele. A pele é a nossa exterioridade, a nossa comunhão com o mundo. Pela pele percebemos que faz frio ou calor, que alguém está ao nosso lado. A exterioridade faz com que sejamos aceitos ou rejeitados. Se entrar alguém, todos logo olham. Olham para a pele, para o formato do rosto. É isso que mostramos, e Jesus vai lá, no mistério profundo da pele humana, e toca. O leproso deixou-se tocar.

Certa vez, li uma crônica de Affonso Romano de Sant'Anna (*), em que ele falava da suportabilidade que a nossa pele tem da presença do outro. Ele dizia que, se olhássemos os animais, perceberíamos que até a uma certa distância eles nos toleram. Se nos aproximamos muito, o cão começa a latir. O antílope resiste à distância de um quilômetro e meio. A lagartixa fica quietinha até encostarmos o dedo. Os animais resistem mais ou menos à presença da pele do outro. E é por isso que essa analogia nos leva a pensar nos seres humanos.

Como nos comportamos? Há pessoas que não toleram a presença física do outro e logo se afastam. Outras conseguem aproximar-se. O que se passa conosco? O que a nossa pele rejeita ou recebe? A quem rejeita e a quem recebe? Jesus quer curar em nós essa incapacidade que a nossa pele tem de suportar o diferente, o feio, o de outra etnia, o de outro cheiro. Quanta dificuldade temos com outros cheiros! Nunca pensamos que o milagre que Jesus fez foi possibilitar àquele leproso ser tocado, abraçado, beijado. Até então, ele não podia ser tocado por ninguém e também não podia tocar ninguém. E Jesus fez questão – o Evangelho diz: tocou-o. Jesus fez questão de tocá-lo.

Lembro-me de uma vez em que uma mãe assistia à missa das crianças e, depois de ver as crianças se abraçando, procurou-me e disse ser incapaz de abraçar o seu filho. Será que nossa formação moralista, o egoísmo nos fizeram incapazes de encontrar as pessoas? Será que perdemos o

encanto, a inocência? Será que os nossos olhos ficaram carregados de tanta maldade, de tanta perversidade, de tanta imoralidade que a pele não é para nós o lugar da beleza, o lugar do encontro e sim da malícia, do medo? Isso é muito sério. Jesus nos evoca a certeza de que não há corpo que devemos rejeitar. Aquele corpo mais rejeitado da época, que era o leproso, é exatamente esse que Jesus toca, abraça e acolhe.

Muitas vezes andamos pela rua e temos medo das pessoas sujas, fedorentas e nos afastamos, porque esses corpos nos causam repulsa. Teresa de Calcutá passava pelas ruas e, quando encontrava um agonizante nas sarjetas, agarrava-o, carregava-o, limpava-o, deitava-o sobre uma cama limpa para que ele morresse dignamente. Não era para curar, mas para que morresse em lençóis limpos. É importante esse capricho com o corpo, essa acolhida pela pele.

Mas não é só a pele feia, repugnante que nos afasta. Lembro-me de uma menina linda, que me disse que o que mais a incomodava era não saber se a beleza física produzia amor ou apenas desejo. Ela tinha um profundo complexo de não ser amada e até hoje não consegue manter uma relação normal. Separou-se duas vezes e está sozinha. Nunca soube se sua beleza era para despertar o amor, a cobiça, a concupiscência. Ela tinha a terrível incerteza de ser amada. Portanto, tanto a beleza quanto a repugnância causam a dificuldade de sermos acolhidos.

Jesus, ao curar o leproso, quer dizer para todos nós, cristãos, que nem a beleza, nem a feiúra, nem o cheiro, nem a cor são critérios para que as nossas peles se aproximem. Amém. (15.02.03)

(*) escritor mineiro, nascido em Juiz de Fora

TRANSFIGURAÇÃO É A NOSSA RESERVA DE LUZ (Mt 17, 1-9)

Esse Evangelho, à primeira vista, parece a narração de um fato da vida de Jesus – fato bonito, luminoso: Jesus transfigurado no alto da montanha. Mas será que o Evangelho está nos dizendo apenas isso? Ou quer dizer outra coisa bem diferente, muito mais profunda?

Vou fazer uma comparação. A tecnologia já criou uma realidade muito simples: as pilhas solares. Um relógio com pilha solar se alimenta com a luz do sol e funciona também à noite. Temos também a maneira de captar a luz solar e transformá-la em energia para aquecer as águas. Imaginem vocês se também pudéssemos fazer essa experiência em nossa vida?! Iremos atravessar uma noite muito escura. Estamos num descampado onde não há nenhuma luz, a escuridão mais tenebrosa. Imaginemos se, antes, pudéssemos mergulhar na luz. O nosso corpo se tornaria um grande vaga-lume resplandecente, e aí poderíamos atravessar a noite tranqüilamente, porque iluminaríamos, com o nosso corpo, a noite escura. Essa era a experiência de Jesus.

Ele iria atravessar uma noite escura, que é a sua vida, difícil, com muitas contradições. Iria atravessar uma semana muito escura – a semana da paixão. Iria atravessar um dia muito escuro – sexta-feira santa. Iria atravessar três horas de tremenda escuridão – a agonia na cruz. Iria atravessar um instante terrivelmente escuro – o abandono do Pai. Foi a noite mais escura da história da humanidade, porque o Filho sentiu-se abandonado por seu Pai – Deus. O que fez Jesus? Antes de entrar numa noite escura, Deus Pai o coloca numa noite bonita, ou melhor, num dia fulgurante – a transfiguração. Ele se carrega da luz da ressurreição, que é a fé, a esperança, a perspectiva mais reluzente. Ele se ilumina da ressurreição para atravessar obscuramente toda a sua vida. Naquele momento mais escuro de sua vida, quando atravessaria a noite mais noite, Ele sabia que carregava a luz da ressurreição. Por isso, Ele termina a vida dizendo: “Pai, em tuas mãos entrego o meu Espírito!”

Assim é a nossa vida hoje. Nós temos noites escuras. Noites de mortes, de sofrimentos. Como podemos atravessar essas noites? Se antes tivermos mergulhado na luz profunda de Deus. Só mergulhando na luz da experiência profunda de Deus, nessa experiência que Jesus e os apóstolos fizeram. Por isso, o evangelista coloca os mesmos três que estariam no

Horto das Oliveiras e no Calvário, ao lado de Jesus. São os mesmos que estão hoje no alto do Tabor. Para que, naquele Tabor, eles assumissem, absorvessem a luz que lhes poderia iluminar a vida, no momento em que Jesus estivesse morto no Calvário. Tudo isso é uma Teologia muito profunda. Não são fatos, é Teologia. É um eco de profundidade.

Por isso, nossas experiências religiosas são fundamentais. É um banho de luz para atravessarmos as noites, que sempre virão. Não há humanidade que não experimente a noite, não há pessoa que não tenha seus momentos difíceis. Mas aí delas, aí de qualquer pessoa que nunca mergulhou na luz profunda de Deus, porque aí sim, a noite é só noite. Ela não irá irradiar nenhuma luz, porque não a terá dentro de si. Cada celebração, cada comunhão do Corpo de Jesus, cada participação comunitária, cada vez que a nossa fé se acende como uma vela, de certa maneira, nós transformamos essa luz em nossa existência e poderemos irradiá-la ao longo da vida. Não haverá nenhum momento sequer que poderemos dizer que é noite total em nossa vida. Mesmo aqueles judeus que estiveram em campos de concentração nazistas, quando viam milhares de irmãos sendo conduzidos para as câmaras de gás, se eles tivessem a luz do Cristo ressuscitado, não seria tudo noite.

Há o caso de um pastor protestante que, quando os nazistas chegaram para prendê-lo e levá-lo para a morte, caiu de joelhos e o seu corpo se iluminou. Levantou-se e foi tranqüilo para a morte. Poucas horas depois, os aliados tomaram a cidade e o teriam libertado. Morreu mártir de sua fé. Esse homem, sim, por ter mergulhado no Evangelho, espelha a transfiguração.

Portanto, não é um conto da Carochinha que ouvimos agora. Nós ouvimos uma experiência da nossa vida. Ou mergulhamos profundamente no mistério glorioso de Deus para iluminar nossa existência, ou nos perderemos. Andaremos pelos escuros da história, sem *eira nem beira*, resvalando-nos por todos os lugares, porque não haverá nenhuma luz para guiar os nossos passos. Amém. (23.02.02)

ALEGRIA SE CELEBRA COM ALEGRIA **(Dt 5, 12-15/ Mc 2, 23-3,6)**

A liturgia não foi feita no Brasil. Aqueles monsenhores em Roma, que pensaram esse texto, não sabiam que os brasileiros estariam no carnaval, porque na Europa carnaval não significa nada. Carnaval é do outro lado do hemisfério, do oceano. Mas esse texto tem relação com carnaval.

Jesus trata do sábado. Sábado é um rito. Rito significa que nós, seres humanos, que temos um dia-a-dia normal, escolhemos algumas coisas que achamos importantes, porque respondem a experiências profundas de nossa vida e as marcamos com uma celebração. E, em celebrando estes fatos, recordamos o que eles significam. É isso que a cultura faz. Vou tomar uma data mais normal, que costumamos celebrar todos os anos, que é o aniversário. Todos vivemos os dias normais do ano, sem novidade. Chega um dia que nos lembra o nosso aniversário. Lembra-nos que estamos vivos. Aniversário é um rito que inventamos para lembrar uma experiência importante: nascemos e estamos vivos. Estamos vivos todos os dias, mas celebramos somente uma vez no ano. Se celebrássemos todos os dias, perderia a graça. O rito se repete num certo ritmo, mas não pode ser todos os dias.

Assim também o povo judeu celebra o rito do sábado. Para recordar o que ouvimos na primeira leitura. Eles eram escravos. O escravo trabalhava de segunda a domingo. Não tinha descanso, feriado, nada. De repente, o povo se liberta, sai da escravidão e exige fim-de-semana. No início da industrialização, naquela *celebérrima* Inglaterra, onde começou a revolução industrial no século XVIII, obrigavam as pessoas a trabalharem noite e dia. As mulheres dormiam nas fábricas para trabalharem mais. Foi a luta operária que começou a exigir um dia livre no trabalho. Começou com o domingo, e agora já estamos tão acostumados, que não tem mais graça nenhuma. Tudo vira *feriadão*.

O povo de Israel precisava guardar seriamente o sábado. Foi uma grande conquista da liberdade. Portanto, uma celebração fundamentalmente social. Eles ofereciam a Deus esse dia de descanso. O descanso é importante. Todas as vezes que esquecemos a origem do rito e o tornamos uma coisa nele mesmo, ele perde o valor. Foi o que fizeram os fariseus. Esqueceram a origem do rito, que era a liberdade, não a escravidão. Começaram a

ficar escravos do sábado. Aí Jesus dá aquela *lambada*: Não viram que os meus apóstolos, em dia de sábado, colheram as espigas para comer porque estavam com fome? Vocês acham que no dia da liberdade, por causa da liberdade, devemos passar fome? Se é dia da liberdade, precisamos nos alimentar e, se para alimentar, precisamos arrancar espigas, por que não fazê-lo? Jesus tem bom senso.

Agora vamos olhar o carnaval. É a mesma coisa. Primeiro, quem criou o carnaval foi a *Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana*. É criação da Igreja e não de uma escola de samba da Bahia. Era para lembrar que começaria uma época em que não iriam comer carne. *Carne vale* – adeus carne. A Quaresma naquela época era séria, não essa *quaresminha* vagabunda que temos hoje não. Era quaresma prá valer. Entre os dias comuns e uma época que era como um túnel escuro, de sacrifício, o povo criou um rito necessário, de alegria, de folguedo, de liberdade. Viveriam dias alegres, para depois viverem os dias escuros da Quaresma. Carnaval é, então, um momento de alegria, mas alegria para preparar um momento de conversão, e não para ficarem estourados pelas ruas.

Esquecemos a origem do carnaval, que é alegria, é festa. Alegrar, festejar é extremamente sadio. Até o nosso organismo produz substância química que nos dá alegria, nos dá prazer, nos dá gosto de viver. Mas quando esquecemos essa origem e transformamos o folguedo naquilo que não é mais motivo de alegria, invertemos o carnaval. Lotam-se os hospitais, aumenta o número de acidentes. Em vez de alegria, é tristeza, é sangue, é droga, é crime, é morte. Vejam quanta burrice fazemos! Transformamos o que é festa, o que é alegria, em irresponsabilidades. Ninguém se alegra em meio a crimes, a acidentes, a mortes. O carnaval é para que nos alegremos, na liberdade. Exatamente como Jesus queria que fosse o sábado de Deus – dia de alegria, de festa. Se precisasse comer, comeriam; se precisasse cozinhar, cozinhariam. Que não ficassem presos aos rigorismos daqueles sisudos fariseus, que não deixavam que as pessoas, no dia da liberdade, fossem livres. Amém.(04.03.2000)

ORAÇÃO, ESMOLA E JEJUM (Mc 6, 1-6, 16-18)

Depois dos folguedos de carnaval, que eram festejados em um dia, hoje são três e, em alguns lugares, duram vários dias, o importante é compreender um pouco a pedagogia humana.

Para entrar em relação com Deus, não precisamos de nenhum traje social. Deus é infinito. É o que há de mais íntimo em nós mesmos. Não precisamos de sinal nenhum. Nós somos a história, somos o cotidiano. Somos carregados por este corpo e, com ele, precisamos ser educados. O que nos educa são os sinais. Quantas vezes eu já lhes disse isso: O corpo se alimenta de comida, o espírito de símbolos e sinais. Seremos tanto mais humanos, quanto mais os sinais nos falarem. Rezar é um sinal, jejuar é um sinal, dar esmolas é um sinal. Mas sinal de quê? Este é o problema.

Se eu coloco esta túnica, qualquer criança já sabe que estou pronto para entrar no altar, porque ela já viu que este sinal eu uso somente para celebrar. Não vou entrar numa cozinha de túnica, porque estragaria o sinal. O sinal é revestido, fecundado pela cultura, por realidades que nos falam.

E oração, que sinal é? Sabe o que acontece conosco? Nós somos como um ângulo e, à medida que vamos crescendo, esse ângulo vai aumentando e poderá chegar a abraçar o infinito. Esse nosso *angulozinho*, esse nosso cotidiano, esse nosso *arroz-com-feijão*, esse nosso trabalhinho parece pequeno. Mas quando rezamos, é como se o nosso ângulo se abrisse. É como se nos abrissemos ao infinito e abarcássemos a Trindade. Na oração, nós abraçamos o infinito, porque nela os nossos braços se estendem, como se alcançássemos a própria Trindade. É por isso que oramos: para sermos infinitos quando rezarmos. No silêncio, na contemplação, aqui na igreja, onde vocês estiverem, no momento em que vocês entram em oração, é como se se abrissem ao infinito. E o infinito não cabe dentro de vocês. É como aquela historinha tão bonitinha de Santo Agostinho. Ele estava passeando na praia, pensando na Santíssima Trindade, e aparece uma criancinha, que ia até o mar com um pequeno balde. Pegava a água do mar e jogava num buraquinho. O santo perguntou: “Menino, que fazes?” E ele respondeu: “Eu quero colocar todo o mar nesse buraquinho, como tu queres colocar toda a Trindade na tua cabeça”. Assim é na oração: aquilo que a criancinha quis mostrar simbolicamente, quando disse que o oceano não caberia num buraco pequeno. Podemos dizer que a Trindade cabe

dentro de nós quando rezamos.

Pascal (*) disse que o ser humano é maior que ele mesmo. Somos maiores que nós mesmos quando nos abrimos. Do contrário, somos animais e somos menos do que nós mesmos. Quanto mais animais formos, menos seremos. Quanto mais simbólicos formos, maiores seremos. Querem ser gente? Abram-se. Querem ser animais? Fechem-se. Somos gente. Podemos olhar, contemplar. Podemos nos abrir. Que nessa quaresma vocês se abram, sejam mais fortes que vocês mesmos.

A esmola. É símbolo de quê? Ao longo da história, a esmola salvou milhares de pessoas. Basta voltar atrás e lembrar um exemplo da Idade Média. Praticamente toda a Europa vivia na extrema pobreza. Quando havia uma má colheita, chegava-se à extrema miséria. Os que dispunham de bens podiam salvar a vida dos outros. Não é um dar como se estivesse jogando fora alguma coisa que não serve mais. É olhar para o outro que precisa viver e saber que eu quero e posso lhe dar a vida. Aquilo que os pais podem fazer quando geram vidas no seu corpo, nós podemos fazer com a esmola. Podemos dar vida às pessoas que estão famintas, que necessitam. Muito mais do que da comida, do dinheiro, necessitam de um toque, de um carinho, de uma presença. Esse é o maior sentido da esmola. Toda vez que algo sai de nós para que o outro viva, nós vivemos mais ainda. Nós crescemos é na vida! A esmola não é perder, não é para fora, não é para menos, porque é mais vida que se gera em torno de nós, dentro de nós.

E o jejum? Barriga vazia para quê? Nada disso. Quem pensa assim não entendeu nada. Jejuar, biologicamente, é comer menos. Isso eu fiz todos esses dias. Estava sem apetite e não comi quase nada. Todas as pessoas que tomam soro nos hospitais jejuam. Não é isso. Jejum não é um ato, é símbolo. Comer menos é machucar o nosso estômago.

Nós temos, pelo menos, três grandes tradições culturais.

A primeira é a grega. Ela diz o seguinte: nós somos corpóreos e espirituais. Nós pensamos e precisamos comer. E quanto mais nos aprofundamos na comida, mais restringimos a nossa capacidade de pensar. Quem se enche de comida e bebida dá conta de analisar um axioma matemático? De certa forma, precisamos dizer para o corpo que dê espaço para o espírito. Isso é jejum. Não seja só corpo, não seja só comida, bebida, não seja só sentidos imediatos, não se preocupe só em agarrar, pegar para si. Dê espaço para o espírito. Deixe que sua inteligência e sua memória possam pensar. Que você possa sonhar, imaginar coisas bonitas. Possa deixar que alguma coisa maior nasça de seu coração. Que nasça

uma intuição, uma beleza, um símbolo. Que vocês possam dar para as crianças algum exemplo. Elas, que são extremamente espirituais. Dê-lhes um lápis e um papel e serão capazes de passar horas e horas rabiscando. É o Espírito que faz com que elas misturem cores e façam coisas bonitas. É isso que é o Espírito. Jejuar, para o grego, é deixar que o corpo dê espaço para o espírito.

O judeu pensava em Javé e dizia: “Jave, tu és dono de tudo, eu não posso lhe dar nada”. De que Deus precisa? De vaca, de boi? Deus não precisa de coisas. Ele tem tudo. Aí o judeu dizia: “É verdade, Javé, que tu tens tudo. Mas eu posso dar-te alguma coisa. Eu vou colocar aquilo que eu quero te dar no meu coração”. Jejum é dizer para Deus que, apesar dele não precisar de nada, eu quero lhe dar. “Hoje, eu vou lhe dar esse pouco, esse desejo, isso que estou vivendo aqui. Eu sei que não precisas, mas eu preciso mostrar-te o meu amor”. É isso. Deus não precisa, mas eu preciso dar a Ele o meu amor. É como entre esposos que se colocam disponíveis. Isso enche o coração. O jejum é dizer pra Deus que nós o amamos tanto, que lhe damos essas migalhinhas, para sentirmos o gosto de amar.

Uma tradição mais simbólica ainda. O nosso ser vai-se envolvendo em uma quantidade de penduricalhos. Eu começo a criar tantas manias, tantas necessidades, que o meu ser fica carregado. É como se houvesse escamas pelo meu corpo. Eu preciso raspar essas escamas para que o meu ser volte à sua limpeza. É como aqueles carros antigos, já enferrujados. É preciso passar um *kaol* para tirar a sujeira. O jejum é o depenar o nosso ser de um monte de acréscimos. Temos que perguntar quais são os acréscimos que estamos colocando em nosso ser, tornando-o feio, avariado, desfigurado. Estamos cheios de coisas e o ser só é bonito na transparência e na limpidez do que ele é. Amém. (05.03.03)

(*) referência a Blaise Pascal, filósofo francês do século XVII

AS CEGUEIRAS EM NOSSO DIA-A-DIA **(Jo 9, 1-41)**

Esse texto foi a catequese batismal da Igreja primitiva. Esse milagre é aquilo que vai acontecer amanhã, com as crianças que vamos batizar. Elas virão aqui e passarão por aquela água de Siloé. Entrarão cegas, não da cegueira física, porque seus olhinhos estarão faiscantes de vida. Entrarão cegas, porque ainda não participam da plenitude da vida comunitária. Passarão pelas águas de Siloé e seus olhos se abrirão para a presença do Espírito, que vai movê-las.

Numa segunda camada, percebemos que cegos somos nós até hoje. Já passamos por aquela pia, já lavamos os nossos olhos. Mas tanta lama da história, tanta lama de nossas experiências, tanta lama do que ouvimos, do que percebemos, sentimos e sofremos escureceu os nossos olhos e ficamos cegos. Precisamos de outro Siloé. Outro batismo não é mais possível. É um só. Podemos passar pelas águas da confissão, do sacramento da Penitência, e todas as vezes que passamos por ele, passamos pela fonte de Siloé.

Mas a grande fonte de Siloé é este altar que está aqui. Quando se aproximarem para receber o corpo e o sangue do Senhor, estarão banhando-se nas águas da fonte de Siloé. E as cegueiras diárias que têm vão-se curando. Quando voltarem a seus lugares, não terão os mesmos olhos. Vieram com olhos ainda embaçados de raivas, de pecados, de curiosidades, de tantas coisas mesquinhas que há nesta vida. Chegaram e a cada passo que derem rumo ao altar, irão caminhando para o Senhor. Quando o encontram, mergulham nas águas de Siloé. Quando voltam, não voltam os mesmos. Já perceberam isso? Vocês voltam carregados de eternidade, carregados da luz que irão irradiar ao longo de toda a semana, para que, na semana seguinte, venham novamente fazer o mesmo percurso. Dez, cem, mil vezes, até uma última vez, como quando eu entrei no quarto da Lya (*), e ela estava recebendo o corpo do Senhor. Até aquela última vez, quando o Senhor vai entrar dentro de cada um e abrir-lhe os olhos, mesmo que estejam se perdendo para as luzes terrenas. Eles se abrirão para as luzes do Senhor, que é a grande e maravilhosa Siloé. Nesse momento os nossos olhos verão o Senhor glorificado, de um modo claro, transparente, não sacramentalmente, mas na realidade.

Terceira camada. Cega é a cultura, é a cegueira social. A nossa

cultura vai caminhando cegamente por esse mundo. E eu me perguntava, quando pensava em todos vocês: o que vou dizer-lhes da cegueira de nossa cultura? Eu vejo várias cegueiras. Elas nos afastam de Siloé, nos afastam daquela água, nos afastam da água da reconciliação, da água da Eucaristia, nos afastam da água do amor. Por isso nossa cultura é cega. Cega, porque mercantiliza, porque transforma em mercadoria todas as coisas que toca, até as mais sagradas. Talvez seja como aquela varinha mágica, daquela rainha, daquela fada tão presente nas histórias das crianças. É uma fada perversa, que vai tocando todas as coisas, as coisas mais lindas, mais sagradas, e vai transformando tudo em mercadoria – mulher-mercadoria, corpo-mercadoria, amor-mercadoria, religião-mercadoria, relações-mercadoria, missas televisivas-mercadoria.

Como nossa cultura é cega! Não vê o amor, não vê a beleza, não vê coração. Não vê a beleza de nossas relações, não vê a beleza dessa criança sentada aqui na frente, não vê a beleza da inocência. Vai mercantilizando, vendendo e comprando, negociando. E sabemos que existe toda uma indústria para perverter as crianças. Pensemos nisso: nesses programas, nesses artistas que espalham sorrisos falsos e vão enchendo de imundície, de sexualização os corações puros de nossas crianças. Essa cultura é cega. Cega, como escreve Saramago (**), naquele belíssimo romance “Ensaio sobre a cegueira”. É como aquele motorista que pára diante do sinal, não pode arrancar o carro porque ficou cego. O sinal é a história, o carro é a nossa cultura, que pára e não vai para frente. Os carros de trás buzina e ninguém consegue andar mais, porque ficaram cegos. Precisam ser arrancados do carro e serem conduzidos aos hospitais e, pouco a pouco as pessoas vão ficando cegas, até a sociedade inteira ficar cega. E o que acontece quando a sociedade fica cega? Acordam-se-lhe todos os instintos animais e começa aquela luta por comida. Invadem supermercados, quebrando tudo, empurrando e machucando as pessoas, matando, esfaqueando tudo. A descrição de Saramago é de uma beleza extraordinária, retratando essa cultura que estamos vivendo hoje.

Mas existe Siloé, existe essa água. E sabem quem são essas águas? Cada um de nós, cristãos. Cada um de nós é um poço, e podemos encontrar, dentro de nós, a água de nossa fé, de nosso amor, de nossa bondade, de nossa acolhida, de nossa compreensão, de nossa tolerância, da reconciliação. Essa água vai sendo borrifada sobre nossa cultura e vai limpando-a de toda a sujeira. Assim, de repente, os olhos se abrem e perguntamos: “Senhor, quem é o Filho do Homem?” E o Senhor diz: “Sou

eu que estou falando com vocês!” Amém. (05.03.05)

(*) referência a uma paroquiana, recentemente falecida.

(**) José Saramago, escritor português, detentor do Prêmio Nobel de Literatura

A GRANDE TENTAÇÃO DE CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR (Gn 9, 8-15/Mc 1, 12-15)

Uma palavra sobre a primeira leitura. Antes, imaginávamos que a Escritura descrevia os acontecimentos. Ficávamos preocupados com a quantidade de água, com o tamanho da arca. Felizmente, todas essas curiosidades desapareceram, possibilitando-nos entender mais profundamente essa leitura, que é muito simbólica. Ela quer deixar uma lição que vai para além dos acontecimentos. O que quer dizer dilúvio, o que quer dizer arca, o que quer dizer a nova aliança?

Dilúvio não é de água. O que vai acontecer no Iraque, se os americanos começarem a guerra? É o dilúvio de bombas, fogos e explosões. Querem dilúvio pior que esse? Essa leitura serve para nos dizer que não é preciso mais dilúvios. É claro que Deus não quer mais dilúvio de água ou que bombas e mísseis cruzem os céus. Ele não quer nunca mais a morte da humanidade, e nós estamos tramando a morte da humanidade.

A arca é todo o esforço da humanidade para evitar essa guerra ensandecida. Todos estaremos na arca, se procurarmos lutar, pressionar, para que não venham as bombas sobre o pobre povo do Iraque (*). Que crianças, mulheres não sejam massacradas de uma maneira violentíssima, por armas de um potencial que nem podemos imaginar. Aquelas bombinhas da II Guerra Mundial são busca-pés, comparados com o atual arsenal americano.

O que Deus quer é a grande aliança. Esse grande arco-íris sobre o mundo todo. Não podemos mais pensar o mundo como nações pequenas, porque está em risco toda a vida. Não é mais uma nação, uma etnia. Está em risco toda a vida deste planeta, com o temido inferno nuclear, que acontecerá se as bombas explodirem. O que não conseguimos fazer há sessenta anos (**), agora já podemos fazer. Isso é o verdadeiro dilúvio universal, que nunca aconteceu, mas agora poderá acontecer. Não pela natureza, não por Deus, mas pela história, pela indústria, pela tecnologia posta a serviço da guerra. Isso é terrível! Somos nós que tramamos a morte da humanidade.

No Evangelho, que coisa bonita: Jesus ser tentado! Por que Ele é tentado? Porque a tentação é história, e Ele está na história. Simbolicamente, descrevemos tentação com demônios tentando as pessoas. Mas a tentação de Jesus não veio dos demônios. Veio de Pedro, quando ele disse para Jesus

não ir a Jerusalém. Jesus diz para Pedro: “Vá de retro, Satanás! Afasta-se de mim, Satanás!” Toda vez que alguém nos demove do caminho do bem, aí está Satanás. As tentações não são essas confabulações que permeiam nosso imaginário. Elas estão no nosso cotidiano.

Alguém está no seu trabalho e, de repente, é subornado. Está aí a tentação. Certa vez um executivo que tinha um alto cargo pediu demissão, e todos se espantaram. Ele disse: “Estou perto de cair em tentação. Vou sair já, pois posso não agüentar os subornos”. Talvez a corrupção seja a maior tentação que assalta este país. E nós ficamos com medo de demônios. As tentações estão aí, nos cargos administrativos, nas Câmaras, no Congresso, também no Judiciário. Em tantos lugares. Não fiquemos imaginando diabos com rabos e tridentes, soltando fumaça pelo nariz. Basta olhar a nossa história. Aí está o mal, implantado de maneira sutil. Quando um pai ignora o seu filho, quando a droga entra na família, e o jovem consente. É Satanás. Hoje ainda muitos pais não se convencem de que a complacência com os filhos é um mal terrível. O jovem não aprende o que é bem, o que é mal. Não partindo da família, como vai se norrear? Será nos programas de auditório dos domingos? Não. As tentações estão aí, na acomodação. Nós não nascemos angelicamente. Somos primordialmente animais, e por isso carregamos dentro de nós toda essa dificuldade de conviver. Somos um pouco selvagens e só seremos humanos, na medida em que trabalharmos essa animalidade. Não podemos deixar que aconteça espontaneamente. Aquela idéia de Rousseau (***), de que a criança nasce pura e que a sociedade a corrompe, é falsa. A criança nasce como um animalzinho e precisa ser educada com carinho, nunca com brutalidade.

Se conseguíssemos ligar essas duas coisas na vida – ternura e firmeza – nós seríamos diferentes. Ternura nas maneiras, firmeza na segurança. Não abrir mão do que é verdade, não abrir mão dos caminhos corretos. Ternura, com tolerância, com carinho. A firmeza também é fundamental. Quando não há ternura nem firmeza, os pais perdem as crianças, porque perdem o controle de si mesmos. Também quando se acomodam, não educam. A grande tentação de cada dia é saber dosar ternura e firmeza. Conseguindo esse equilíbrio, pais e filhos serão felizes e poderão construir uma sociedade melhor a cada dia. Amém. (08.03.03)

(*) referência à iminente invasão do Iraque pelos Estados Unidos, que iria acontecer alguns meses depois.

(**) referência à II Guerra Mundial (39/45)

(***) pensador francês do século XVIII

UMA CAMINHADA DE CONVERSÃO *(Gn 9, 8-15/ Mc 1, 12-15)*

As leituras de hoje são bonitas e eu gostaria de falar, sobretudo, sobre a primeira, que parece uma história da Carochinha. Muitas vezes, não nos damos conta da profundidade de um texto tão antigo. Homens e mulheres modernos, muitas vezes, não conseguem produzir textos tão transparentes, como lemos no Gênesis hoje. Vejam que maravilha de texto para descrever a condição humana, para descrever o que somos. Na sua primeira harmonia, homem e mulher se encontram diante de duas realidades: todas as frutas do paraíso e uma árvore atraente. Belíssimo! Essa harmonia da ciência do bem e do mal. Olhem que parábola para dizer que Deus nos coloca diante de um mundo maravilhoso, destinado a todos os homens e a todas as mulheres. A tentação de Adão e Eva é apossar-se de tudo. Da ciência do bem e do mal.

O que vemos neste país? O país tem 8,5 milhões de quilômetros quadrados para cento e oitenta milhões de brasileiros. Haveria terra, plantas, paraíso, água, comida para todos. E vemos milhões de famintos, porque alguns poucos querem para si a árvore da ciência do bem e do mal. Olhem que profundidade! É isso que queremos. Cada um quer tudo para si e não sobra nada para os outros. No momento em que o homem pensa que tem tudo, vê que está nu. Quando consegue tudo que quer, olha para si mesmo e vê que não tem nada. Só tem a vergonha de possuir tanto para si. Vergonha que não têm os homens modernos, porque ainda não chegou a hora da vergonha. Mas terão um dia. No dia em que encontrarem o Senhor Jesus e Ele disser: “Tive sede, e não me destes de beber. Estava nu, e não me vestistes. Estava preso, e não me visitastes. Porque possuístes tudo para vós e nada deixastes para os outros”. Esse é o tema central da nossa Campanha da Fraternidade (*).

Mais de três mil anos depois. Ponham tempo, e essa passagem tem a atualidade de algo que acontece no Brasil. Onde está o nosso paraíso terrestre? Destruído, estragado, poluído. Ainda outro dia na televisão, diziam que milhares de peixes morrem na lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, porque naqueles edifícios em volta há esgotos clandestinos. Isso é roubar a ciência do bem. Não se interessar por nada, pela vida dos peixes, pela vida dos outros. Preferem a ganância de construir e explorar edifícios à custa da vida dos animais e do bem-estar dos irmãos. Está aí a

primeira grande passagem da Escritura que, mais de três mil anos depois, ainda se mostra atual.

Sobre o Evangelho, apenas duas palavrinhas.

Primeiro: Jesus foi tentado. Isso é um abismo para nós. Quando isso foi escrito, não pensem que os cristãos leram tranquilamente. Ficaram assustados. Vocês não se assustam que Deus, ao fazer-se homem, aceitou ser tentado pelo demônio, isto é, pelo mal? Se o próprio Deus foi tentado, e nós? Seremos tentados a vida toda. Não estranhemos o fato de termos problemas, de estarmos divididos, de hoje quisermos uma coisa e depois não quisermos mais, de buscarmos um caminho e seguirmos outro. Essa é a nossa história. Só que Ele foi tentado e venceu. Nós somos tentados e caímos.

E porque caímos, Ele diz: “Caíram, mas alegrai-vos, porque o Reino de Deus está próximo. Completou-se o tempo!” Essa palavra “tempo”, na Bíblia, significa o tempo da plenitude. É o tempo da vida, da riqueza interior. Por isso é colocado hoje, neste início da Quaresma. Podemos dizer a cada um de nós: “completou-se o tempo!” Deus está debruçado sobre nós, fazendo jorrar os seus dons sobre nós. Mas Ele pede conversão. Aliás, pede duas coisas: convertei-vos, isto é, mudai de direção. Ele percebe que estamos caminhando para cair no abismo. Está percebendo que este caminho, pelo qual estamos andando, não termina na felicidade. Deus é o único ser que não se preocupa consigo, mas conosco. E como sabe que os nossos caminhos estão tortos, Ele diz: “Convertei-vos, mudai de direção. Do contrário, não chegareis ao caminho da felicidade”. E qual é o caminho da felicidade? “Crede no Evangelho!”

É uma caminhada de conversão que Ele nos pede. Que esta Quaresma seja para nós o início de uma caminhada, buscando no Evangelho as pegadas da conversão. Amém. (11.03.2000)

(*) “Novo Milênio sem Exclusões” foi o tema da Campanha da Fraternidade/2000

ANTECIPANDO A RESSURREIÇÃO (Mc 9, 2-10)

O Evangelho de hoje é altamente intrigante, altamente pedagógico e altamente atual.

Altamente intrigante, porque o grande problema dos cristãos do começo era a identidade, a pessoa do Jesus histórico. Daquele Jesus de Nazaré que eles conheceram exatamente como qualquer um de nós. O seu exterior não tinha nada de diferente. Era exatamente como qualquer adulto daquela idade, como qualquer judeu. Estavam acostumados com esse Jesus. Depois farão a experiência de um Jesus muito diferente, para não dizer totalmente diferente. Daí a dúvida: é um ou são dois? É o mesmo, ou outro? Esse foi o grande problema que rolou na cabeça dos apóstolos. Se lermos os Evangelhos com muito cuidado, perceberemos essa confusão. Só para dar um exemplo, observemos a questão, depois que Cristo aparece ressuscitado. Eles olham e pensam que é um fantasma. Madalena pensa que é um jardineiro. Outros olham e não sabem quem é. Conversam horas, passeando, e não o reconhecem. O ressuscitado deveria ser muito diferente. Como podem não reconhecer uma pessoa que esteve com eles poucos dias antes? É sinal de que esta pessoa está totalmente diferente.

Diante desse problema, os evangelistas – eram muito inteligentes – tomaram uma realidade da ressurreição e a colocaram na vida pública. Tomaram-na da vida pública e a colocaram na ressurreição. Isso para mostrar que era o mesmo. Essa cena não é histórica. É uma cena pedagógica. Não é histórica porque Cristo nunca teve corpo glorioso antes da morte. O evangelista escolhe aqueles três apóstolos que vão ver Jesus lá no Horto das Oliveiras. João também vai vê-lo na cruz. Portanto, os três que vão estar mais próximos da situação mais humana, humilhante, terrestre de Jesus. Esses três são colocados fazendo uma experiência do Cristo ressuscitado, para dizer que é o mesmo. O mesmo da transfiguração é o mesmo do Calvário. A ressurreição é transportada para a vida pública. Quando Ele aparece, mostra as chagas. Claro que Cristo não tinha chagas! Como um corpo glorioso vai ter chagas?! O evangelista coloca as chagas para dizer que o mesmo da cruz é que ressuscitou. Por isso é um Evangelho intrigante.

Mas, o mais espetacular neste Evangelho é a pedagogia de Jesus. Claro que Ele teve alguma experiência especial, mas não é isso que

importa. Na nossa vida – guardem isso – precisamos fazer algumas experiências de muita alegria, de muita felicidade, de muita paz, de muita lucidez. Algumas apenas. Para que nas horas escuras da vida, tenhamos alguma coisa na memória. Sem memória não vivemos. Quando Pedro, Tiago e João viram um Jesus caído, ensangüentado, tinham na memória que Ele fora glorioso, forte, triunfante. Não desanimaram. É disso que precisamos, pois, do contrário, desanimamos.

A vida humana não é esse sonho dourado das novelas, dos *happy end*, das *xuxas*, das propagandas da felicidade, das *coca-colas*, dos automóveis bonitos. Isso é um engodo da televisão, que nos engana de manhã à noite e da noite até a manhã, dizendo que transpiramos felicidade. É mentira! Existe a noite, existe a dor, existe sofrimento. Não está a Marcinha lá no hospital, colocando um aparelho doloroso na perna? (*) Vai doer, vai sofrer. Que coisa há de bonito, de cor-de-rosa nisso? A vida é cheia de lágrima. Os namorinhos de vocês, com dois meses, já trazem tantas lágrimas, tentativas de suicídio. Basta o namorado virar as costas, já querem se matar.

A vida humana é assim. Se não tivermos dentro de nós alguma experiência forte de alegria, de felicidade, como vamos agüentar? Assim como esse casal que está comemorando vinte e três anos de casamento. Por que se mantém unido? Será que todos os dias foram coloridos? Não. Houve muita briga, muita rusga, muito pandemônio em casa. Mas, quantos momentos bonitos, quando, sentados, conversaram, mostraram o seu amor. É isso que segura. Quando os esposos estão quase se separando, se tiverem na memória momentos lindos de amor, talvez consigam vencer a prova, a tentação. As crises sempre vêm e, às vezes, depois de apenas um mês de casados; outras, depois de um ano, depois de dez, depois de vinte. Estamos vendo casais, depois de sessenta anos, se divorciando. Velhos de setenta anos andando atrás de menininhas por aí afora. Tudo isso está acontecendo neste mundo, porque estão faltando experiências de amor. Se não têm o que recordar, vão catando qualquer brotinho nas esquinas da vida, fazendo a sua infelicidade e a daquela jovem. Porque faltou o bem, a memória, a beleza.

É isso que o Evangelho nos mostra. Pedro, Tiago e João, vivendo uma experiência tão forte do Cristo bonito, transparente que, quando vêem o rosto de Jesus todo cuspido, crucificado e coroado de espinhos, lembram-se do outro rosto que viram, que é o rosto da beleza. Precisamos conservar o rosto da beleza, da glória, das nossas experiências passadas, para nos

sustentar nas horas vazias. E serão muitas, pois o mundo moderno ainda nos prepara mais noites vazias. Noites de insônia, quando tentaremos nos refugiar nas drogas, nos *prozacs* (**), nas pílulas que não resolvem. Passa o efeito e volta o vazio. De vazio em vazio, esbarraremos num vácuo gigantesco, se não tivermos feito essas experiências.

Jovens, façam experiências de amor, experiências de fé, experiências profundas, não superficiais, porque vocês resistirão e serão felizes até o fim da vida, apesar de qualquer tristeza. Amém. (18.03.2000)

(*) referência ao acidente rodoviário sofrido por Márcia Viana

(**) referência ao anti-depressivo fluoxetina

O GRÃO QUE CAI NA TERRA (Jo 12, 20-33)

Esse Evangelho tece muitas questões, toca em muitos problemas em poucas linhas.

Em primeiro lugar, há este grande pedido que, oxalá, fosse nosso: “gostaríamos de ver Jesus!” Mas não o veremos, este é o problema. É condicional. Nós vamos ver Jesus, mas não como esperamos, nem onde esperamos. Muitas vezes pretendemos ver Deus nas coisas bonitas, grandiosas. Assim pensavam também os povos antigos, como os gregos, que sempre achavam que Deus estava nas coisas perfeitas, belíssimas. O grande ideal grego era *kalós kai agathós* – bonito e bom. O grego só queria coisa bonita. Ele não entendia, não podia compreender que Deus estivesse no pobre, no escravo. Eles queriam ver Jesus e Ele fala a cada um deles: “Vocês querem ver um Jesus bonito, forte, esplendoroso, andando sobre as águas? Esse vocês não verão”.

Jesus é aquele grão que cai na terra e desaparece. Guardem isso: o Cristianismo é a única religião da história da humanidade que consegue ver a grandeza de alguém que se apaga. Qual de vocês olha tranqüilo, feliz, sorridente, para uma realidade feia, como esses jovens americanos invadindo o Iraque? Quem não é capaz de sentir um horror e dizer: “Não é possível que este grão de trigo seja jogado na terra e desapareça. Não. Ele vai dar frutos!” Nós não conhecemos a transformação pela qual estamos passando. Todos esses grãos de trigo – todas essas iraquianos que estão morrendo, todas essas crianças, todas essas mulheres que estão sendo metralhadas, bombardeadas, destruídas – darão frutos. Só que não entendemos. Um médico da Cruz Vermelha narrou que chegam aos hospitais pessoas sem braços, sem pernas. As bombas não são carinhosas. Elas caem e esmagam (*). Nenhum desses grãos de trigo se perderá. Todos eles se romperão por dentro. Eles se rompem dentro da terra, e, ao romperem-se, aparece uma cabecinha verde de esperança. É nisso que acreditamos.

Se não houver essa fé, este mundo parecerá injusto demais. Não há Deus que possa salvar um mundo onde o algoz triunfe. Deus recolherá todos esses grãos. Olhem que Evangelho bonito! Os grandes, que não acreditavam nisso, queriam ver um outro Jesus e era exatamente o Jesus do grão. Ele responde aos grandes: “Essa é a minha prova. Eu sou exatamente aquele que vai ser elevado!” Eles pensaram que Ele seria elevado, como o

Cristo do Corcovado, que todo o Rio de Janeiro vê. Não. Ele será elevado na cruz e, aí sim, atrairá a todos. Mas quem é esse *todos*? Será que são todos numericamente, estatisticamente? Não. Pouquíssimos são atraídos pela cruz, na qual o Senhor vai ser entregue. Também professamos a única religião que descobriu isso.

Ainda agora, pouco antes da missa, eu lia que os gregos chegaram a dois amores somente – o amor da falta e o amor da recompensa. Mas um judeu diz coisas extraordinárias, e esse judeu é Jesus. Ele diz que é possível um outro tipo de amor que não conhecíamos. Não existia nem a palavra para esse tipo de amor. Em português, não a temos. Mas, em grego, criou-se uma palavra original – *ágape*. Uma palavra que só existe para este amor de Jesus, entregando a sua vida.

A palavra portuguesa amor foi impregnada de tanta coisa banal, que perdeu toda a sua força. Mas quando Jesus usou a palavra grega – *ágape* – o latino tomou consciência de que a palavra amor estava corrompida e era preciso dar-lhe um significado novo. Esse, do grão que morre. Aquele que desaparece para que outros cresçam; aquele que se eleva, não para a glória, mas para a entrega. O Cristo só está alto na cruz para que o seu coração seja doado mais facilmente. Descubram os símbolos e aprenderão um pouco mais sobre o mistério de Deus.

Querem ver Jesus? Vejam, mas vejam lá em cima, bem no alto, com o coração traspasado pela espada, jorrando seu sangue por toda a humanidade, para dizer: “A minha vida, eu a dou!” Como se nos dissesse: “Tenham todos os prazeres da vida, mas nunca serão felizes, se não souberem doar alguma coisa de si mesmos!” Podem sugar todas as bebidas e riquezas, buscar todas as felicidades, e não serão nem um pouquinho felizes, se não aprenderem que, só no momento em que saírem de si, encontrarão a felicidade. A felicidade nunca vem de lá para cá. Sempre vai daqui para lá. Essa é a dura dialética paradoxal do Cristianismo. Difícil de entender, mas experimentem e encontrarão a verdade. Amém. (05.04.03)

(*) referência à invasão norte-americana no Iraque

A GRANDE CAMINHADA PARA JERUSALÉM ***(Lc 24, 13-35)***

Esse Evangelho foi escrito por Lucas, e isso é importante. Para Lucas, Jerusalém é o centro de tudo. Se você lerem o Evangelho com calma, verão que para Jerusalém vai o Menino Jesus, em Jerusalém Simeão faz a profecia. Para Lucas, Jesus faz uma única viagem a Jerusalém. Toda a sua vida é uma caminhada lenta para Jerusalém. E, durante a caminhada, Ele vai conversando, vai ensinando, tudo numa única viagem. É claro que não foi apenas uma viagem. Ele fez muitas. É simbólico: Jesus caminha para Jerusalém. Em Jerusalém Ele morre e ressuscita. Em Jerusalém, faz todas as aparições. Não há aparições na Galiléia. E de Jerusalém partem os missionários. Parte Paulo, partem todos os outros para pregarem o Evangelho, parte Pedro, que vai morrer em Roma.

O que significa Jerusalém? É o centro do lugar do amor, da beleza, da graça, da nossa felicidade. É onde nos animamos, nos inspiramos, nos fortalecemos. Pode ser a nossa família, pode ser esta celebração, podem ser os momentos de encontros com todos e com o Cristo, pode ser o Curso de Teologia. Jerusalém são muitas na nossa vida. Aquele momento profundo, espiritual, onde vocês descobrem vãos maiores do que o da galinha, que se contenta em comer minhocas. Jerusalém é o lugar do repouso, da mística, da profundidade. Só que em Jerusalém também há morte e a morte foi a crucifixão do Senhor.

O nosso amor, às vezes, é crucificado. A beleza é crucificada. A nossa alegria é crucificada. E ficamos desesperados. Jerusalém já não é Jerusalém. Já é Babilônia, já é a cidade da confusão, da ameaça, do medo. E fugimos. Uma *emauzinha* qualquer, um subúrbio, um lugar pequeno. Tristes – diz o Evangelho - cabisbaixos, aborrecidos. Mas o Senhor não nos abandona. Olhem que coisa bonita! Vai atrás.

Deixamos a Jerusalém da beleza, da bondade, do perdão, da misericórdia. Vamos para a Emaús do desespero, da tristeza, da frieza, da lonjura de Deus. Vem Jesus e se aproxima. Começa a falar da Palavra de Deus, começa a conversar conosco: “Lembra-se, jovem, da época em que você frequentava o curso de crisma? Lembra-se daquele momento em que você era feliz, tinha o coração transparente? Você se lembra disso? Lembra-se daquele olhar lindo que você tinha, como um tranqüilo lago azul e não este olhar empapuçado, feio, apagado, triste? Você se lembra

disso? Lembra-se de Isaías, o profeta que eu dizia para você, da cidade luminosa de Jerusalém? Você se lembra? Jerusalém era linda, cheia de luz, plantada no alto!”

Houve uma vez em que os apóstolos, chegando a Jerusalém, admiraram-se e disseram: “Que maravilha!” E Jesus respondeu: “Não ficará pedra sobre pedra!” Quantas vezes, daquele templo bonito que construímos na infância, na adolescência, não ficou pedra sobre pedra?! Quantos drogados, quantos jovens perdidos, largados, sem luz, sem beleza nenhuma! Estão por aí, nas *emaús* da vida. Precisamos chegar perto deles, mesmo que não nos reconheçam e eles não vão nos reconhecer. Mas não faz mal. Eles precisam sentir. Sentir no coração uma palavra mais quente, um carinho, uma pessoa que compreende, que é capaz de olhar no seu olho e acordar aquela luz que está bruxuleando, apagando-se. Aí sim, eles nos reconhecerão. Quando tivermos que nos separar deles, ouviremos esta frase: “Fica conosco!” Aí saberemos que acertamos. “Fica comigo, porque na minha vida faz-se tarde, faz-se noite!”

Fiquemos para partilhar a refeição, o lugar do encontro, da convivência, do carinho, do afeto. Quando partirmos o pão, irão perceber que não queremos trazer ninguém para a Igreja, que não queremos arrebanhar ninguém. Queremos que eles vejam, que eles entendam, que descubram novamente Jerusalém e aí se levantem e voltem correndo. Que venham estupefatos, ofegantes e possam dizer para nós: “Eu vi o Senhor!” E poderemos dizer: “Sim, nós também vimos o Senhor. Venham e fiquem conosco!” Amém. (09.04.05)

HUMANIDADE E DIVINDADE FAZEM A REALEZA DE JESUS (Mc 14, 1-15, 47)

Esta liturgia do Domingo de Ramos é um misto de glória do Cristo, mas também de sofrimento e humilhação. A liturgia fica assim, um pouquinho sem saber o que fazer. Ela usa uma cor mais viva, tira o roxo, coloca o vermelho. Em contraponto, coloca a leitura da Paixão.

Nós perguntamos: é um dia de alegria, de júbilo, porque Cristo entrou triunfante em Jerusalém, ou é um dia de dor e de tristeza, porque Ele vai morrer na cruz? O que responder a essa pergunta? Essa é a metáfora da nossa vida. Nossa vida é exatamente isso: sempre uma mistura simultânea de momentos de alegria e de tristeza, de festa e de luto. Ao mesmo tempo em que uns povos proclamam suas grandes festas, outros choram seus mortos. Uma família chora seu luto, outra comemora seus aniversários, isso tudo simultaneamente. A liturgia quer captar um pouco nossa vida e mostrar que Jesus quis viver exatamente como nós. Ele quis sentir dentro de si essa divisão profunda que sentimos, de dor e alegria. Ele mesmo não sabia como se comportar. Ele ia aprendendo a ser humano.

Interessante é que não lemos toda a Paixão, mas, num texto longo, há um jogo muito inteligente que Marcos faz. O sumo sacerdote pergunta a Jesus: “Tu és o Filho de Deus?” Jesus responde: “O Filho do Homem aparecerá!” Quando o sacerdote se refere a Jesus como sendo o Filho de Deus, Ele responde como Filho do Homem. Na hora em que aparece o extremo de sua humanidade, com Ele pregado na cruz, o centurião proclama: “Este verdadeiramente é o Filho de Deus!” Esse é o mistério de Jesus. Quando queremos encontrar a divindade de Jesus, é a humanidade que encontramos. Foi um centurião, não o bom ladrão, que descobriu isso. Esse centurião somos nós, que estamos aqui. Marcos não escreve o Evangelho para contar o que aconteceu lá. Ele escreve para a comunidade.

Quando é que reconhecemos Cristo? Quando Ele andou sobre as águas? Quando entrou triunfante em Jerusalém? Não. Vamos reconhecer que Ele era Filho de Deus, quando deu o grande grito de abandono: “Pai, por que me abandonastes?”, ou quando se entregou no grande grito de sua vida. É nesse momento que a comunidade cristã reconhece: “este Homem só pode ser Filho de Deus!” Quando alguém assume o sofrimento ao extremo é que mostra a sua grandeza. Para ser grande nos triunfos, ser

grande nos momentos gloriosos não precisa ser Filho de Deus. Basta ser qualquer *chefete* deste mundo de hoje. Ser grande na dor, na humilhação, ser aquele Homem nu, ensangüentado, coroadado de espinhos, o corpo dilacerado e se revelar Filho de Deus é alguma coisa original demais. Devia passar alguma coisa em Jesus que, naquela hora, a comunidade o reconhecia como Filho de Deus. E por quê?

Deus queria que Ele morresse? Não, claro que não! Qual pai vai querer que seu Filho morra daquela maneira? Qual pai vai querer que seu filho seja humilhado? Claro que não! A única coisa que o Pai queria era que Jesus dissesse para a humanidade que Ele nos amava. Como Ele diria isso, Deus Pai não disse. Poderia ser de outra maneira. Jesus poderia ter aparecido e feito mais milagres ainda, abraçado todas as crianças do mundo. Mas Jesus escolheu esse caminho. Ele só tinha que dizer que Deus gostava da gente. E começou a pensar: “se Deus gosta da humanidade, eu vou viver o bem das pessoas. Mas e se elas forem violentas? Sofrerei a violência. E se elas forem más? Sofrerei a sua maldade. E se elas me perseguirem? Sofrerei a perseguição. E se elas me condenarem? Sofrerei a condenação. E se elas me matarem? Sofrerei a morte”. Ele foi acolhendo cada um de nós e aprendendo, de nós, quem somos. Nós somos isso.

Hoje, na aula de Teologia, perguntavam-me: “podemos acreditar nessa humanidade?” Citava certos elementos ideais, certas perspectivas alegres e, olhando para o que está acontecendo agora, eu me pergunto: o que fizeram com este país? Podemos acreditar na humanidade? Jesus diz: “Podemos, porque, quando eu vivi entre os homens, percebi isso”. Isso não é novidade para Jesus. A nossa realidade não está distante de Deus, pois Ele quis mostrar que nos amava convivendo com as pessoas nas suas situações mais radicais. É assim que a gente ama.

Essa entrada triunfal não pretende mostrar Jesus como um grande rei. Também o verdadeiro sentido da festa de Cristo Rei, quando muitas pessoas o colocam com uma coroa de ouro, não se refere a esse reinado. Jesus é esse Rei que entra montado num jumentinho, uma espécie de metáfora. Não entrou num carro *Rolls-Royce*, como os presidentes. Foi num jumentinho simples. Hoje, sabemos que Ele entrou por um canto da cidade, aclamado por um pequeno grupo. A maioria das pessoas sequer soube que Jesus entrou em Jerusalém. Nos cálculos que se faz, São Paulo deveria estar lá. Paulo de Tarso, não era São Paulo, não era discípulo ainda. Ele deveria estar lá e nem soube. Ele mesmo disse que não conhecera Jesus na carne.

Quem aceita entrar num jumentinho é porque está muito consciente de sua grandeza interior, aquela que transcende aparências, porque brota do mais profundo do seu ser. Amém. (12.04.03)

CONSTRUINDO ETERNIDADE (Jo 14, 1-12)

Vocês percebem que, quando ouvimos o Evangelho de João, mergulhamos em outro universo? Marcos é muito mais concreto. É o dia-a-dia, é o Jesus que anda, que cura. João, já velho, com seus noventa anos, mergulha neste grande mistério e começa a escrever o seu Evangelho. Ele recorda. Olhem que palavra bonita: recorda – põe no coração. Traz para o coração tudo o que viveu com Jesus, não para a memória da cabeça, mas para a memória do coração. E começa a se perguntar, olhando a diversidade das pessoas: será que o céu é somente para um tipo de pessoa? Somente para aquelas senhoras piedosas do Apostolado da Oração, fiéis que estão sempre rezando? Aí os jovens olham e pensam que esse não é o caminho deles. Se elas forem para o céu, eles não irão. Outros pensam em Teresa de Calcutá, religiosa que atravessava o mundo carregando os pobres, e acham que nunca conseguirão imitá-la. Nem como João Paulo II, o grande missionário. Nem como Dom Helder, que enfrentou a repressão militar. E pensam: “Não, eu não tenho coragem! No céu não há morada para mim! As pessoas que vão para lá são heróis, são pessoas importantes que trabalharam muito. Eu sou pequeno, medíocre, apenas rastejando pela história pequena da minha existência, por esses escuros por onde caminho!” Vem João, dizendo por Jesus: “Não, meu irmão! Também você, jovem, um pouco desvairado, perdido, desmedido, tem sua morada no céu. Há muitas moradas na casa do Pai!” Essa é a nossa grande esperança! Há moradas diversas, para diferentes temperamentos, raças, tipos de história, formação, cargas hereditárias também diferentes. Enfim, essa diversidade gigantesca que somos nós. Todos temos morada no céu.

Só que a palavra morada nos fala muito de espaço, como se o céu fosse um grande conjunto habitacional, cada um com seu *cubiculozinho*. Não, céu não é espaço. É difícil entender isso, porque a nossa imaginação é extremamente espacial. Tempo e espaço marcam profundamente a nossa maneira de compreender. Por isso é difícil entender a Teoria da Relatividade, formulada por Albert Einstein, porque nela os espaços se perdem em tantas dimensões e ficamos perdidos. Estamos habituados a essas *dimensõezinhas* normais. Mas, para a vida além da morte, precisamos sair do espaço.

E como é que saímos do espaço? Saímos do espaço encontrando uma outra dimensão, que é ainda mais importante – a dimensão de relação.

Se começamos a imaginar, a pensar a nossa vida como relação, ela muda, porque a relação não está ligada a espaço. Nós estamos aqui nesta igreja. Pode ser que um amigo esteja em outro país, portanto, longe desse espaço. Apesar disso, a relação nos une, nos liga e nos põe em contato. E se começarmos a imaginar que a nossa vida é um tecer relações? Se começarmos a pensar que o nosso eu, na sua radicalidade, é um nó de relações, não fica muito mais bonito?

Um pai, ao invés de pensar-se como um ser espacial, começa a pensar que cada filho, onde estiver, é o filho que ele teceu em sua existência e que nunca sairá do lugar dele, que eles nunca deixarão de ser pai e filho. A esposa, aquela pessoa que um dia você amou e que foi para outros espaços, aquele primeiro namorado que já nem mais a conhece, mas com quem, um dia, vocês tiveram um laço profundo. Se começarmos a nos imaginar como essa rede de relações, essa frase de Jesus terá outro sentido. Na casa de meu Pai há muitos tipos de relações. E essas relações que estabeleceremos lá, já começamos a estabelecer aqui. Nós seremos o que já construímos aqui na história. Esse conjunto de relações que estamos constituindo vai-se perpetuar. A minha mãe já se foi, meu pai já se foi, meu irmão já se foi, mas essas relações não desaparecem, porque elas são o meu eu. Eu sou essas relações. Eu sou a eternidade dessas relações. A morada celeste é esse imenso campo de relações.

Agora vem a conseqüência mais drástica. E quando eu sou egoísta, quando eu sou fechado, quando eu não tenho relações? E quando as pessoas me cansam, quando eu não amo? Já não sou mais um nó de relações, mas um vácuo de relações. Trágico egoísmo! Por não ter tecido relações, sou eu sozinho. A única relação que eu tenho é com o espelho. Eu queria me ver eternamente refletido, *narcisisticamente* (*), nos espelhos da história. Que solidão terrível daquele que nunca teceu uma relação de amor na vida! A sua eternidade será também a solidão. O inferno não é fogo, não é demônio nos tentando e nos atormentando. O inferno já pode ser experimentado na terra. Experimentem a solidão. Experimentem estar sozinhos, sem amar ninguém, sem ser amado por ninguém e já terão experimentado o inferno. Prolonguem isso por um ano, por toda a vida, por toda a eternidade e saberão o que é inferno. Não precisam acreditar em demônio, basta olhar para dentro de vocês e encontrarão o inferno, na solidão absoluta de quem não ama, de quem não é capaz de amar, de quem não é amado. É terrível!

Não adianta gritar, porque se grita para o vazio, para a noite escura,

porque não há uma luz sequer. A única luz que brilha na existência humana é o amor, são as relações, são as saídas de si, é o entregar-se aos outros. Se eu nunca fiz isso, eu nunca fui gente. Posso viver acumulando milhões de dólares, que nada disso me trará nem um instante de felicidade. Poderei ganhar todas as loterias do mundo, que não me trará um minuto sequer de felicidade. Nadem em dólares e riquezas, mergulhem em todos os bens da vida e não terão um instante sequer de felicidade, porque não encontrarão um segundo sequer de amor. Na casa do Pai há muitas moradas, mas só não há uma morada: a do egoísmo. Porque esse não sabe o que é relacionar-se, não é capaz de estender-se.

Jesus vai mais longe. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Que Ele é nós sabemos. Mas será que nós somos caminho? Será que nós somos verdade? Será que nós somos vida? Que coisa é ser caminho? Olhem como a nossa língua é bonita! Caminho em latim é *via* e nós criamos uma palavra para descaminho – dizemos desvio. Algumas pessoas não são via, não são caminho. São desvios, são descaminhos. Não são aquele caminho pelo qual a criança, o adolescente podem passar, porque não leva a lugar nenhum. Levará aos desvios da vida. Somos chamados a não ser desvios nem descaminhos. Somos chamados a ser caminho. Voltemos para a nossa consciência e perguntemos: quando é que fui caminho para as pessoas? Quando é que as pessoas, olhando para mim, puderam dizer: encontrei luz, encontrei para onde ir? Aí eu terei sido caminho, mas não quando conduzo as pessoas ao mal, à droga, à perdição, ao sexo desvairado, a qualquer forma de insensibilidade e desumanidade.

Eu sou a verdade. Que é a verdade? Para João é a revelação do Pai. Mas para nós, que estamos mais no chão da história, verdade é a transparência da realidade. Verdadeiro é quem diz que o sim é sim e que o não é não. Esse é verdadeiro. Quando encontro o real, eu digo: é isso.

Também mentimos muito, quando indicamos caminhos errados, porque não indicamos o real. Quando dizemos ao jovem que ele será feliz ganhando muito, arriscando tudo, mentimos. Isso não é real, não é verdade, não leva ninguém à felicidade. Mentem as televisões, mentem as novelas, mentem as propagandas. Mentem terrivelmente, dizendo que seremos livres se usarmos uma calça jeans. Basta usar uma calça jeans para ser livre. Que relação pode existir entre liberdade e uma calça jeans? Mentem as propagandas e nós bebemos em quantidade, em cascatas. Jesus diz: “Eu sou a verdade!” Sou o real, sou simples, sou o amor, sou a presença, sou a acolhida, sou o perdão. Isso é que é a verdade! Uma mãe

que sustenta um filho nos braços, essa é que é a verdade. É o esposo que perdoa a esposa. É o pai que acolhe a filha, na sua liberdade.

E vida? Aristóteles dizia lá atrás, aos gregos: “Vida é *motus immanens*” – é um movimento que vem de dentro. Se joga uma bola, ela se move porque recebeu o impulso de fora. A vida não recebe impulso de fora, mas de dentro. Se eu preciso receber um movimento de fora para o meu coração, já estou em parada cardíaca. Meu coração não precisa de que alguém fique mandando que ele bata. Se precisar, estou perdido. Ele tem que se mover de dentro. Somos vida quando movemos as pessoas por dentro. Eu queria ser vida para vocês, eu queria conseguir mexer vocês por dentro, não por fora. Por fora mexe o boxeador, que dá um murro e vocês voam. Mexer as pessoas por dentro é vida. Pais, professores são vida quando tocam seus filhos, seus alunos adolescentes para alertá-los, mexendo dentro deles, não quando os obrigam, usando rédeas. Não é por aí que vai a vida. Vida mexe com o interior.

Quando somos indicação para os outros, somos caminho. Quando somos transparentes para o real, somos verdade. Quando movemos por dentro, somos vida. Amém. (24.04.05)

(*) referência ao mito grego, Narciso, que se encantou com a própria beleza.

O AMOR SE FAZ NA ACOLHIDA DO DIFERENTE (Jo 14, 15-21)

Se eu colocasse todos os cartesianos, com a cabecinha organizada, diante desse Evangelho não funcionaria. João não é assim. Ele embaralha tudo, por isso ficamos meio tontos quando ouvimos o Evangelho de João. Não dá para colocar numa lógica, pelo menos não nessa lógica do Ocidente que conhecemos e que nos leva a aprender Matemática nas escolas. Ele não segue essa lógica. Ele não é filho de Descartes, nem de Kant, nem de Hegel, nem de Marx. E todos esses são nossos pais de cabeça. João é da vertente oriental, semita. Portanto, muito mais espiritual, eu diria, mais intuitiva. Temos que ir atrás da intuição que está escondida.

A grande intuição desse Evangelho de hoje é muito profunda e, talvez, tenhamos dificuldade para alcançá-la. Não na inteligência, mas na realização. Ele fala de quem guarda os mandamentos. Temos que voltar para trás, para saber que mandamentos são esses. Nossa primeira idéia é pensar que são os dez mandamentos, lá de Moisés, mas não é. Quais são os mandamentos a que Jesus se refere? Uns versículos antes Ele diz: “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei”. É esse jogo que importa. Quando dissemos que devemos amar, achamos a coisa mais normal, mais natural. Pois não é. Eu acho que é uma grande ilusão que temos aqui no Ocidente. Sobretudo agora, temos uma ilusão colorida, de novela, de que as pessoas se amam. É uma grande ilusão. Amar é muito difícil. É que confundimos amar com muitas coisas.

Se você tem um cachorrinho em casa, bem cuidado, *luluzinho*, você chama e ele vem lambe as suas mãos. Vocês acham que isso é amor? Cachorro ama? Esse amor de cachorro as pessoas têm. Mas é de cachorro, toda essa ternurinha. Isso não é amor, é instinto. Pensamos que é amor quando você se compraz diante de uma coisa bonita. Isso os animais têm. Quando eu estudava lá em Frankfurt olhava aqueles *esquilozinhos* que iam esconder as nozes. Quando chegava o inverno, cavavam, encontravam as nozes e as levavam para os filhotinhos. Olhem quanto carinho! Que amor! Amai-vos uns aos outros como os esquilos se amam? Jesus não disse isso. Já viram como é lindo o carinho dos cachorrinhos, pulando e brincando por aí? Amai-vos uns aos outros como os cachorros se amam? Jesus não disse isso. Eu vejo uma senhora cercada de uma quantidade de gatos. Todos uma ternura, bonitinhos, quietinhos. Amai-os uns aos outros como

os gatos os amam? Jesus não disse isso. Ele disse alguma coisa difícil. Para dizer que devemos amar como os cachorros, os gatos e os esquilos Jesus não precisava vir à Terra. Bastaria observar. Qualquer pessoa se comove diante de uma cena carinhosa e terna. Vê um filme, começa a chorar. Comove-se assistindo a certas novelas, chora diante daqueles carinhos, daqueles beijos e acha que isso é amor. Nada disso é amor, no sentido que Jesus disse: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”.

Não é amor porque viemos do animal e, enquanto estivermos no nível animal, ainda não saímos para a divisa do amor. Temos que dar um passo adiante. Carregamos do animal esse jogo muito interessante. De um lado o animal se comove, de outro, é agressivo. Um filósofo inglês, Hobbes – e olhem que o povo inglês é muito bem educado, veste terno e gravata, usa bengala, guarda-chuva – vai-se inspirar numa frase de um poeta latino, chamado Plauto: “o homem é lobo para outro homem”. Vejam: o inglês é tão delicado, de uma polidez extrema, que não telefona para ninguém depois de nove horas da noite para não incomodar. Pois bem, um inglês, olhando os ingleses, diz que um é lobo do outro. E lobo no sentido que ele quis dizer é esse animal que conhecemos. Temos que pensar seriamente. Por que é tão difícil amar? Por que Jesus insiste tanto? Diz que precisa mandar o Espírito Santo mais Ele e Deus Pai juntos – toda a Trindade para que consigamos amar. E talvez nem assim consigamos. Jesus prometeu o Espírito Santo para que aprendamos a amar. E vocês vão ver como é difícil mesmo.

Amar é encontrar o diferente; olhar para o diferente e não ter raiva, não se enjoar, não se aborrecer, não cobiçar, não ter ciúmes, não ter inveja. Quem não tem inveja? Vemos uma pessoa progredindo, logo todos *os cotovelos se inflamam*. Temos uma dificuldade imensa de nos alegrarmos com a alegria do outro. De pai para filho, de esposa para esposo. Quando o esposo começa a aparecer, a esposa já fica com medo, com inveja e vice-versa. Também com o filho. Ainda outro dia, veio um filho adulto me dizer que o pai, quando o viu feliz e realizado, começou a odiá-lo. Se o visse *por baixo*, talvez o amasse, mas aí não seria amor, mas sadismo. Amor, então, deve ser muito difícil. E perguntem, vocês mesmos, se quando vêem os outros crescerem e vocês não estão crescendo, se ficam felizes? Digam se não é verdade. Eu vejo um colega que é promovido, que está subindo. Será que fico feliz quando vejo que o outro cresce? Não fico feliz porque não sei amar. Esse é o jogo. Eu tenho instinto de proteção, posso ter instintos materno e paterno, até outros instintos. Mas instinto não é

amor. Amor passa pela consciência e pela liberdade, passa pela decisão.

O grande sinal do amor, o teste que devemos colocar continuamente: o outro, na sua diferença, me incomoda ou me faz feliz? Eu percebo e quero que ele seja diferente, exatamente na diferença que me incomoda? Eu me alegro na diferença? Posso dizer para vocês que isso era visto, desde culturas antiqüíssimas, como uma ameaça. Já falei em algumas pregações que essa saudação que dissemos hoje – adeus – não é de despedida, mas de encontro. Era uma forma de exorcismo, de expulsar o espírito mau que estava no outro. Quando se via uma pessoa, dizia-se adeus, para que, se ela tivesse qualquer coisa ruim, espantasse. E o que era o ruim? Exatamente a diferença, a alteridade. Era perceber que ela tinha outro caráter, outro gênio, outra maneira de ser e logo era afastada. Olhem como nos afastamos do diferente! Olhem como os racistas não admitem a raça oposta! Olhem o machismo triunfando desde tanto tempo! Olhem o patriarcalismo, o autoritarismo dos professores nas escolas! Por quê? O aluno é diferente e é rejeitado. Quando começaram a escola nova, no século XIX – exatamente uma escola nova: *Summer Hill* – que começou na Alemanha, depois na Inglaterra, queriam reconhecer que a criança tinha valor nela mesma. Isso foi uma revolução. Nós não compreendemos o sujeito como uma possibilidade nova. É esse amor que Jesus pede. “Amai-vos como eu vos amei!”

Quando encontrou aquela prostituta, quando encontrou aquela mulher herética, lá da Samaria, quando encontrava com as pessoas, ia acolhendo leprosos, cegos, endemoniados. Todo tipo de gente, as mais bizarras pessoas de seu tempo. Acolhia uma por uma. E quando essas pessoas o detestaram a ponto de o crucificarem, Ele só disse essa frase: “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem”. Perdoai-lhes! Ele pede perdão, que é amor maior ainda. Não os recriminou. “Não sabem o que fazem”. Quem tem coragem de perdoar, lançar essa água limpa do perdão sobre todas as ofensas, está começando a amar.

Perdoar é amar, acolher a diferença é amar, ver o outro crescendo e me alegrar é amar. Proteger, acarinhar, beijar, agarrar, isso fazem muito bem os animaizinhos. Amém. (30.04.05)

IGREJA PLURAL (At 15, 1-2.22-29)

Essas leituras são bonitas e também muito carregadas de conseqüências para nós hoje. Lendo esse trecho da primeira leitura, recortado dos Atos dos Apóstolos, não nos damos conta do seu significado. É de um alcance histórico inaudito, imenso. Se não tivesse havido esse fato, não estaríamos aqui nesta igreja.

No começo do Cristianismo – é isso que está espantando Lucas (*) – a Igreja de Jerusalém era governada por um homem chamado Tiago. No início, ele não se deu muito bem com Jesus. Eram primos, tinham problemas de família, que todos nós conhecemos. Talvez ciúmes. Mas eu acho que Tiago, lentamente, converteu-se, vendo Jesus. Por serem primos, ele tornou-se importante na comunidade. Imaginem que conheceu Jesus na infância. Fizeram-no bispo da maior cidade religiosa daquela época, que era Jerusalém. Eu imagino o poder desse homem! Judeu, primo de Jesus, bispo de Jerusalém! O homem tinha um poder enorme, mas era meio conservador, no bom sentido. Queria conservar a tradição judaica. Paulo, aquele convertido, aquele que entrou atrasado, que nem conheceu Jesus, falador, metido a conhecer grego, culto, devia causar grandes problemas para o *senhor* Tiago.

Paulo dizia: “Eu me volto para os pagãos, e eles não precisam seguir os ritos judaicos. Não vou transformá-los, não vou circuncidá-los, não vou proibi-los de comer carne de porco”. Já o *senhor* Tiago era a favor de manter o pessoal *nos trinquês*. Eram judeus e deviam manter a tradição judaica, e aí vem a discussão. Paulo pregava e via, com os próprios olhos, que o Evangelho não alcançava os pagãos, os gregos, os romanos: “Não, Cristo nos trouxe a liberdade”. Isto é Paulo. Tiago achava que Cristo nos colocara dentro da tradição. Paulo já soltava as suas idéias. Ele não esperou muito. Soltou suas idéias, e aí chegaram alguns enviados a Jerusalém e disseram que ele estava errado: “Vocês, pagãos, só se salvarão se se tornarem judeus de religião”. Paulo discutiu com eles. “Não é verdade”/ “É verdade”.

Paulo *pegou um avião e aterrissou* em Jerusalém para conversar com Tiago, que se manteve firme em sua posição. Aí Paulo diz: “Veja, Tiago, como é que você pode prender a graça de Deus, como é que você pode prender o Evangelho a esses liames do judaísmo? Cristo ressuscitado é livre. Olhe que maravilha! Olhe como o Espírito Santo desceu sobre

os pagãos! Quem somos nós para prender o Espírito Santo?” Tiago, os apóstolos, os anciãos de Jerusalém concordam: “Paulo está certo. Ele é corajoso, ele tem razão. Os convertidos do paganismo não precisam tornar-se judeus. Podem assumir o Cristianismo em sua liberdade, mas vamos exigir três coisas, que terão que aceitar”. Paulo concordou.

A primeira certamente aceitariam, porque é fundamental: que não sacrificuem animais. Paulo foi mais além e pediu que eles não comessem as carnes que viessem de sacrifícios pagãos. Porque comer a carne, para eles, não é como é um churrasco para nós. É comungar com os deuses pagãos. Eles aceitaram a primeira condição. As outras duas não têm sentido para nós, mas para eles tinha. Viviam uma antropologia, uma medicina que não era muito avançada, porque não puderam estudar. Achavam que a vida corria no sangue. Claro, se alguém perdia o sangue, morria. Era óbvio para eles. Tinham a impressão de que o sangue era o portador da vida. Não estavam totalmente errados. Se alguém sofre uma grande hemorragia, morre. Eles não comiam carne sangrando. Era a antropologia daquela época. Identicamente, havia a tal carne sufocada. Carne sufocada é uma carne de onde o sangue não foi tirado. Se não foi tirado, o sangue está lá dentro e será comido junto com a carne. Esses dois fatos devem ser entendidos no âmbito da antropologia deles. Hoje não valem mais nada para nós. E a última, é que não tivessem relações incestuosas, porque os pagãos aceitavam o incesto. O cristão começa a ter uma certa compreensão da família e percebe que, no seu interior, deveriam guardar a sacralidade. Também eles aceitaram.

Essa discussão, no começo da Igreja, já mostrou que nós só somos no pluralismo. É na conversa, é na discussão. Não em função de um pensamento único, de uma idéia única. E até hoje somos assim. Hoje mais ainda que outrora, a Igreja é muito mais plural e não devemos nos escandalizar. Devemos estar mais e mais felizes que a Igreja seja plural. Que haja os conservadores, bons, piedosos – ótimo! Que tenham *rossis* (**) que dancem e pulem – ótimo! Que tenha teologia da libertação – ótimo! Que tenha gente engajada – ótimo! Que tenha gente metida na política – ótimo! É esse pluralismo que faz a beleza da Igreja. Se um dia ela for uma coisa só, será tudo cinzento. Imaginem todos vocês com vestes cinzentas, que feiúra! Amém. (19.05.01)

(*) autor do Livro dos Atos dos Apóstolos

(**) referência ao Pe. Marcelo Rossi

JESUS REVELA O CORAÇÃO DE DEUS **(Ex 19, 2-6a/Mt 9,36-10,8)**

Lemos esse texto como um único Evangelho mas, de fato, Mateus usou a sua tesoura. Ele tinha, como todo evangelista, todo escritor, muitos textos, documentos, livros. Mateus recortou um pedacinho: aquele olhar de Jesus. Depois recortou outro pedaço: o chamado dos apóstolos e, finalmente, um último pedacinho: a missão dos apóstolos. Costurou os três e fez este texto.

Primeiro texto: o olhar de Jesus. Jesus olha para um povo e tem compaixão. A expressão latina é *misereor* – “estou com o coração tocado pela miséria, pela fragilidade do mundo”. Ele viu o povo abatido, como tantas vezes, caminhando pelas ruas, vemos pessoas abatidas, tristes, deprimidas, com os rostos carregados por tanto sofrimento, tanta luta, tanto medo. Jesus teve pena desse povo, logo pensou e fez uma comparação – uma comparação rural – que talvez não captemos o sentido, porque nunca tivemos essa experiência.

Imagino que o homem daquela época terá visto alguma ovelhinha perdida, balindo num cantinho qualquer, triste, desesperada, porque não havia ninguém para socorrê-la. Jesus terá se lembrado, talvez, de uma imagem de sua infância e disse que todas essas pessoas são como essa ovelha que está desgarrada, perdida, balindo, pedindo que alguém a salve. E o pastor não aparece. Jesus, quando fala e olha, faz com um outro olhar. Ele olha com olhar humano, de homem, do Verbo Divino encarnado, mas olha também com o olhar de Deus Pai. Ele revela o coração de Deus. Para o judeu, isso deverá ter sido algo que estremeceu toda aquela terra, porque o Javé que conheciam não tinha esse olhar.

Ouvimos hoje, na primeira leitura, uma imagem muito bonita. Uma sólida nação, que era o povo de Israel – uma águia imensa. Imaginemos Javé como uma grande águia, carregando todo o povo em suas asas. Mas e os egípcios, que Ele afogou no mar? Hoje sabemos que as asas de Deus são imensas. Não carregam só o povo de Israel, só a Igreja Católica, só os cristãos, mas toda a humanidade. Imaginem que asas são as asas de Deus, para carregarem a humanidade inteira! Aquele olhar de Jesus, naquele momento histórico, era a revelação, o olhar infinito de Deus de todos os tempos e de toda a história. É o olhar com que Deus nos olha, agora, aqui, a cada instante. *Misereor super turbam* – eu tenho compaixão de cada

um de vocês. Pensem agora em sua dor, em seu sofrimento, nas dores e sofrimentos passados e podem dizer que Deus se compadeceu de cada um. Ele também choraria lágrimas infinitas, eternas e abundantes.

Jesus não parou aí. Se tivesse parado só nas lágrimas, só no olhar, as pessoas continuariam sofridas, deprimidas, pesadas. Ele disse que deveríamos pedir ao Pai que mandasse alguém para estar ao nosso lado na hora da dor. É isso que eu peço ao Pai para cada um de nós. Para que, quando nos encontrarmos numa hora de solidão, de tristeza, haja alguém que esteja ao nosso lado e possa encostar o seu ombro no nosso, para dizer que não estamos sozinhos. Que haja alguém para compadecer-se, para sofrer junto, para carregar também a nossa dor, o nosso sofrimento.

A sociedade criou muitos ritos de condolências, muitas vezes, falsos. Essa é a dor. Quantas pessoas vão a um velório para dar os pêsames e depois saem conversando banalidades, rindo, fumando?! Não é esse o olhar do Pai, não é o olhar de Jesus, não é o nosso olhar. O nosso olhar deve entrar na dor da pessoa, retirar essa dor de dentro dela e colocá-la dentro de nós e sofrê-la juntos. Como posso sofrer ao lado de alguém se estou gargalhando? Não é possível! É sinal que fomos ali por pura formalidade vazia. Os nossos ritos estão sendo cada vez mais esvaziados. Para que serve uma coroa de flores? A flor não chora, não tem calor, não olha, não ouve. Só ouve, só chora, só fala o ser humano. É essa flor que queremos. Não queremos flores enchendo nossos caixões, porque elas não dizem nada. Elas só dizem alguma coisa se passarem aquilo que queremos passar. Temos que passar pelo olhar, pelo tato, pela palavra, pelo abraço. Mesmo que seja o silêncio, quando nos faltam as palavras. Muitas vezes a dor é tão grande, o ferimento é tão forte, que as palavras escasseiam e não conseguimos gramática nenhuma, vocabulário nenhum. Mas deixemos, pelo menos, o nosso silêncio, a nossa presença ao lado da pessoa que sofre.

Jesus foi mais longe ainda. Ele convocou doze. Doze não são aqueles nomes que lemos. Doze são cem, quinhentos, mil, um milhão de pessoas que Ele chama para que sejam os *mateuses*, *antônios*, *bartolomeus*, *filipes* da história da humanidade, para estarem ao lado das pessoas. Todos somos chamados a isso. Cada um é chamado a ser apóstolo, no sentido de ter compaixão. Mais ainda: Jesus diz tão fortemente que nós iremos curar leprosos, expulsar demônios, ressuscitar os mortos. Será que vamos fazer milagres? Não são esses milagres físicos, que muitas vezes tentamos cobrar de Deus em nossas orações, em nossas gritarias. Temos que ressuscitar

as pessoas vivas. Elas é que precisam ser ressuscitadas. Não os mortos, que estão nos braços de Deus. Temos que ressuscitar os vivos mortos, as pessoas quebradas. Isso é que é ressuscitar os mortos hoje. Esse poder é dado a cada um de nós hoje. Cada um de vocês tem poder de ressuscitar, de curar os leprosos, de curar os cegos.

Quantos cegos estão caminhando com os olhos abertos, mas não vêem a realidade, não vêem a cor, a beleza, a pureza?! Não vêem nada disso. Só vêem sujeira, esgoto, tristeza. Quem vai curar esses cegos? Nós, se tivermos compaixão. Se formos até a cegueira dessa pessoa, recolhê-la com os nossos olhos para, depois, juntos, vermos. Quantos leprosos há por aí! Não os que estão nos hospitais, porque para isso tem a medicina, que hoje consegue curar. Mas os leprosos que sofrem na aparência. Tão distantes do que são. Mostram o rosto lavado e o coração deslavado. Mostram o rosto reluzente e um coração escuro. São leprosos caminhando pelas ruas. Temos que ir lá, arrancá-los da lepra, senti-la, sofrê-la e devolvê-la limpa. Como Jesus curava os leprosos físicos, somos chamados a curar todos os leprosos.

Vocês também estão surdos. Surdos que ouvem demais. Ouvem rádio e televisão o dia todo. Mas não ouvem o mais importante, que é o chamado interior de Deus, aquela palavra que Ele fala no silêncio. É uma palavra muito sutil, muito baixinha, que os surdos dos barulhos não ouvem. Como vou ouvir um *sussurrozinho*, se estou no meio de um ruído gigantesco? Como posso ter o ouvido afinado para perceber a dor do meu irmão, se passo o dia todo envolvido na barulhada da existência? Como posso ouvir o sussurro de uma criança? Tenho que começar a curar a minha própria surdez, para chegar aos outros surdos.

E os coxos? Há tantos. Não os coxos físicos. Para esses existem os ortopedistas, as cirurgias. Os coxos são os que estão andando direitinho, vão às academias, mas são coxos. Porque não caminham na vereda reta do bem, da justiça, da ética. Enveredam-se pela corrupção, compram, subornam as pessoas, enganam, mentem. Mentem no amor. Hoje é dia dos namorados. Quanto namorado mente para a sua namorada?! E mente deslavadamente. São coxos, apesar da aparência bonita, atlética, *sarada*. Não sabem o caminho reto da lealdade, da transparência, da beleza, da fidelidade, do amor falado e vivido, falado e sentido, falado e praticado, falado e realizado.

Hoje Jesus colocou em nós tanto poder. Façamos esse poder acontecer. Amém. (12.06.05)

DEUS POTENCIALIZA OS NOSSOS AMORES ***(Mt 10, 37-42)***

Às vezes, entender as frases ao pé da letra, em vez de ajudar, dificulta. Creio que qualquer mãe fica perplexa quando alguém diz que ela deve amar mais a Deus do que a seu filho. Ela não vai entender o que significa isso. Pior ainda se eu disser para uma criança que ela deve amar mais a Deus, que ela nunca viu, do que a sua mãe, que está a seu lado. Certamente, Jesus não poderá ter dito isso. Vai contra o nosso senso comum. Mas a frase está no Evangelho. O que vamos fazer com ela?

E se eu partir de outro ponto? Se disser, por exemplo, que Deus é amor, como também está no Evangelho? Se eu mudar a frase e dizer: aquele que amar o filho, a mãe, qualquer outra pessoa, que não seja por amor, isto é, por Deus, que é amor, este não é digno? Acho que a frase fica correta. Imaginem que vocês amam a esposa que tem cabelos muito bonitos, brilhantes e longos como os de Verônica. Pode acontecer de ela ter um *stress* muito forte e o cabelo cair. Terá de usar peruca. Vocês deixarão de amá-la? Não podemos amar alguém por causa do cabelo. Imaginem também que vocês amem uma pessoa afortunada, inteligente, com pós-doutorado na Inglaterra. Se acontecer de ela sofrer um AVC (*) e esquecer tudo o que sabia, você deixará de amá-la, porque ela não tem mais tanta cultura?

A razão de eu amar outra pessoa não pode ser nem beleza, nem cultura. A razão deve ser outra. Aí vem a frase mais profunda: a única razão de amar é amar e amar é Deus. Se alguém amar a outra pessoa que não seja por amor, não é digna de Deus. É digna de outras coisas, dos interesses nossos. Claro que eu gosto de uma pessoa que tem uma conversa interessante! Não há nada de mal, mas não me faz digno de Deus. Isso qualquer um faz. Até os animaizinhos. Quando eu amo alguém em profundidade, pela única razão de amar, aí eu encontro Deus. Esse é o sentido profundo dessa passagem, que vale até hoje. Somos tão infelizes porque ainda não chegamos a esse nível de amor. Amamos por razões penúltimas. Podemos amar assim e o fazemos muitas vezes, mas essa penúltima razão pode falhar. Mas quando eu amo pela última razão, que é o amor, e Deus é amor, eu posso dizer que, no meu amor por essa pessoa, eu amo e encontro a Deus. Eu cumpro essa passagem do Evangelho.

Hoje pela manhã, celebrava a missa dos bombeiros e dizia-lhes:

imaginemos um incêndio na casa de um amigo. Vocês entram e fazem de tudo para salvá-lo. Imaginemos outro incêndio, onde está um grande inimigo. Vocês deixam-no queimar e apenas ficam olhando? Pelo contrário, fazem de tudo para salvá-lo. Logo, o que os move não é amizade, a razão última é o amor. Esse é o amor de Deus. Quando descobriremos isso, nossa vida se transforma.

Segunda idéia: é a dialética mais profunda do Cristianismo. É tão profunda que foram necessários muitos *freuds* (***) para chegar nela. Nós só nos ganhamos, só nos conservamos, quando nos perdemos. Só aquele que é capaz de perder-se no outro é capaz de encontrar a si mesmo. Olhem a profundidade do Evangelho! Quando penso que me encontro ao fechar-me, ficando preso, é nesse momento que eu me perco. Quando saio de mim como a água que escorrega das minhas mãos, cai no chão e desaparece; no momento em que sou capaz de sair de mim, portanto, de perder-me, é aí que eu encontro o outro. A última raiz do meu ser não é o fechamento e sim as relações. O ser humano é fundamentalmente relações. Quando ele estabelece relação, a sua liberdade nasce. No momento em que é capaz de olhar o olhar de um outro que não é ele. Por isso a criança, pequenina que seja, começa a ser ela no momento em que olha para os olhos de sua mãe. Olhando para a mãe, vê a diferença entre elas e vai aprendendo a ser o que é. Se não houver o olhar de um outro, nunca será ela mesma. No começo, a mãe é suficiente. Mas quando não somos mais crianças, perdemos aquele passo inicial. Esquecemos que nos constituímos sobre o olhar de um outro e queremos ser *narcisos* (***), criar-nos olhando para o espelho, para ver só o nosso rosto. Quando alguém só vê espelho, ele não existe, porque só existe espelho e não ele. Eu só existo na face do outro. Conservando, perdemos. Perdendo, encontramos.

A terceira idéia é muito bonita também. Precisamos ir um pouquinho para a etimologia da língua portuguesa. Já repararam o que significa o verbo receber? *Re+cipere*. *Re* significa repetição: reforçar, repetir, retomar. *Capere* é pegar, captar. Receber é pegar alguém duas vezes. Eu só recebo alguém quando, por duas vezes, eu acolho essa pessoa. E agora vem a profundidade do Evangelho. Eu acolho essa pessoa e, nela, eu acolho Deus. Eu nunca recebo uma pessoa sozinha. Sempre recebo Deus com ela, porque Deus está nela. Por isso o Evangelho diz que, se eu receber um profeta, um justo, uma criança, por menor que for, eu recebo a Deus. Se eu me afastar, me fechar, aí não recebo nem a pessoa, nem Deus. Amém. (26.06.05)

(*) Acidente Vascular Cerebral

(**) referência a Sigmund Freud, criador da Psicanálise

(***) referência ao mito grego que deu origem ao termo narcisismo.

QUEM EU SOU PERANTE DEUS? (At 12, 1-11/2Tm 4, 6-8.17-18/Mt 16, 13-19)

Essas três leituras são tão bonitas, que não vou me deixar levar somente pela tradição de apenas explicar o Evangelho. Todas merecem uma palavrinha. Todas elas são uma grande metáfora. Eu sempre gosto de olhar sob esse aspecto.

Na primeira, aquela descrição que vocês ouviram. No fundo, uma metáfora de cada um de nós que está aqui. Quantas vezes os poderosos gostam, se divertem, prendendo, punindo, castigando, tratando mal às pessoas? A história da Igreja conheceu milhões de cristãos que sofreram isso. Simplesmente porque os poderosos quiseram. Mas quando Pedro é preso, é sustentado – frase bonita – pela oração da comunidade. De vez em quando é bom que tomemos consciência disso. Às vezes estamos atravessando uma época difícil, uma situação dolorosa. Nos sentimos sozinhos, mas não é verdade. Nunca estamos sozinhos. Mesmo que as pessoas não mencionem o nosso nome. Não é necessário isso, porque somos essa comunidade. Saibam que vocês sempre são sustentados pela oração de todos, em qualquer momento em que estiverem.

Pedro está na prisão e aí aparece um anjo. Esses anjos são as coisas mais lindas que temos na vida. Claro que não são os anjos que vêm de cima. Deus não precisa mandar anjos do céu porque nos deu tantos aqui na Terra. Muitas vezes não percebemos nem descobrimos esses anjos. São aqueles que trazem uma palavra de consolo, aqueles que abrem as nossas prisões. Quantas vezes estamos presos nas nossas tristezas, na nossa dor, fechados em nós mesmos, presos por tantos apegos? Chega o anjo e abre a porta para que saíamos. Quantos estão presos na droga, na vida fútil, presos nas televisões da vida, e vem o anjo e abre a porta?! No começo não nos damos conta de que a porta foi aberta. Diz a leitura que caem as cadeias. Aquelas cadeias que nos atavam por tanto tempo caem, simplesmente, porque o anjo apareceu. Pode ser a mãe, o pai, o irmão, um amigo, um colega, até uma pessoa estranha que, de repente, nos diz uma palavra. É o anjo que abre a porta e faz as cadeias caírem. E nós, sonâmbulos, caminhamos como Pedro. As portas da cidade se abrem, não só as da prisão. As portas da cidade, da política, que nos jogam para um mundo maior. Também se abre esta grande porta da história. Quem conhece Jerusalém, imagina aquelas grandes portas se abrindo para Pedro. E ele

cai em si. Esse momento é importante, quando caímos em nós mesmos, quando tomamos consciência de que estamos sendo livres e libertados, de que há um anjo que nos está conduzindo. Deus nunca deixará de colocar anjos em nossa vida! É que, muitas vezes, não os vemos, embora Ele os coloque, e muitos.

Paulo usou uma metáfora bonita das Olimpíadas. Ele se imaginou como alguém que estava correndo, como aqueles corredores das maratonas que ele conheceu na Grécia ou em Roma. Não a maratona das Olimpíadas, para ganhar uma *medalhazinha* qualquer, que ficará guardada depois daquela glória pequena de um momento e que todos irão esquecer. Quem se lembra dos vencedores das Olimpíadas de quarenta, trinta anos atrás? Paulo diz: “Essa minha medalha é eterna. Eu nunca a esquecerei”. E ninguém nunca esquecerá. Até hoje falamos de Paulo e pouco falamos das Olimpíadas gregas. Não sabemos os nomes daqueles atletas. Mas de Paulo falamos, porque a sua medalha tinha o sangue da entrega da sua vida.

O Evangelho pode ir e pode voltar. Vem Jesus e pergunta a cada um de nós: “Quem vocês dizem que eu sou?” Mas não há um lugar só para responder. Aqui, é claro que respondemos: “Você é aquele que se nos entrega na Eucaristia!” Mas e na rua, no trabalho? Em cada lugar a resposta é diferente. Não é aquela *formulazinha*: “Tu és o Messias, o Filho de Deus!” Não! Tu és aquele que eu persigo, mas é aquele que me chama. Tu és aquele que me envia, aquele que está sempre ao meu lado. Tu és aquele que abre os meus olhos. Tu és... Há tanto “Tu és” para Jesus! Ele é tão diferente em cada momento. Muitas vezes nos prendemos às frases. O que importa é a experiência da vida, que é abundante. As frases são vazias. Que fiquem para os gramáticos e a vida fique para nós. Este “Tu és” vai nos dar milhares de respostas de quem é Jesus.

Mas eu queria deixar-lhes outra pergunta e essa eu não posso responder. Essa vocês irão responder individualmente. Se Jesus perguntasse: “Que dizes de ti mesmo? Quem és tu?” Vocês diriam logo o nome. Mas o nome é algo tão externo! Pode-se ir ao cartório e mudar, porque não gostou. Quem sabe, por exemplo, que Leonardo Boff se chama Genésio? Ninguém sabe. O nome dele é Genésio Boff, mudou para Leonardo, que é um nome tão bonito e todos o conhecem assim. Portanto, o nome não basta.

Ah, eu sou advogado, médico, engenheiro, professora, estudante, estou quase formado... É pouco. As profissões passam, ainda mais hoje.

Muda-se de profissão a cada hora. Fica-se desempregado. É pouco definir alguém pela profissão. Então, como vamos nos definir?! Quem somos nós? Guardem essa pergunta e respondam-na. Será que são capazes de responder quem são vocês? Quando eu estava pensando nesta *homiliazinha*, me perguntava: quem sou eu?

Invertam. Imaginem que o Senhor encontra cada um de vocês e faz esta pergunta: “Quem é você?” Amém. (02.07.05)

AS PALAVRAS CARREGAM EXPERIÊNCIAS (Mt 13, 1-23)

Certo pregador, ao proclamar este Evangelho, disse que, como Jesus já o havia explicado, não precisaria homilia e prosseguiu a celebração. Realmente, Jesus já explicou. Vamos tomar essa explicação e tentar entendê-la hoje, quando Jesus já não está aqui, como estava há dois mil anos.

Em primeiro lugar, por que Ele compara palavra à semente? Fiquei pensando nisso. Há uma visão antiga de semente, e hoje temos informações mais avançadas da genética. Para os antigos, tomar uma semente e ver que, depois de algum tempo, saía uma árvore, era algo espantoso. Como é que de uma sementinha poderia sair uma árvore? Ficavam *grilados*. Hoje sabemos que a semente é uma fonte de informações. E sabemos coisas mais bonitas. Que essas informações têm quinze bilhões de anos. Ela carrega, desde aquele *big-bang* inicial, todos aqueles momentos de explosões. Tudo aquilo que foi marcando as matérias com suas informações, de repente se fechou numa semente. De tal maneira que hoje, em Campinas, os cientistas começam a mexer na semente, para modificá-la. Aparecem as modificações genéticas e também os piores transgênicos.

A semente é carregada de informações. E cada palavra também é carregada de informações, não apenas o que ela indica. É que, atrás da palavra, existe a experiência. É isso o mais importante. As palavras carregam experiências profundas. Experiências que os povos antigos viveram e depois traduziram para uma palavra, que vai carregando essa experiência. Quando um brasileiro chega num país estrangeiro – na Alemanha, por exemplo – e diz: eu estou com saudade!, o alemão vai olhar no dicionário e saberá que não há tradução. É uma experiência tão brasileira e galega, que nós forjamos esta palavra, o que nenhum outro idioma fez. Nenhuma outra língua consegue transmitir esse sentimento de tristeza, alegria, desejo, busca – toda essa gama de sentimentos que significa saudade. Isso só para dar um exemplo. Há um filósofo galego que escreveu “A filosofia da saudade”. E só podia mesmo ser galego, pois as línguas se assemelham. Eles dizem *soidade* para saudade.

Uma segunda coisa que, talvez, Jesus não soubesse naquela época, é que hoje os caminhos são diferentes. Ele diz que a semente caiu à beira do caminho. No mundo em que Ele vivia, quem escondia as coisas era

o demônio. O pássaro era o símbolo do demônio. Hoje sabemos que há muitos demônios que escondem as coisas. Há um demônio chamado ideologia, que é muito pior do que Satanás, de rabo e chifre. Esconde as verdades, mente. Essa sementinha cai no mundo da mentira, do engodo, do engano. Jesus, talvez muito puro, muito santo, não conhecia, nem poderia conhecer, toda essa perversidade que estamos construindo ao longo do tempo.

Eu diria que essa sementinha cai onde uma pessoa não pensa. Quem não pensa está sempre à beira do caminho. Todas as palavras vão bater nas pessoas e, se elas não pensam, é como as sementes comidas pelos pássaros. Elas não entram. Mas o que é pensar? Pensar é perceber que as palavras se desdobram para além de hoje, para amanhã, para sempre. Pensar é perceber que as palavras desdobram experiências do passado. É perceber que as palavras têm a densidade do presente, do futuro e do passado. Só pensa quem tem dimensão histórica. Quem pensa todo esse mar de lama da corrupção no Brasil não vai dizer como a imprensa brasileira, porque ela não pensa. Não consegue ver que, atrás de tudo isso, existe uma tradição de mais de quinhentos anos de dominação. Não é um fato isolado que acontece agora. Não é um Marcos Valério (*) isolado. Quem pensa sabe que, infelizmente, já construímos, há muitos anos, o engano, a mentira, as jogadas, o truque. Tudo isso! Eu passava ali na avenida, por esses dias, e parece que havia uma sena acumulada. Vi as filas imensas de pessoas arriscando, enganando-se com o dinheiro que vai cair *a rodo*. Todas aquelas pobres pessoas com seus bilhetinhos, esperando horas e horas, porque não pensam. As mentiras se multiplicam, porque não pensamos. A propaganda cresce porque não pensamos. Se pensássemos, dispensaríamos todos os marqueteiros do mundo. Eles ficariam desempregados. Eles se proliferam, porque não pensamos. É possível acreditar que usar calça Lee dá liberdade? Os jovens usam calça Lee e ficam livres! Livres de que, se não sabem nem o que é liberdade? Ser caminho é não pensar. É não saber que as palavras carregam o passado e projetam o futuro. É não saber que construímos o futuro. Por isso há tanta corrupção. Essas pessoas estão jogando com o futuro dos filhos, dos netos e não sabem. Destroem, sujam, machucam, maculam. Porque não sabem da história que construíram, não percebem a densidade do presente.

Jesus diz que as pedras são símbolo da pouca terra e da superficialidade. O que Ele quer dizer quando nos diz isso? Busquemos a etimologia da palavra – *super+faciem* – em cima da face. Superficial é o que fica na face.

Eu olho a pessoa e fico na face. A namoradinha olha o namoradinho e vê apenas um lindo rosto. É superficial. E o coração, os desejos, os projetos? Isso não existe, porque o superficial não vai até lá, não atinge o mais profundo da pessoa. Fica apenas em cima da face. Daí vem superfície. Como a língua portuguesa é bonita! As palavras carregam experiências. Quem criou a palavra superficial é porque um dia se enganou no rosto de outro. Sabem o que dizem de vocês, jovens? Eu não sou médico, mas leio e escuto muita coisa. Os especialistas em adolescentes – hebiatras – dizem que eles erram muito em escolher os rostos. Eles se enganam com as pessoas. Por isso, dificilmente os namoros de adolescentes dão certo. Eles olham o rosto e vêem uma coisa e a verdade é outra. Não é por maldade, mas por falta de desenvolvimento cerebral. Mas o pior é que, às vezes, ficam adolescentes a vida toda. Envelhecem *adolescentemente*. Isto é, nunca chegam a descer um mínimo sequer da superfície. À primeira dificuldade, à primeira tentação, ao primeiro sofrimento, à primeira *brigazinha*, acaba o namoro, se separam

Espinhos. Que imagem bonita! O espinho envolve, penetrando as pessoas. Mas não com gosto e prazer, mas com a dor, querendo empurrar o outro para fora. Ninguém vai abraçar um espinheiro, acariciar um porco espinho. Espinhos são esses momentos em que repelimos as pessoas. Não queremos o bem, a virtude, a beleza. E como a palavra pode entrar aí dentro? Como o amor, a beleza, a ética, a verdade podem entrar aí dentro, se os espinhos espantam tudo isso?

Somos caminho porque não pensamos, somos terra seca porque somos superficiais, somos espinhos porque espantamos a beleza, a verdade, o bem. Ficamos sozinhos, com a semente seca, que não dá fruto. Amém. (09.07.05)

(*) referência as CPI's que estão acontecendo no Congresso Nacional

PEDIR É ABRIR-SE (Gn 18, 20-32/Lc 11, 1-13)

As leituras de hoje trazem perguntas intrigantes para a nossa vida. Eu vou inverter a leitura de Abraão. Ao pé da letra, dá a impressão de que Deus quer castigar as cidades de Sodoma e Gomorra. Quer jogar sobre elas fogo, enxofre, para destruir as pessoas, alegando que precisava de um justo para salvar as pessoas. Esse é o texto da leitura que todos conhecem. Mas, e se invertêssemos? Se eu perguntasse a Deus: “Deus, se houver cinquenta assaltantes e criminosos nesta cidade, eles destruirão a cidade? Se houver quarenta e cinco, eles destruirão a cidade? Se houver trinta, se houver vinte, se houver dez?...” A realidade da destruição da cidade está colocada nas nossas mãos. Não é Deus que vai fazer cair enxofre sobre nós. Vocês já perceberam que um grupo pequeno de assaltantes consegue imobilizar toda uma cidade, tornando-nos reféns? Há pessoas que não saem à noite. Com medo de quem? Não sabem. Não vão a certos lugares. Por medo de quem? Não sabem. Ao invés de ficarmos pensando que Deus destrói, deveríamos voltar os nossos olhos para a nossa cidade, para a nossa realidade e nos perguntar: como vamos resolver este problema? Porque, de fato, poderia ser destruída, não diria a nossa cidade, mas a nossa paz, a nossa tranquilidade, a nossa serenidade, nosso gosto de viver.

Ainda outro dia, recebi um correio eletrônico de um amigo que está nos Estados Unidos e ele dizia que o povo americano vive cheio de bens, mas com medo. O medo dominou o país. Um país riquíssimo, com o exército mais poderoso do mundo, com o serviço de inteligência mais forte que se pode imaginar e é nesse país que o povo vive refém do medo. Então, é Deus que destrói? São os homens, nós – seres humanos, que vivemos nos ameaçando mutuamente. É aí que temos que trabalhar.

Passemos ao Evangelho. Esse Evangelho leva tanta gente a entender mal a Deus. Imaginam que Ele é alguém que está sonolento, como certas pessoas, pela vida afora. Deus está sonolento no céu e precisamos insistir, para que Ele nos conceda uma graça. “Eu quero passar no vestibular, eu quero passar no vestibular...” De tanto aborrecê-lo, na hora da prova o Espírito Santo sopra no ouvido, e a pessoa passa no vestibular. Imaginamos um Deus ranzinza, mal humorado, que precisa ser convencido, como esse homem que não quer levantar da cama. É preciso bater na porta até que ele se levante e traga o pão. Será que essa é a imagem de Deus? Será que era isso que Jesus queria nos dizer? Ou será que é a última frase o que Jesus

quer nos dizer?

Nós é que não nos abrimos aos dons de Deus. É claro que não receberemos os seus dons, se fecharmos os braços. Os dons caem diante de nós. Pedir é abrir os braços. Pedir é esperar. Pedir é aguardar. Não é insistir. Não precisamos dizer nada para Deus. Não precisamos lembrar-lhe nada. Ele já nos deu, muito antes que pensássemos em pedir. Ele já se deu a si mesmo. E se Deus se deu a si mesmo, nos deu o infinito. Quem tem o infinito tem tudo. Podem nos faltar migalhas de ser da existência, mas o que é isso diante do infinito de Deus, que habita o nosso coração? Podem nos faltar algumas coisas, às quais atribuímos um valor imenso, mas o que é isso diante do dom do próprio Deus? Ele está junto, ao lado, batalhando conosco em todos os instantes de nossa vida, até aquele último instante em que atravessarmos o túnel escuro da morte. Ele estará ao nosso lado. Como podemos ficar insistindo, pensando que Deus precisa de nossos pedidos, que temos que pedir a Deus que nos dê Deus? É a Ele que queremos, é o Espírito Santo que queremos, é a presença dele que queremos. Ele sempre nos dá, mas não captamos, não percebemos. Somos cegos, míopes; somos surdos e moucos. Nossos olhos, nossos ouvidos não captam as sutilezas de Deus, as delicadezas infinitas do seu amor: aquelas pessoas que cruzam os nossos caminhos e que são anjos que Ele nos está enviando a cada instante e não vemos, não captamos, não percebemos. Se parássemos um minuto sequer para pensar, perceberíamos os infinitos dons de Deus, começando pela nossa existência aqui e agora. Somem os anos que vocês têm, os dias, os instantes. Cada instante é um dom fascinante de Deus. Quantas vezes eu já disse isso?! Se Ele se retirar um instante sequer, não morreríamos não, seríamos nada. Nada é nada. Ele nos sustenta vinte anos, trinta anos, quarenta, cinqüenta. Tantos anos que Ele está nos sustentando na existência. Ele está atuando, está agindo. Não pensem que é o sangue que circula, que são os médicos, os remédios que nos curam, que nos fazem existir. O médico administra esta carcaça. Deus a faz existir no ser, isto é, na última radicalidade. As medicinas tocam a superfície, Deus toca em profundidade.

A quem nos dá isso podemos pedir tudo, porque Ele é tudo. Amém.
(25.07.04)

BUSCANDO SINAIS QUE NOS UNAM (Is 55, 1-3/Rm 8, 35.37-39/Mt 14, 13-21)

Este milagre é muito mais que um milagre físico, por isso até andei brincando com os números durante a leitura. É uma parábola muito mais bonita do que o fato material. Às vezes ficamos presos a esse primeiro sentido. Que maravilha, Jesus multiplicou tantos pães, é poderoso! É o sentido menos importante que eu vejo. Há um outro sentido que também não é tão importante assim: os cinco pães e os dois peixes são os pães e peixes que as pessoas trouxeram, colocaram em comum, deu pra todos e ainda sobrou. É bonito esse sentido, mas acho que o evangelista é mais inteligente. Ele joga com tantos símbolos nesse pequeno Evangelho, que está colocado ao lado de duas leituras.

A primeira leitura é Isaías, que fala da abundância de comida gratuita. “Vinde, comei, bebei. Não preciséis pagar nada e podereis sair saciados”. O que este profeta queria dizer com isso? Vocês vão ao supermercado, pegam as coisas, vão embora sem pagar? A polícia corre atrás e leva todos para a cadeia. Portanto, não é nada disso. É extremamente simbólico.

Na segunda leitura Paulo diz: “O que nos pode separar do amor de Deus?” A morte, a distância, os poderes? Nada! Então nós temos a abundância da comida, a presença amorosa de Deus e, no Evangelho, esta parábola gigantesca da multiplicação dos pães.

Olhem bem: os apóstolos queriam mandar as pessoas embora, como a sociedade sempre faz. Jesus não deixa que elas se dispersem. Mas, para ficar, elas precisam de símbolos – símbolos que unem e ligam as pessoas. Esse é o desafio da nossa comunidade.

Naquele momento, o símbolo mais símbolo era o pão e o peixe. Ambos, alimentos fundamentais que serviam para que as pessoas ficassem mais tempo juntas entre si, com os apóstolos e com Jesus. Não é o milagre que importa, mas a comunhão das pessoas. Como aqui na Igreja também nunca vai faltar Eucaristia para ninguém que dela queira participar. Todos podem comungar. Não vão embora não, gente! Vamos todos comungar! Receber o pão e o vinho quer dizer que nós estamos ligados. É alguma coisa que nos liga e que é visível. Não ficamos ligados apenas com coisas abstratas, sentimentais. O que nos liga são coisas físicas, visíveis, sinais concretos – o pão, a comida, a refeição.

Quantas vezes eu venho insistindo com vocês sobre a importância

da refeição, para que nos unamos, para que pais, filhos, esposos fiquem juntos, pelo menos por quinze, trinta minutos. Para que o alimento sirva para unir as pessoas. Precisamos estar juntos. E eu acho que com esse milagre Jesus queria dizer-nos Gente, não fiquem separados! Não somos como ouriços – já repeti tantas vezes essa comparação. Sozinhos morremos de frio, e continuamos nos espetando. Não somos ouriços. Somos pessoas, somos carinhos, somos afetos.

Este milagre está falando que temos que descobrir sinais para nos encontrar, porque a sociedade moderna distancia as pessoas. O pai trabalha longe, a mãe trabalha também, os filhos vão para a escola e quando é que eles se encontram? Nunca. Se não descobrirmos sinais que nos unam, que nos liguem, que nos atem, que nos coloquem juntos, nunca nos encontraremos. Aí virá a solidão, a tristeza, o aborrecimento. Virão as drogas, o sexo desvairado, os desatinos da vida. O ser humano só se encontra abrindo a porta interior. A pior morte é a solidão, o individualismo, o ficar sozinho diante de uma coisa, é não encontrar pessoas que aqueçam a existência com seu olhar, com seu carinho.

Está Jesus aí falando: Fiquem, não vão embora. Continuem. Não se afastem! Amém. (03.08.02)

O PÃO DA CONVIVÊNCIA (Jo 6, 30-50)

João joga com as palavras. Há pelo menos quatro sentidos diferentes neste texto. É por isso que ficamos meio desnorteados ao ler o Evangelho de João.

O primeiro pão é um dado cultural, mas não de todas as culturas. Para quem conhece um pouquinho de geografia, é da cultura mediterrânea – daquele mar que banha a Europa, a África, o Médio Oriente. Naquela bacia mediterrânea se iniciou a cultura do pão. Se fosse, por exemplo, aqui nas nossas Américas, seria provavelmente o milho, ou talvez a mandioca. Se fosse na China, seria o arroz. Mas é pão que nós temos nessa cultura. Já começa aí o mistério. Deus já escolhe um elemento cultural. Ele não fala de forma abstrata, mas bem concreta. E como a aquela cultura é a do pão, Ele escolheu o pão. Poderia ter escolhido o arroz, o milho, a soja, se estivesse falando para os Estados Unidos, depois para o Brasil. Mas não, escolheu o pão. É um dado cultural.

Agora vêm três idéias: vive-se do pão, em torno do pão e não se deve guardar o pão. Esse é o jogo do Evangelho.

Vive-se do pão. Todos nós precisamos de pão para viver, para nos alimentar. Isso é básico. Essa idéia já é usada para os grandes projetos que existem por aí, no Brasil: Fome Zero, Mutirão para a Superação da Fome e da Miséria. O pão é básico. Mas pão aqui é uma comida digna. É a comida que se consegue pelo trabalho, pela dignidade. Não como aqueles que vão buscar a sua comida no lixo. Isso não! Isso degrada o ser humano. Oxalá, nessa nossa comunidade, não houvesse uma pessoa sequer que não tivesse pão para comer, que não tivesse comida digna que alimenta a pessoa, de maneira que ela pudesse crescer e viver limpa e sadiamente e não à mercê de esmolos. O pão é a fonte da vida.

Mas o Evangelho quer ir mais longe. Vivemos em torno do pão. O que quer dizer isso? João quer chamar a atenção para uma dimensão mais profunda. O pão não é só para a gente comer e alimentar o corpo. O pão é símbolo, e símbolo reúne as pessoas. Símbolo por quê? Vou à padaria, compro um pão. Para que serve esse pão? Para sustentar o padeiro. Ele vai vendê-lo para sustentar a sua família. E nós compramos para comer. Até aí, nada simbólico. O cachorro é capaz de fazer isso sem pagar, apenas abocanha um pedaço de pão e sai. Nós não compramos o pão apenas para comer. Nós o colocamos sobre a mesa. E o que é a mesa? É o lugar onde

as pessoas se reúnem e se sentam em torno do pão. Olhem para este altar. É um altar, mas também é uma mesa. O pão está na mesa para que a gente se reúna em volta. O pão é o elo da união; é o elo da nossa afetividade, da nossa convivência, quando vamos partilhar a Palavra, quando vamos ouvir. Se não nos reunirmos, não falaremos, não ouviremos. Se não nos reunirmos, não conviveremos. É tão fundamental e, ao mesmo tempo, tão difícil conviver!

Talvez muitos de vocês saibam disso: no final do milênio passado, a UNESCO (*) fez uma grande pesquisa no mundo. Eles se perguntavam: quais são as linhas centrais para as gerações do século XXI? Pesquisaram muito e chegaram a três frases, que eu já repeti várias vezes aqui: aprender a pensar, porque as pessoas não sabem pensar; aprender a fazer, porque se faz sem aprender a fazer, sem criar. E a terceira, que mais interessa agora: aprender a conviver. Isso foi fruto de uma longa pesquisa. Pensem bem: nós, no século XXI, precisamos aprender a conviver, porque desaprendemos a convivência. O pão é exatamente o símbolo da convivência. Na multiplicação dos pães vimos as pessoas se assentarem em grupos para aprender a conviver. Quando, na última ceia, Jesus se reuniu com os apóstolos, provavelmente – embora os Evangelhos não digam – deveriam estar presentes as esposas dos apóstolos, deveriam estar presentes as crianças. Terá sido uma festa belíssima de convivência. Quando Jesus queria descansar, ia à casa de Marta e Maria e lá Ele convivia. Quando quis conversar com Zaqueu, Ele disse: “Zaqueu, vou jantar na sua casa!” (**). Jesus gostava imensamente do pão e da convivência.

Ele é esse pão do céu, não quando nos arranca da Terra, mas quando nos faz viver aqui na Terra os valores do Reino de Deus. E o principal valor do Reino de Deus é a nossa convivência humana, sadia, livre, pacífica, cordial, feliz. Isso é o que Ele quer e não a violência. Sobretudo agora, quando estão sendo destruídos os tecidos familiares, diante da entrada de outros valores. Está a família ao redor da mesa, e de repente, entra a televisão, a *internet*, e é preciso se calar. Todos casmurros, porque não falam, porque não cultivam o dom de falar.

Mas Jesus nos alertou: o pão nos alimenta, mas não devemos viver para o pão. Isto é, viver para o ter, o consumir, o dominar, para o querer ter as coisas. Isso nos esvazia. O ter camufla. O ter esconde o ser e o ser é que é importante. É o último verbo. Se arrancássemos todos os verbos da gramática e os reduzíssemos a um só, o último verbo a ser decepado seria o verbo ser. Se acabássemos com o verbo ser, seríamos nada e nada

é nada. O último verbo, o verbo radical de todas as gramáticas é o verbo ser. O ser é que é importante em nossa convivência.

O pão do céu quer fazer com que sejamos para nós, para seres humanos e não para o ter. O pão é meio, é ajuda, é mediação, é sinal. É lugar de culto para o ser e não a sua finalidade.

Mais outro sentido. Quando Jesus falou que Ele é o Pão da Vida e quem comesse desse pão não teria fome, falava da fé, porque naquela época ninguém conhecia Eucaristia. Comer junto, para o judeu, significava acreditar profundamente em alguém, confiar radicalmente em alguém. Participar do pão é participar da comunhão dos valores, daquilo que é profundo. Uma família comunga do mesmo pão quando todos têm os mesmos valores fundamentais, quando acreditam que há amor entre pais e mães, entre pais e filhos, entre esposos. Isso é crer. Isso é comer o pão. Portanto, participar dos valores maiores.

Claro, o último sentido só pode entender os que vieram depois de João. Isto é, este pão que está sobre o altar é o pão da Eucaristia. Qualquer cristão entende. É o pão que nos alimenta, é o pão que o Filho nos deu. Pão que é a participação nos valores, participação nesse dom eucarístico que abrange a todos nós que estamos aqui e que fará com que sejamos humanidade. Amém. (03.08.03)

(*) Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

(**) Lc 19, 5

O SERVIÇO DE SER PAI (Lc 12, 32-48)

O Evangelho exprime um momento histórico bem concreto. Quando Lucas escrevia esse trecho a comunidade dos primeiros cristãos se via na iminência, na proximidade da segunda vinda de Jesus. Depois da ressurreição, eles ficaram tão deslumbrados com essa experiência, que achavam – eles se enganaram, é claro – que o mundo ia acabar. Depois de Cristo ressuscitado, o que falta? Nada. Já temos tudo. Porque, de fato, Cristo ressuscitado já tem a plenitude acontecida nele. O final do tempo já aconteceu. De fato, aconteceu na pessoa de Jesus, mas não para Lucas.

Essa passagem foi difícil para eles fazerem. O fim do mundo chegou na plenitude de Jesus, mas não acabou como fato. Eles contavam essas parábolas e interpretavam como se o Filho do Homem viesse imediatamente. Nós já estamos há dois mil anos e Ele não veio e não é de se esperar que venha logo. Podem ficar tranquilos que o Filho do Homem não vai terminar a história.

Mas esse Evangelho continua válido, porque nós caminhamos na história. Teremos um fim e esse nosso fim também é desconhecido. Já diz o provérbio: “A morte é certa, a hora é incerta”. Isso continua tão verdadeiro ontem, como hoje e amanhã. Por mais que a medicina queira prolongar a nossa vida, por mais que os remédios nos ajudem a viver mais, haverá um momento, sempre inesperado. Mesmo o enfermo terminal se agarra à vida a ponto de a morte para ele parecer uma imensa surpresa. Nós podemos observar alguém caminhando para a morte, mas aquele que está caminhando – ele mesmo – não percebe. Esse Evangelho continua tão válido ontem como hoje.

Mas há mais ainda. É que Jesus se mostra como aquele que vai servir. É interessante! É contra toda a lógica daquela época. Imaginem o dono da casa, chegando tarde da noite, depois de uma festa de casamento e naquela época as festas eram longas – lembram de Caná? Eram realmente festas de uma abundância gigantesca. E como é que esse homem, chegando, vai servir os empregados? Claro, só pode ser uma metáfora, e muito bonita, para a atitude de Jesus. Quem deve ser servido, vai servir. E Ele, de fato, está servindo. O que é a Eucaristia, senão um serviço do Senhor a nós? O que são as reflexões bíblicas? O que é a Palavra de Deus? O que são todos os nossos esforços para penetrar e conhecer o mistério de Deus, o serviço de Deus em nós?

Deus não ganha nada em nos conhecendo, mas nós ganhamos muito em conhecê-lo, em amá-lo, em segui-lo. Cada graça que recebemos, no fundo é um pequeno serviço que o Senhor faz a nós. Nós somos os servidos, nós somos importantes para Deus. A graça vitoriosa de Cristo atravessa o mundo, não por Ele, mas por nós. E chega até cada um de nós.

E hoje, no dia dos pais, uma palavrinha para eles. A cultura marca muito a compreensão das funções: a função de pai, esposo, chefe da família na cultura tradicional é bem diferente da concepção do nosso imaginário de hoje. Os pais estão sofrendo muito com isso. Estão perdendo um pouco o pé, o terreno firme que havia antigamente, quando o pai era o patriarca: o princípio, a *re*. *Re* em grego é princípio. O pai era o princípio sobre o qual girava toda a família. Agora ele é um membro da família, tão importante quanto a mãe, a esposa, tão importante quanto os filhos. E deve saber que agora há um jogo dialógico, de diálogo, no qual se vai tentar educar a criança. Não mais de uma maneira vertical, de cima para baixo, mas de uma maneira de quem compreende, ama e busca uma palavra. Também de quem sabe que o pai é um ponto de referência fundamental para os filhos, ainda incertos. Seus caminhos ainda são confusos e é normal, na juventude, na adolescência não se ter clareza, porque ainda dá tempo. O cérebro ainda não está pronto para decisões importantes. Eles terão que esperar, porque nada se faz sem tempo aqui na história. O pai é aquele que, de certa maneira, já atingiu o tempo da maturação. É alguém plantado na história e pode, portanto, ser para o jovem, criança e adolescente, uma referência fundamental. Pode ser uma referência boa, mas é importante saber que pode haver mágoas que perpetuam e são difíceis de serem curadas.

Pais, não machuquem seus filhos! Amém. (07.08.04)

AS TRÊS DIMENSÕES DA ASSUNÇÃO (Lc 1, 39-45)

A festa da Assunção é como uma grande onda que se desdobra em três movimentos. O primeiro toca a própria pessoa de Maria. O segundo banha a todos nós que estamos aqui. O terceiro envolve todo o cosmo.

No primeiro movimento, olhamos a glorificação de Maria. Interessante, aqueles que organizaram a liturgia, lá em Roma, ficaram perplexos. O Evangelho de hoje não é sobre a assunção ou sobre a morte de Maria. O Evangelho termina com a ressurreição de Jesus, e Maria continuou vivendo e disso não fala mais o Evangelho. O que fazer? Se a festa é da assunção, teríamos que arranjar um Evangelho. Onde buscá-lo? Aqueles homens ficaram atrapalhados, mas pensaram: quem é que subiu aos céus? O que temos que olhar em Maria? O que há em sua vida que a fez chegar a essa situação? Seria um momento importante, quando todos a elogiassem? Não, no Evangelho não aparece nenhum momento em que ela seja elogiada. O Evangelho é muito sóbrio. Houve uma vez em que uma mãe de família, olhando para Jesus, disse: “Bem-aventurados os seios que te amamentaram”. Mas disse isso olhando para Jesus, imaginando a maravilha de se ser mãe de alguém tão especial. Os homens que organizaram a liturgia acharam por bem escolher aquele gesto de serviço a sua prima Isabel como uma chave para entender o amor. Vamos ver se conseguimos entrar na cabeça daqueles homens.

Quando Maria se dispõe, já sabendo que era mãe do Filho de Deus, se esquece de tudo. Esquece que está grávida, que carrega em seu seio o próprio Verbo Eterno e pensa na velha Isabel que, naturalmente, não devia estar preparada para ser mãe. Pensa que ela deve estar totalmente *baratinada*. E põe-se a caminho. Sai – diz o Evangelho – apressadamente. Sabia que a gravidez de Isabel já ia avançada. Naquela época não havia os meios de comunicação de hoje, e ela teria que ir a pé, demorando-se alguns dias, principalmente numa região de colinas.

O Evangelho coloca esse cruzamento de dois mundos. A velhice carrega o Antigo Testamento – Isabel carrega João Batista, que fecha o Antigo Testamento. A Virgem carrega o Novo Testamento – Maria, Jesus. Vejam que beleza! Fecha-se o mundo antigo. É como se Deus tivesse dito que acabara esse mundo antigo! Acabara tudo que é preparação, tudo que é espera, tudo que é profecia. Já não é necessária nenhuma profecia. Agora

é a realidade, agora é presente. Não é preciso mais anunciar o futuro, é só dizer que ele já está aí. A salvação está aí. Essa salvação da qual Maria participa em plenitude. Por isso, esse Evangelho está ligado à assunção. Ela carrega a salvação e hoje faz com que aquele que está dentro dela faça a plenitude de sua vida.

Segundo movimento. Esta festa é nossa. Certamente todos nós já vivemos essa *experienciazinha* bem banal. A gente está numa fila parada. Quando alguém começa a se mover, notamos que a fila começou a andar. Há alguma esperança de a gente sair. Nós estávamos na fila para a plenitude da vida. Mas a fila não andava. Jesus passou por fora da fila. Morreu e ressuscitou, mas passou por fora da fila. A fila humana continuava parada. Não tínhamos saída. Todos iríamos morrer e desaparecer. Ninguém passou para o outro lado, ninguém viveu de novo. Ninguém da terra, gerado, nascido da terra atravessou os umbrais da morte. De repente, a fila andou. A porta se abriu. Maria abriu a porta da assunção para nós. Todos nós poderemos ser assuntos, sem exceção. A festa é nossa porque agora, sim, temos certeza de que um ser humano, plenamente humano, pode ser glorificado. Maria é plenamente humana – filha de um homem e de uma mulher. Provavelmente era analfabeta, não tinha gramática, não frequentou nenhuma universidade, não passou em vestibular. Pois bem, essa mulher simples é que vai abrir a fila. Não foi nenhuma doutora de salto alto. Foi a mulher simples que atravessou a porta. E se ela passou, todos poderemos passar.

Terceiro movimento. Não somos somente nós. Vamos dar um tom maior. Einstein, um grande cientista, autor da teoria da relatividade, dizia que a religião do futuro será cósmica. Por que cósmica? Porque nos fará transcender todas as coisas. Maria, – com seu corpo físico, bioquímico, com as mesmas substâncias que nós – ao ser glorificada, insere todo o cosmo na plenitude da vida. Todo esse gigantesco cosmo não é deixado de lado. Poderíamos pensar que tudo isso iria terminar em uma noite escura, num inferno atômico. Tudo iria desaparecer num *big crash*, como se nada existisse. Não! Essa matéria, esses astros, tudo isso que existe participa, é carregado no corpo glorioso de Maria.

O Concílio Vaticano II nos deixa uma *frasezinha* e com ela termino: “Todas essas coisas nós encontraremos purificadas, na sua caducidade. Estarão plenificadas, porque Maria subiu aos céus”. Amém. (18.08.02)

BARCAS AO MAR (1Rs 19, 9. 11-13/Mt 14, 22-33)

Estão aí duas belíssimas parábolas da existência humana: a primeira de Elias e a segunda de Jesus. Talvez alguns pormenores históricos nos escapem, porque não podemos conhecer tudo. Elias estava no monte Horeb. Horeb é o mesmo monte Sinai, onde Deus apareceu a Moisés no meio dos raios, das tempestades para dar-lhe as leis – o Decálogo. Quando Moisés desceu do monte, irradiava tanta luz que o povo não podia olhar para o seu rosto. Ele teve que colocar um véu, tal a maneira que brilhava diante das pessoas. Olhem que experiência de Deus, entre raios, tempestades e fogo!

Elias sobe nesse monte. Imaginem que também ele vá viver a mesma experiência: um Deus de trovões, de raios. Vêm os trovões em forma de vento. Não era Deus. Quantos pais pensam que são pais verdadeiros quando são trovões e ventos poderosos? Aí não são bons pais. Muito barulho, pouca realidade. Mais ainda: a montanha tremeu violentamente. Elias tremeu. Seria Deus? Também não era Deus. Quantas tempestades, quantos terremotos nas famílias! Os pais pensam que são homens, machões, porque fazem terremotos. Também não era Deus. Mais ainda: de repente brota na montanha um fogo imenso. Agora sim, agora é Deus! O fogo que tudo queima, que tudo purifica. Também não era Deus. Olhem bem que diferença da experiência de Moisés e de Elias! Para Moisés, Deus era tempestade: revela as leis. Para Elias, quando vem a brisa suave que lhe toca o rosto, ele abaixa o véu e diz: “É Deus!” Quando é que os pais vão perceber que são presença de Deus para seus filhos quando são exatamente essa aragem suave? Quando são aqueles que, quando entram em casa, as crianças saltitam de alegria porque o pai chegou e não a tempestade, quebrando pratos, batendo os pés. Pais, olhem para Elias, experimentando Deus e sejam uma imagem desse Deus para seus filhos.

Agora olhem para Jesus – outra parábola. Jesus despede as multidões e vai para o Templo. Olhem o contraste! Olhem que beleza de literatura! É bom apreciar literariamente esse texto. Jesus sozinho no alto da montanha, a barca lá no mar. Deus: a humanidade. Deus: a história. Deus: a comunidade. Deus e nós. Olhem que contraste: Deus com seus braços erguidos, rezando sozinho, atravessando o silêncio da noite! Imaginem como deveria ser o silêncio daquelas épocas, em que não havia ruído nenhum, a não ser, talvez, o piar noturno de alguma coruja! Naquele silêncio, Jesus, unido ao

Pai, sabendo que lá longe, no meio do mar, a barca era agitada e sacudida. Ele está sabendo que cada um de nós está naquela barca, que nossas barcas também estão agitadas. Olhando para vocês, não sei, mas quantas barcas agitadas há por aí?! Quantas famílias se desfazendo, quantas mulheres não agüentando mais seus maridos, quantos filhos não suportando seus pais, quantos pais não suportando seus filhos?! Essas são as barcas que estão sendo agitadas. Estes são os ventos contrários que estão sacudindo as nossas famílias. Vou citar para vocês aquele pensador inglês que dizia que a tendência da humanidade, principalmente na Europa, é de que as pessoas venham a viver *single* – sozinhas. Já não querem viver juntas. Os pais não querem conhecer os filhos, preferem vê-los longe. Que vão estudar longe, para que não os vejam, para que fiquem na solidão egoística dos seus gostos e não na comunhão do encontro.

Jesus, olhando para aquela barca agitada e olhando para a barca agitada da nossa existência, deve estar pensando: “Como sofrem os homens!” Como sofrem na cara dura e fria, onde se esconde tanta tristeza, tanta dor, corações rasgados, desvairados, perdidos! Corações desnorreados – sem norte; desorientados – sem oriente; desejados (*) – sem estrelas; desastrosos – sem astros. Sem norte, sem estrelas, sem astros, como poderemos caminhar? O oriente da nossa fé, o astro da nossa caridade e o norte da nossa esperança. Como vamos caminhar se não temos isso? Jesus continua rezando e pedindo. Mas Ele não fica parado. Desce até as águas. Atravessa andando sobre as águas. E o que nós vemos? Um fantasma. Isso é que somos nós: quando o Senhor se aproxima, somos Pedro, como naquela passagem. Pedro vê fantasma e grita de medo. O Senhor diz três *expressõezinhas*: “Coragem, sou eu, não tenhais medo!”

Essas palavras são ditas para cada um de nós. Não para Pedro – Pedro está no céu. Somos nós que precisamos ouvir esta palavra: coragem! Coragem é nossa luta em refazer os amores, em refazer os matrimônios, em refazer as uniões, em refazer as famílias. É preciso coragem mesmo. É duro, é duríssimo! Quando eu era jovem padre inocente, cândido, acreditava que a vida matrimonial era uma beleza à qual nós padres renunciávamos. Não casar era um imenso sacrifício. Esses anos foram-me ensinando que é muito difícil amar e muito mais difícil amar as pessoas que estão próximas. Ouso dizer que a família é o lugar das maiores alegrias, mas também das maiores tristezas; das maiores felicidades e das maiores desgraças. É o lugar dos contrastes. E vemos famílias realmente esfaceladas.

Precisamos, cada vez mais, continuar com as nossas barcas ao mar,

enfrentando tempestades que sempre nos desafiarão, confiando que o Senhor estará sempre no leme, dirigindo-nos para as praias da alegria, da união, da busca do verdadeiro encontro. Amém.(11.08.02)

(*) des+siderado: sidus, sideris = estrela

ABRIR-SE PARA ACOLHER (Lc 13, 22-30)

Textos como este de hoje induzem facilmente as pessoas, e até certos pregadores primitivos, a anunciarem que a maioria de nós se condena e poucos se salvam. Mas Jesus não diz isso. Primeiro, Jesus não respondeu à pergunta: “são muitos ou poucos que se condenam?” Jesus não disse nem sim nem não. Ele usou outra linguagem. Às vezes é difícil percebermos a diferença de uma linguagem.

Jesus, na leitura de hoje, não fez nenhuma descrição de que muitos entrarão ou de que muitos baterão na porta e não entrarão. Portanto, não está dizendo que poucos entrarão pela porta. Está simplesmente fazendo um discurso admoestativo. É como se uma mãe dissesse ao filho que tivesse cuidado com os carros que passam em alta velocidade e podem arrebentar a todos. Pode ser que nenhum carro vá atropelar o seu filho. Mas ela faz o discurso, advertindo para o perigo de um carro em alta velocidade. Ela não afirma que isso aconteceu e nem quantas vezes poderá acontecer. Apenas admoesta o seu filho.

Jesus, hoje, tirou da jogada essa idéia, tão metida na cabeça de tanta gente por esses pregadores, que eu chamo de primitivos, que vivem amedrontando as pessoas, dizendo que Deus vai condenar mais e mais pessoas, porque está escrito no Evangelho. Este não é um discurso que anuncia o que vai acontecer, nem é descritivo. Está dizendo: gente, a vida é séria! Vamos nos esforçar. É ou não é séria a vida? É claro que é séria! Nós somos liberdade, somos decisão. Somos capazes de construir o nosso eu. Que coisa séria é isso! Podemos modelar a nossa existência. Quer coisa mais séria do que essa? Vamos nos esforçar para que nos construamos cada vez melhores, cada vez mais transparentes, cada vez mais contemplativos, cada vez mais abertos.

Jesus não está dizendo que quem não faz vai arrebentar-se, vai ser castigado. Mas é evidente que, se nos fecharmos, se não nos construirmos, ninguém nos reconhecerá. Bateremos na porta, ninguém nos conhecerá. Se eu não conheço ninguém, como alguém vai me conhecer? Se eu não me abro a ninguém, como é que alguém vai me acolher? Se eu sou uma múmia fechada em mim mesmo, como é que alguém vai conversar comigo? Mas se eu sou abertura, relação, comunicação, amor, vou receber também isso.

O Senhor está falando do nosso presente, e está falando duro. Está

falando da nossa realidade. Não está ameaçando ninguém. Ele está nos advertindo para o que hoje a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia, nos dizem: que tudo isso são coisas evidentes. Toda pessoa que não trabalha a si mesmo, que não se modela – o seu caráter, o seu temperamento, a sua afetividade – vai se transformar num porco-espinho que vai espetar todo mundo e vai morrer de frio no inverno, porque ninguém vai se aproximar dela para aquecê-la. Como é que eu vou abraçar, acalentar um porco-espinho? Não é possível.

O Senhor nos adverte: cortemos os nossos espinhos. Sejamos braços abertos e não fechados. Sejamos pessoas que levam a sério a sua concepção, a sua personalidade, a sua vida existencial. É isso que o Senhor está pedindo a cada um de nós. Arriemos as nossas mágoas, as nossas dores, aquele passado machucado, aquelas feridas que nos prendem, nos escravizam, nos impedem até de olhar com tranqüilidade o olhar das pessoas, porque o nosso olhar fica embaçado. Embaçado de egoísmo, de depressão, de fechamento, de clausuras.

“Irmãos, esforçai-vos! Eu quero vos conhecer”. Quando batermos à casa do Pai, Ele dirá: “Claro que eu conheço você! Você foi só abertura, só acolhida. Quantas vezes você me acolheu ao longo da vida?! Cada vez que você deu um copo d’água, acolheu aquela pessoa triste, aquele abatido, aquele deprimido, aquele aluno que não caminhava na escola, aquele adolescente que já se perdia, chamou-o, disse-lhe uma palavra de abertura. É claro que eu conheço você! Quantas vezes eu o vi, seu rosto é mais do que conhecido!” Agora, quem nunca viu ninguém e for bater à casa do Pai, poderá ouvi-lo dizer: “Eu nunca o vi, eu não o conheço. Você nunca conversou comigo, você nunca me abraçou, você nunca me acariciou, você nunca me acolheu. Como posso conhecê-lo? Eu sou cada uma das pessoas que você não acolheu”. Amém. (21.08.04)

NÓS CONSTRUÍMOS A SALVAÇÃO (Lc 13, 22-30)

Na camada geológica deste Evangelho, Lucas descreve como os judeus eram pretensiosos. Eles julgavam que tinham a via larga para a salvação e que os estrangeiros – no caso, os romanos e outros povos de outros países do Oriente – iriam por uma pequena estrada. Esse judeu pergunta para Jesus: “serão muitos que vão salvar-se?” Essa curiosidade é comum, porque pensamos que a salvação é uma loteria esportiva. E se é loteria, poucos serão contemplados. Mas não é assim que Jesus pensa a salvação.

Há dois extremos e os extremos sempre são falsos. Um primeiro extremo é pensar que a salvação é uma coisa difícilíssima. Poucos se salvarão e a maioria irá para o inferno. Esse era o tema de sermões, talvez lá do interior de Minas, daqueles padres antigos, de batina preta. Agora a modernidade diz: Não, é tudo fácil! Podem cair em *gandaias* infinitas, porque o céu está aberto para todo mundo. Os dois extremos são falsos. É contra isso que Jesus fala.

No Evangelho essa pessoa que interpela Jesus, queria certamente que Ele respondesse que todos iriam salvar-se. Jesus devolve a resposta para quem pergunta. Ele não responde por nós. Ele devolve a pergunta: “O que vocês fazem? Estão realmente dispostos a construir? Aí sim, encontrarão a salvação”. Porque a salvação não é um lugar que a gente encontra. Salvação somos nós que, com Deus em nosso interior, nos criamos e nos construímos. Na salvação não está em jogo ir para o céu ou para o inferno. A gente não vai, a gente é. Mudem o verbo. Nós somos salvação. Nós somos o que construímos. A condenação não é um castigo de Deus, é o castigo que nos infligimos, porque queremos. Nós é que somos doentes espiritualmente. Não atinamos com as coisas, por isso Jesus nos sacode.

Não pensem que Deus faz conta, raiz quadrada, escreve naqueles livros imensos e depois joga-nos no inferno. Os anjos no céu não escrevem os nossos nomes e nossos pecados. Arranquemos isso da nossa fantasia e da nossa imaginação, porque isso deturpa nossa compreensão de salvação. Salvação é o caminho que construímos na nossa história, com a presença de Deus na relação com as pessoas. Nós nos salvamos a cada dia. É a cada dia, a cada momento, a cada instante que nos salvamos. É com cada ato que nos salvamos. É na conversa com a filha que está com problema. Portanto, a salvação não é uma coisa final que nos vai dar um susto.

Sempre pensávamos que encontraríamos o céu ou o inferno. Construínos lentamente, ao longo da história, pela linha radical do egoísmo ou pela linha radical do dom de nós mesmos. Na medida em que formos dons, nos abriremos, seremos felizes porque seremos gente, seremos humanos, seremos seres abertos para o outro.

O contrário acontecerá se formos um caramujo que se vai prendendo, voltando-se para a sua pequena concha, para acabar morrendo asfíxiado. O egoísmo asfixia, o amor liberta, enche-nos de oxigênio. Olhemos para a salvação, não como castigo ou prêmio. Não é loteria esportiva. O que interessa é saber o que construímos ou não na nossa existência. Essa é a pergunta correta. Nenhum de nós sabe dizer número, porque não há uma estatística celeste. Não há curso para saber quantos anjos são. Ninguém sabe, nem precisa saber, nem interessa saber. O que nos interessa, e é importante que cada um de nós saiba, é qual o caminho estamos trilhando, o que estamos fazendo de nós mesmos. É sobre nós que devemos perguntar. Será que o nosso caminho é realmente da felicidade? Não dessa felicidade cor-de-rosa, *xuxosa*, mas da felicidade de quem vai lentamente colocando pedra sobre pedra.

A grande imagem é sempre a da construção. Como dessa igreja, que não nasceu num instante. Ela foi construída lentamente, com uma grande quantidade de operários, engenheiros e arquitetos que trabalharam para que ela nascesse. Quantos engenheiros e arquitetos trabalharam na nossa construção, a começar pela grande arquiteta, que é a nossa mãe; nosso grande arquiteto, que é nosso pai?! As catequistas, essas grandes arquitetas desta Igreja, estão construindo as crianças para o Reino de Deus. É assim que nos salvamos. Não é como um incêndio, que faz pegar fogo e *salve-se quem puder*. É essa a nossa imagem de salvação. Não é *salve-se quem puder*. Salvaremos juntos, uns com os outros. Salvaremos construindo, salvaremos sendo. E só seremos, se pessoas ao nosso lado nos construírem.

Nós somos claudicantes, somos coxos, somos cegos, somos moucos. Precisamos que falem alto nos nossos ouvidos. Precisamos que rasguem nossas cataratas para que os nossos olhos vejam. Precisamos que nos ajudem, para que caminhemos. É isso que é salvar! E salva-se mais quem mais salva os outros. Este é o grande jogo do Evangelho: na medida em que esticarmos mais os braços, quanto mais ouvirmos as pessoas, tanto mais construiremos a salvação, porque em todos esses gestos está Deus atuando em nosso interior. Amém. (25.08.01)

NÓS EXISTIMOS PARA DEUS (Lc 14, 1.7-14)

Esse Evangelho, à primeira vista, parece uma aula de civilidade, de boa educação. São pessoas que vão para uma festa e, muito tímidas, ficam escondidinhas lá atrás. O dono da festa chama e elas vêm para frente. Evidentemente que não é isso que Jesus quer nos ensinar. É muito pouco para Ele.

Fico pensando onde está o mistério dessa historinha tão singela. Quem é aquele que se apresenta, aquele que fica em primeiro ou em último lugar? Não é uma simples festa. É uma festa – se quiserem comparar – da história humana, da nossa existência, daquilo que somos.

Como é que uma pessoa que pensa que é a totalidade, que pensa que tem tudo em si pode abrir espaço para a vinda do Senhor? Como a presença, o Reino do Senhor pode chegar a quem está fechado em si mesmo? É esse o que se coloca em primeiro lugar. Não é o primeiro lugar na festa. É um primeiro lugar antropológico, existencial, quando pensamos que não precisamos de ninguém. Eu estou pleno, estou completo. Eu me basto. Infeliz de quem se pensa bastando-se a si mesmo. Nós somos um imenso vazio. É como se fôssemos uma garganta gigantesca com um abismo lá embaixo. Só vazio. E, de repente, olhando para esse vazio, sabemos que existe o infinito, que pode nos encher. Esse é o que está em último lugar: o infinito de Deus.

O infinito de Deus ocupa e pode, de certa maneira, envolver-nos, se nos despojarmos. Só assim Deus pode atuar. Deus só encontra um adversário, Ele só pode ser derrotado por uma pessoa: por aquele que não quer, que não ama, que julga ser o próprio deus. Como é que Deus pode então ocupar espaço dentro de quem que já se acha Deus? Mas se não nos consideramos deuses, se nos sabemos criaturas, se nos sabemos pequenos – não por timidez, por vergonha, por polidez – mas ontologicamente, diria a nossa Filosofia, seremos aquela abertura para o infinito.

Quando o Senhor desce sobre nós, a plenitude acontece. Não é o vir à frente para ser glorificado. Não seremos glorificados, seremos plenificados – é diferente. A glória passa, a glória é fama, é vazio. A plenificação é totalidade, é a presença do Mistério que nos envolve, que nos preenche.

Parece que a segunda pequena história de Jesus veio a propósito para esses dias em que assistimos às Olimpíadas. Quem é que foi a Atenas? Atenas dos filósofos, de Platão, de Aristóteles. Quem é que foi lá? O que

havia de mais sadio nesse mundo: os atletas, os corpos rijos, fortes, os poderosos. É o triunfo da força e da beleza. Tudo isso é muito bonito.

Quando o Evangelho fala em convidar os coxos, eu imagino uma olimpíada de coxos. Não de paraplégicos, que poderia ser *melhorzinha*. Mas imagino os coxos, os sujos, essas mulheres jogadas na sarjeta. Será que alguém vai ver, será que vai interessar a alguma televisão? Eles não existem para a história, eles não existem para o mundo. São nada. Aí Deus olha e diz: “Você, sim, é bem-aventurado e eu o ressuscitarei no último dia!”.

Quando eu vejo tanta miséria, tanto sofrimento, só posso entender um Deus que permite isso. Ele está olhando para tudo isso e é o mesmo Deus que vai tomar um por um desses molambos de pessoas da história e vai dizer: “Você é realidade para mim. Você existe para mim. Eu sou Deus porque você existe para mim. Eu sou Deus e você será eterno. A sujeira, todos esses aleijões, tudo isso desaparecerá porque a minha Vida é infinita”.

Talvez Deus não terá tanto entusiasmo diante de tantos outros corpos, diante de tantas outras belezas, diante de tantas outras riquezas. Talvez Ele diga: “Vocês tiveram demais e não precisam de mim. Vocês se bastam a si mesmos, mas eu gosto mesmo é desses que se abrem para a simplicidade, com o coração totalmente livre interiormente, porque só podem confiar em mim”.

Esse Evangelho é uma revelação, é uma inversão de toda esta visão que temos diante dos olhos. Dessa biologia que nos mostra a cada dia beleza, beleza, beleza. Faz-nos esquecer esses mendigos da história, esses seres humanos como aqueles que foram assassinados em São Paulo nas noites frias, por esses jovens que passam de motocicletas vestidos de negro revelando, talvez, a escuridão interior de seus próprios corações. Não são capazes de ter o mesmo olhar de Deus que vê esse mendigo e diz: “Filho, entra no gozo do teu Senhor!” Amém. (28.08.04)

A GRATUIDADE DO PERDÃO (Mt 18, 15-18)

Esse Evangelho de Mateus captura e transmite uma prática muito difundida no início da Igreja. Quando havia uma rixa, uma briga, as pessoas seguiam a famosa lei de Talião, que já era uma tentativa de tornar a sociedade menos violenta – “olho por olho, dente por dente”. Jesus introduz uma outra prática. Ao invés de levar o mundo à violência cada vez maior, em que um ataca, e outro revida e revida mais forte, o Senhor introduziu na sua comunidade a prática, tão comum hoje, da busca do consenso. Lendo em letras modernas, o que Mateus disse é exatamente isso: se tivermos uma visão diferente, vamos sentar juntos, tentar colocar nossas posições e buscar o consenso. Se não conseguirmos entre nós, buscaremos mais pessoas, talvez um grupo maior que nos ajude a encontrá-lo. Parece que o Senhor colocou diante de nós esta grande idéia: que nós, seres humanos, somos seres de convivência, somos seres de palavra, somos seres de linguagem. Não somos animais.

Talvez poucas vezes refletimos sobre essa gigantesca diferença entre o ser humano e todos os outros animais. Somos o único ser vivo que criou esta maravilha que é a linguagem. É que não pensamos nisso. Como é importante a linguagem! Não pensem que ela surgiu de repente. Foi um processo lento. Primeiro houve sussurros, gritos. De repente, começa-se a formar palavras, e as palavras começam a traduzir as realidades que exprimem sentimentos, alegrias, tristezas. E hoje, queremos começar a esquecer a linguagem e voltar aos ruídos. Há muitos jovens que só conversam por ruídos. Esqueceram a linguagem. Essa é a grande descoberta. O Senhor diz que a linguagem tece as nossas relações.

Por detrás da palavra do Senhor há uma outra experiência mais profunda ainda, que é a do perdão. Pensamos que perdão é coisa fácil, é coisa cotidiana. Não é. Na sociedade não existe perdão. Pergunte a um juiz se ele perdoa. Quando ele absolve, não perdoa. Reconhece um crime, dá uma sentença. Portanto, pune. Vocês já viram alguém perdoar dívida? Não se perdoa dívida. É uma ilusão, um engodo. Quando esses países ricos dizem que vão perdoar a dívida de um país pobre, é puro engano, porque a dívida já foi paga mais de dez vezes. Não existe o conceito de perdão no mundo social. O mundo social só conhece a busca de igualdade através de reivindicações. Ninguém pensa em perdoar. Perdoar é uma expressão estritamente teológica, teologal, de religião. Só a religião conseguiu

introduzir, na história da cultura, o conceito de perdão. Só a religião cristã introduziu a dimensão do perdão na sua radicalidade, porque o perdão só pode vir daquele ser que, perdoadando, não perde nada, porque é infinito. Ao perdoarmos, pensamos, cremos que perdemos, e o ser humano não quer perder nunca. Mas, Deus, na sua infinitude, recolhe-se, por assim dizer, para que possamos ser diante dele. Ele perdoa infinitas vezes. O seu perdão não tem limite, não guarda nada e não cobra nada.

Muitas vezes entendíamos errado aquela *penitenciazinha* que os padres davam depois da confissão, como se aquele gesto fosse para pagar o pecado. Ignorância palmar! Nada disso. Não pagamos nada em troca do perdão de Deus. Nem jejum, nem oração, nem penitência. Nada disso é para pagar o perdão de Deus. Se pagássemos, o perdão não seria perdão. Seria outra coisa, seria comércio. Aquela *penitenciazinha*, que já não está muito em moda, é para que prolonguemos por mais tempo a experiência do perdão de Deus. Não é penitência. A palavra é errada, equivocada. Caras catequistas, não passem esse conceito para as crianças. Ninguém precisa cumprir nenhuma penitência depois do sacramento, que não é da penitência, mas da reconciliação, do perdão, do amor, do reencontro, da ternura, do abraço.

Eu li, anos atrás, um livro de catequese, lá na França. O professor dizia: “quando as crianças fizerem sua primeira confissão, dê-lhes uma flor, para que elas sintam que tiveram um encontro de amor, e não apenas se incumbiram de uma penitência. Que seja uma festa, que seja uma alegria, porque isso é o perdão de Deus”. Quando Jesus quis descrever esse perdão, contou-nos a história de um pai que acolhia a volta do filho que tinha perdido todo o seu dinheiro numa vida desvairada. Recebeu-o em festa, com banquete e mandou matar o animal mais gordo da fazenda. Se Deus faz assim, por que faremos diferente? Amém. (07.09.02)

A FELICIDADE QUE DEUS ESPERA PARA NÓS ***(Lc 14, 25-33)***

Parece que esse Evangelho nos conta uma história e tira uma conclusão totalmente diferente. Evidentemente, Jesus não nos dá uma aula de estratégia militar, nem de gerência de banco. Não é disso que está falando. Ele não é gerente de banco, nem general de guerra. O que será que quer nos dizer? Ele quer nos oferecer um critério para que possamos, no nosso cotidiano, na nossa vida normal, perceber o que Deus quer nos pedir.

Todos temos uma só vocação. Vocês se encontram diante de muitas soluções para este único problema – o que eu faço? Quando queremos construir uma casa, temos um plano, uma única idéia. O engenheiro traz dez planos de construção e você vai escolher entre muitas plantas, mas vai construir uma única casa. Pois bem, essa é a nossa vida! Todos fomos criados para sermos felizes, nada mais! Jovens, velhos caquéticos, jovenzinhos adolescentes, crianças, todos querem ser felizes. O problema é que nos oferecem tantas opções para que sejamos felizes, que acabamos perplexos e, muitas vezes, infelizes. É como aquela famosa história do burro. O português deixou o burro com muita fome e com muita sede. Colocou diante do burro um pote de água e capim. E o burro “pensou”: vou beber a água ou comer primeiro? De tanto “pensar”, acabou morrendo de fome e sede.

Somos como esse burro que fica diante de muitos capins. Vivemos procurando e Jesus entrou na concorrência. Terrível concorrência! Buda oferece um caminho, Nova Era oferece outro, as Igrejas Evangélicas oferecem outro, a sociedade moderna oferece outro e Jesus oferece o seu caminho. E Ele diz que você tem que fazer três coisas.

Primeira coisa: saber das nossas possibilidades reais. Deus não pede nada além do que podemos realizar. Isso de carregar cruz é simbólico. Cruz significa olhar as minhas possibilidades de realização. Com o meu temperamento, com a minha idade, com a minha formação, com a minha psicologia, com a minha genética – tudo que eu sou. Deus não pede mais do que eu posso oferecer. Não pede que nenhum de nós seja Teresa de Calcutá, São Pedro, São Francisco, Santo Inácio. Ele só pede aquilo que podemos realizar. Essa a primeira linha, que já limita muita coisa. Por que não podemos realizar muitos dos nossos sonhos? Os nossos limites

existenciais, físicos, psicológicos já nos indicam o caminho que Deus nos pede, mas muita gente se esquece disso.

Segunda: a realidade nos provoca. A realidade é o cotidiano, em que trabalhamos, em que vivemos. É aí que temos que descobrir o que Deus quer de nós. Não fora. É lá, dentro de nossas possibilidades. Cada um tem uma capacidade de suportar, uma vocação, um ideal.

E uma terceira coisa: Deus fala em nós através dos nossos desejos. Ele não tem outra maneira de falar. Acorda em nós os desejos que estão dormindo. Isso é de cada um. Por exemplo, de trabalhar muito pela juventude, no curso de Crisma; desejo de participar mais da comunidade. Quem não tem desejo é sinal de que Deus ainda não acordou nele, que continua *deitado eternamente em berço esplêndido*. Deus acorda em nós os desejos e é por aí que podemos saber o que Ele quer de nós. Precisamos aprender a ouvir os nossos desejo!

Mas temos que comparar os nossos desejos com o real e com as nossas possibilidades. Desses três elementos nasce a vontade de Deus. Quando começo a realizar os meus desejos, segundo as minhas possibilidades existenciais e com o real e vou encontrando a felicidade, acertei o caminho. Quando começo a realizar os meus desejos, segundo a minha realidade, segundo as minhas condições existenciais e entro *na fossa* e preciso de remédios, errei o caminho. A felicidade vem depois. Se ela viesse antes, seria fácil. Mas ela não vem antes, isso é o terrível! Por isso Guimarães Rosa (*) dizia: “Viver é perigoso!”. Se soubéssemos, de antemão, o que nos faria felizes, iríamos todos por esse caminho. Mas não sabemos. A felicidade brota dos desejos realizados a partir de nossas possibilidades reais. Se eu entro por um caminho e, de repente, esse caminho só me dá tristeza, só me traz aborrecimento, errei o caminho. É preciso ter coragem de voltar e buscar outro caminho. Se um jovem pensou que, entrando na maconha, *emacanhando-se* todo, seria feliz e, quando chega a noite, depara-se com o vazio e a escuridão, é sinal de que errou. É hora de buscar outro caminho. Se soubesse que aquele caminho seria tão ruim, não teria entrado, mas não sabe. Nenhum de nós sabe o caminho para a felicidade. Ela não está no início, está no caminho, está no fim. Daí a dificuldade de existir.

Jesus disse que devemos olhar para as nossas capacidades, para o real. Auscultemos os nossos desejos. Se formos felizes, continuemos. Se esbarrarmos com a dor e o sofrimento, retornemos e façamos outra tentativa. Assim caminharemos para a felicidade. Amém.(08.09.01)

(*) escritor mineiro nascido em Cordisburgo, autor de “Grande Sertão Veredas”

JESUS NOS APRESENTA O DEUS DA ACOLHIDA (Lc 15, 1-32)

Difícil falar alguma coisa sobre esse Evangelho, porque ele é claro e transparente. Ele não é a história do filho pródigo. Essa, já conhecemos bem. Nossos pecados e crimes são os nossos males, as nossas fragilidades. Como aconteceu nessa semana, com toda essa barbárie, quando temos a reação do povo americano, que quer vingança e ódio (*).

Jesus não quis falar disso. Não quis falar do jovem que se perdeu, do dinheiro que ele gastou com as prostitutas. Não quis dizer nada disso. Ele não estava interessado no pecado, na maldade do jovem desvairado que saiu por esse mundo afora. Jesus estava interessado em dizer-nos quem é Deus. Por que Jesus estava interessado nisso? Se percorrermos a grande história da Bíblia, vamos ter imagens de Deus muito diferentes, muito perigosas. Imagens de um Deus bravo, severo, que aparece em meio a raios e tempestades. Um Deus que fulmina de morte uma pessoa que quis fazer uma coisa boa, como no caso da Arca da Aliança que ameaçava cair. Alguém tenta segurá-la e cai morto, fulminado. Podíamos imaginar que Deus era um ser severo, terrível, que castigava e ameaçava. Assim pensavam e ainda pensam muitos por esse mundo afora.

Jesus sabia que precisava varrer da cabeça das pessoas uma idéia tão errônea de seu Pai. Ele, que veio do coração de Deus. Ele, que o conhecia desde toda a eternidade. Ele, que sabia que viera à Terra por amor do Pai e do Espírito Santo. Ele sabia que só o amor o moveu em tudo que fez, em tudo que criou e fica triste quando pensamos que Deus se move para castigar, por raiva, por ciúme, por vingança. Jesus quis arrancar definitivamente de nossa cabeça a idéia, que ainda é muito forte no nosso imaginário, de que Deus castiga. Deus não castiga ninguém, absolutamente ninguém. Ele acolhe, abre seus braços. É isso que Jesus quer dizer.

Ele coloca um caso bem escandaloso. Um filho que gasta o dinheiro dos pais, um *sem-vergonha* que merece tudo, menos ser reconhecido. Ele mesmo se reconheceu indigno de ser filho. Queria ser escravo, porque estava disputando a comida com os porcos – a *degradação mais degradada* para um judeu, que é cuidar de porcos. Eles não podem nem comer carne de porco e detestam os porcos. Jesus coloca bem *realisticamente* para dizer que aquele jovem chegou no ponto mais baixo a que poderia chegar. Pois bem, é esse que o pai acolhe. O filho mais velho somos nós. Temos

ciúmes. “Ah, eu fiz tanto e Deus não faz nada por mim, só faz pelos maus!” Não é verdade. Para quem está no caminho, Ele diz: “Tudo o que é meu é teu”. Tudo o que é de Deus é nosso.

Hoje passei a manhã, com muita alegria, muita consolação, falando para as pessoas que trabalham na Pastoral Carcerária de todo o Estado de Minas e do Espírito Santo. Eu dizia-lhes: “Vocês vivem o Evangelho ao lado das pessoas mais desprezadas. Pessoas que matam, são criminosos terríveis. Vocês devem levar a elas o sinal de que, mesmo as pessoas mais perversas, são amadas por Deus”. Ele está olhando para todos esses criminosos com os braços abertos, esperando que eles voltem. Deus só tem gestos de acolhida.

Que sintamos, pelo menos uma vez na vida, esse abraço gigantesco de Deus, que nos coloca a sandália da liberdade, a veste da graça, o anel da devoção e o beijo da salvação. Amém. (15.09.01)

(*) referência ao atentado aos Estados Unidos, ocorrido naquela semana.

O JULGAMENTO MISERICORDIOSO DE DEUS (Mt 20, 1-16)

Este Evangelho não do comércio, nem da indústria, nem dos nossos trabalhos e empregos. É um Evangelho que retrato o coração de Deus. Vejam como é diferente o coração de Deus!

Deus é generoso, é grande. Ele não está preso a nenhum *comerciozinho*, a nenhum negócio barato. Aqueles que trabalharam o dia todo, Ele deu o que mereciam, deu o direito. Pagou honestamente. Para os que chegaram no fim, Deus se pergunta: mas por que não vou enchê-los também da minha graça? Por que não enchê-los dos meus dons?

Este Evangelho tem dois grandes sentidos. Um sentido histórico, lá do passado. Os primeiros chamados eram os judeus, porque foram chamados desde Abraão, depois Moisés. É um povo que já tinha mais de dois mil anos de busca de Deus. Eles estavam convencidos que podiam mais que todos, porque tinham sido chamados desde Abraão. E quem eram os da última hora? Os pagãos, os gregos, os romanos, os que se converteram nos últimos dias. Mas, para Deus, é a mesma coisa.

E para nós, aqui, quem são os primeiros e quem são os últimos? Os primeiros somos nós, que estamos aqui. Vamos ficar felizes, porque Deus nos dá tantas coisas. Mas podemos ficar ainda mais felizes quando Deus consegue pegar alguém que esteve longe por anos e anos. É tão bonito quando, de repente, alguém já provento, numa idade madura, descobre Deus e fica fascinado. Será que queríamos que Deus o rejeitasse? Não, mesmo que sejam velhos, já no final da vida, Deus os recebe como se tivesse sido desde o primeiro instante. Porque Deus é grande e não faz contas. Nós temos que ter a mesma abertura. Nada de pensar e começar a calcular. Deixemos para Deus, porque Ele vai nos dar muito mais do que merecemos. A única coisa que Ele quer é que sejamos felizes aqui e além de aqui, agora e além de agora.

Sempre me doem certas coisas que eu ouço. Antes de começar esta celebração, um rapazinho me dizia que um colega de escola, um pouquinho mais velho, morreu num acidente de motocicleta. Deixou-nos, no meio da vida, nascendo para a vida. Nós começamos a pensar e é bom que os jovens pensem. Eu conheci um velho sábio que dizia: “os velhos devem morrer, mas os jovens podem morrer”. Nós, velhos, caminhamos mais depressa, mas de vez em quando, um jovem corta o caminho e morre

antes. Eu gosto de contar essas coisas, porque é bom que nos solidarizemos com o sofrimento das pessoas. Uma das coisas que mais me faz sofrer é o sofrimento das pessoas.

Ainda outro dia, veio a mim um casal com as suas duas filhas. O filho, um garoto de quatorze anos, em plena adolescência – um menino alegre, que tocava violão – estava vendo televisão com o pai. O pai e a mãe saíram. Ele se tranca no quarto e, com um revólver, dá um tiro no coração e morre, aos quatorze anos. Ótima escola, formação religiosa, família unida, agora machucada, desfeita em lágrimas. E que palavras eu poderia ter? Nenhuma. Olhei para o olhar da mãe e só consegui dizer: “Agradeça a Deus por ter tido o seu filho por quinze anos. Isso já foi uma bênção. Em cada minuto que seu filho viveu para vocês, ele foi a graça que Deus lhes deu. Agora, ele partiu. Partiu para uma vida nova, diferente. Em primeiro lugar, não tenham medo, porque, certamente, o seu único ato não livre foi tirar a própria vida” E Deus vai olhar para a vida desse menino e lembrar de suas alegrias, de suas eucaristias, de seus momentos de graça, de beleza e de pureza. É isso que Deus vai guardar. A sua morte, Deus também vai chorar, como também nós choramos.

Assim é a nossa história, com a dor nos aguardando em cada esquina. Mas eu acredito – como vimos hoje na aula de Escatologia – que na hora da morte, acende-se a luz mais luminosa da existência de cada pessoa. E, aí sim, poderemos ver o que nunca vimos. Vamos ver o que sempre esteve presente na nossa vida. Vamos ver Aquele que acompanhou cada instante de nossa vida. Vamos ver o início da eternidade, que será para sempre. Esta será a grande graça, a maior felicidade e a nossa ressurreição. Amém. (21.09.96)

O TEMPO DE DEUS É OUTRO (Mt 20, 1-16)

Em primeiro lugar, temos que entender o que é uma parábola. Não é uma aula de justiça social. Jesus não está dizendo como devemos proceder na nossa vida econômica. Não se trata disso. Quem pensa assim não está entendendo nada da parábola. Parábola é uma estória e uma estória se constrói com muitos elementos. Não traz descrições e preceitos, mas indica uma idéia central. É essa idéia central – que chamamos a ponta da parábola – que temos que entender, do contrário não teremos nada.

Qual é a ponta da parábola? Há três momentos diferentes. É uma parábola escrita para a comunidade de Mateus sobre um problema que eles tinham naquele tempo, que não é o nosso. Ali havia a seguinte situação: os judeus se julgavam os chamados da primeira hora. Era o povo escolhido, foram chamados em Abraão, em Moisés. Portanto, eles são os chamados na primeira hora. Os pagãos estavam entrando na Igreja naquele momento – são os da última hora. Assim, os judeus acreditavam que eles tinham mais direito dentro da Igreja. E os pagãos, por terem chegado depois, não tinham tanto direito.

O Evangelho diz que não. No Cristianismo não existe isso. A qualquer hora que você se converter e receber o batismo terá igual direito. E agora? Todos, judeus e pagãos, têm os mesmos direitos. Então essa parábola não vale pra nós? Engano. Vale não só para nós, como comunidade, mas para cada um, no seu itinerário pessoal, no seu percurso individual.

Quantas pessoas, nas comunidades, começando por cardeais e bispos, padres e leigos acreditam que, por estarem há muitos anos na caminhada, têm mais direito? Por eu estar nesta paróquia há tantos anos, eu sou dono dela? Negativo. Nenhum de nós – nem papa, nem cardeal, nem bispo, nem padre, nem leigo que está há mais tempo no serviço tem maiores direitos. Qualquer um que entrar, até aquele *menozinho* que está entrando na comunidade, é igualmente cristão. Portanto, esta idéia de que eu, por ter trabalhado tantos anos, devo ter privilégios, tem a resposta em Mateus, que diz que isso não é critério. Todos, todos, o último que chegou, acabou de chegar, entrou na comunidade, venha de onde vier, não interessa. Entrou na comunidade, já é pleno cidadão. Tem todos os direitos, merece todo o acato, todo o respeito, toda a acolhida. Nenhum de nós, por estarmos há mais tempo trabalhando, tem o direito de exigir que a comunidade nos reconheça mais importantes. Isso não existe na

comunidade cristã.

Dom Serafim (*), nas visitas às paróquias, diz que, dos problemas mais difíceis que tem encontrado, é que certas pessoas se acastelam na paróquia e não deixam outras chegarem. Tornam-se donas do ministério da Eucaristia, donos da catequese e as pessoas jovens querem entrar e encontram todos os lugares ocupados. Mateus é realista. Não há privilégios. Chegou à uma hora, chegou às cinco, quatro, três terão todos a mesma moeda. Isso quer dizer que têm a mesma dignidade.

Agora, o nosso percurso individual. É bonito e deve nos consolar muito. A qualquer hora que chegarmos à Igreja, à conversão, à graça, para Deus tudo começa aí. Ele não vai cobrar os anos que estivemos fora. Muitas mães ficam tristes porque seus filhos estão por aí, não freqüentam a igreja. No momento em que vierem, no momento em que chegarem, é nesse momento que se começa a contar, como se nascessem aí. É como aquela frase linda do Guimarães Rosa, falando da criança: “Nasce um menino, tudo começa de novo!” Entra alguém na Igreja, tudo começa de novo. Não há privilégio. A Igreja está sempre aberta para qualquer pessoa, a qualquer momento, em qualquer idade, venha de onde vier.

Nós temos então a força dessa graça. Na história da Igreja, temos tantos exemplos de pessoas maravilhosas. Charles de Foucauld, quem era? Um estróina, um jovem perdido, vivia em Paris, de festas em festas, de banquete em banquete. Depois, ouvindo um grito de um muçulmano no deserto – o muçulmano falando de Deus – ele se converte para o Deus do Cristianismo e é Charles de Foucauld, fundador das Irmãzinhas de Foucauld, um grande místico, um grande santo. Tomado de surpresa, por um grito, num momento de sua vida. E aquele, mais interessante ainda: Frossard, secretário do partido comunista francês, um ateu consumado, confesso. Sem a mínima idéia de religião, nunca ouvira nada, desde a infância, nada, absolutamente nada, abre a porta de uma igreja para procurar algo e transforma-se, naquele instante, num fiel fervoroso, até o último dia de sua vida e morreu na paz de Deus.

É isso: chegou na sétima, na undécima hora à Igreja. Deus tem os braços sempre abertos. Sempre há esperança para qualquer pessoa – mesmo que seja Beira-Mar ou Elias Maluco (***) – se abrem o coração, deixam-se tocar. Por isso há esperança, por isso rezamos e nisso esperamos. Amém (21.09.02)

(*) catedral-arcebispo emérito da Arquidiocese de Belo Horizonte - MG

(**) referência a bandidos do crime organizado no Rio de Janeiro.

NO COTIDIANO SE FAZ ETERNIDADE (Lc 16, 19-31)

É uma história que não quer descrever um fato. Jesus não descreve um fato. Não descreve o céu ou o inferno, mas conta uma história. E em toda história temos que perguntar: o que ela quer ensinar? Essa história não fala do fogo do inferno, não fala de sede, não fala de um telefone pelo qual possamos nos comunicar com o céu. Não fala de nada disso. Então, devemos interpretar. Eu percebo algumas coisas, outras percebeu Lucas.

Dos evangelistas, Lucas era o mais inteligente, o mais culto. Vinha da cultura grega. Os outros deviam falar hebraico ou aramaico, quem sabe Mateus nem soubesse ler e escrever. Marcos também era uma pessoa mais simples. João é diferente. Mas na cultura grega, portanto, a cultura da época, – seria o inglês de hoje – Lucas era o mais preparado. Era um homem que tinha mais sensibilidade, mais visão dos problemas. Diríamos hoje, um teólogo, mais ou menos um professor. Aquele que investiga. Ele mesmo diz que investigou, viu documentos. Não é uma pessoa simplória – é bom saber disso. É o evangelista que mais ressalta a problemática social, porque é o mais inteligente. Não perceber o contexto social é sinal de pouca inteligência, e Lucas percebeu essa problemática seriamente. Ele inventa as histórias para chamar a atenção dos gregos, para os quais escreve.

A situação política e social daquela época, sob o domínio do império romano, estava gerando uma *brecha* cada vez maior entre pobres e ricos. Interessante, parece que ele leu algum livro sobre o neoliberalismo, porque é exatamente o que estamos vivendo hoje. Cada vez mais cresce a distância entre ricos e pobres. É isso o que Lucas percebe. Percebe um fato e depois tece algumas considerações. Vai condenar os ricos ao inferno e dar aos pobres o céu? Não é isso que ele está ensinando.

Vamos tomar a lição mais profunda do Evangelho. A mudança social não se fará por nenhum milagre vindo de fora. É isso que Jesus quer dizer. Vocês têm os profetas, têm as leis, têm os escritos, têm capacidade de pensar, de analisar. Não precisam esperar uma maravilha, um milagre para mudar de vida! É um Evangelho extremamente político, no sentido mais profundo da palavra. Só poderemos mudar através do nosso empenho na realidade, do nosso trabalho neste mundo. Portanto, seguindo os ensinamentos que ouvimos, na leitura da Escritura, ouvindo a

Doutrina Social da Igreja, percebendo o que captamos da realidade e nos comprometendo com essa realidade.

Não esperem que mortos ressuscitem. Se as pessoas não analisarem a realidade, qualquer fato, por mais dantesco que seja, ainda que o demônio maior apareça, não se convertem. Isso é muito importante para o povo brasileiro, que vive esperando grandes milagres. Todos vão logo correndo, quando ouvem falar que apareceu um santo milagreiro, como se a solução viesse de lá. Não vem de lá, mas do nosso cotidiano. É através do nosso cotidiano que construímos eternidade. Não é através de choques, como aconteceu agora, com o desabar das torres gêmeas em Nova York, com o ataque ao Pentágono. É refletindo sobre esses fatos que mudaremos a realidade. Não é o choque, a queda da torre que mudará a mentalidade americana, a mentalidade capitalista, mas a reflexão sobre este fato. Temos que pensar, temos que ser sábios. Temos que aprender a discernir, temos que aprender a lição do atentado e não responder brutalmente, *animalmente*.

Podemos perceber a natureza animal no ser humano. Provoquem um cachorro bravo e ele não fará nenhuma reflexão. Não vai pegar um livro e ler, para depois atacar. Ataca imediatamente, porque é cachorro. Ataca por instinto. Ora, nós não somos cachorro, não somos animais. Somos seres racionais. É isso que a humanidade esqueceu.

Diante da brutalidade daquele fato (*), absolutamente indefensável, é preciso pensar. Não se pode, em nenhum momento, defender o atentado. Mas, uma vez acontecido, temos que pensar seriamente sobre os caminhos que a humanidade deve tomar. Não será, certamente, repetir o mesmo fato alhures. Não será metralhando o afegão, não será matando as crianças do Iraque ou de Uganda, como se matou e continua se matando. Não é assim que se resolve o problema da humanidade. Não é com mais violência e mais aviões, com mais mísseis e antimísseis que vamos construir a paz para a humanidade. É loucura, é insensatez, é falta de humanidade, é animalidade. É o animal que luta, é o animal que late, é o animal que entra com chifres sobre os outros. O ser humano pára, pensa, reflete, aprende. Aprende na dor, aprende no desastre. É um pesado ofício. Anossa civilização foi agredida, mas por quê? Essa é a pergunta que devemos fazer. Dizer que são loucos que fizeram isso não vai resolver o problema. Também não foram animais que fizeram isso, foram outros seres humanos. E, se fizeram, foram também eles provocados, levados a fazerem isso. Temos que perguntar: onde está a raiz da violência que assola a humanidade? Por

que somos assim, se fomos criados por uma Trindade que é comunidade; se fomos lavados com o sangue do Cristo; se fomos envolvidos por este mistério de amor que é a Eucaristia? Será que esses homens bebem o sangue do Senhor, será que eles comem da carne ressuscitada do Senhor, que é do amor, da paz, da reconciliação? Ou bebem do sangue dos touros do Antigo Testamento, porque não conheceram a misericórdia de Deus nem do coração de Jesus?

Nós temos toda uma fé, toda uma tradição de perdão, de amor, de fraternidade, de igualdade, de respeito, de dignidade humana. E por que isso, que está escrito em Mateus, em Lucas, em João, em Marcos não nos move, nem nos comove, e sim o instinto primeiro de ódio, de vingança? Não somos animais. Somos seres criados por Deus. Amém. (29.09.01)

(*) referência ao atentado aos Estados Unidos, ocorrido em 11.09.01.

A NOVA VINHA (Mt 21, 33-43)

A parábola de Jesus tem sempre três andares, três níveis. É uma experiência que Ele faz. As parábolas não caíram do céu. Jesus não as inventou. Ele traduz em palavras a sua própria e pessoal experiência, sobre a qual a comunidade reflete. Tira suas conclusões, para que nós hoje, refletindo sobre a nossa vida, possamos também tirar as nossas conclusões.

A experiência de Jesus é o mais importante. Esse Evangelho é mais profundo do que podemos imaginar. É dos poucos textos no Evangelho em que aparece a consciência mais profunda de Jesus. É a sua relação com Deus-Pai. E, sem falar de Deus, sem falar de Javé, Ele alude àquela experiência de Pai, de Javé. É algo espantoso! O povo de Israel nunca poderia imaginar que um Homem que eles estavam vendo com os olhos, tocando com as mãos pudesse dizer que tinha uma relação íntima com o Pai, que o leva a dizer que tem uma responsabilidade exponencial sobre Israel. Diz para o povo de Israel: “Eu vim numa missão muito mais profunda do que vocês imaginam. Vocês são essa grande vinha que meu Pai, durante séculos e séculos, preparou para este momento em que eu estou aqui, para que vocês não pereçam”. Deve ter sido uma dor terrível para Jesus.

Toda a história caminhava para aquele momento, para aquela hora, quando Ele mostraria que trazia a grande mensagem do Pai, que era ser o Filho. O povo não o reconhece. Esse é o dado conhecido. A comunidade já parece interpretar quem é o povo e quem é o dono do povo; quem é o dono da vinha e para quem vale a vinha. Isso já não é mais de Jesus, é a comunidade que começa a pensar. Na comunidade, já estão os pagãos, os gregos que se converteram, alguns romanos. A comunidade pergunta: os gregos entraram aqui por acaso, os romanos entraram aqui por acaso? Ou é Deus, na sua gigantesca, maravilhosa providência, que abre a vinha, até então cercada só para Israel? Agora ela é aberta para todos, até para romanos e gregos – símbolos de toda a humanidade. Os romanos, poderosos em suas conquistas; os gregos, a inteligência, o saber. O saber com o poder simbolizam toda a humanidade. Jesus diz que a vinha está aberta também para eles. E vai dizer que eles, no fundo, somos nós.

Nós somos essa comunidade. Se os romanos não tivessem se convertido, não estaríamos aqui, convertidos. E perguntamos mais:

quem é essa nova vinha? Como é que ela vai ser? Vai ser bonita, fácil, fechadinha? Não, Deus não quer mais vinha fechada, mas sempre aberta. Qualquer um pode entrar. A porta está sempre aberta e qualquer pessoa pode entrar nessa comunidade e será recebida de braços abertos. Mas não apenas entrar. Vai para a praça pública e amanhã (*) irá mais ainda para dizer que a nossa fé não nos separa do mundo, não nos separa da realidade, não nos separa da política, não nos separa da responsabilidade social de carregar esse país nas nossas mãos. Nós, cristãos, não somos covardes, não somos medrosos.

Sintam, olhando para este país, que ele é essa grande vinha, e tenham certeza de que podemos transformá-la numa vinha que produza muitos frutos. Frutos sazonais, frutos de justiça, frutos de igualdade, frutos de fraternidade, frutos de beleza. E assim, amanhã, faremos a nossa vinha mais bonita. Amém.(05.10.02)

(*) véspera da eleição que deu a vitória a Luiz Inácio Lula da Silva como Presidente da República

RELIGIÃO: SÍMBOLO, DOCTRINA E PRÁXIS **(Mt 23, 1-12)**

As religiões têm três dimensões fundamentais. Uma dimensão cúlrica é esta que estamos fazendo aqui, nas celebrações e orações. Existe ainda a dimensão da doutrina, do ensinamento. Hoje passamos a tarde numa aula de Teologia – é a dimensão intelectual, doutrinária da religião. E toda a religião tem a dimensão da prática, da ação, daquilo que devemos fazer e fazemos. É a dimensão ética.

Muitas religiões, sobretudo as orientais, dão muito valor à primeira parte, ao culto. Longas celebrações, festas, esta dimensão mais carismática da nossa Igreja, que hoje está muito em voga. São grandes celebrações em estádios, onde aspectos mais religiosos, mais celebrativos aparecem. É importante, consola, alegra o nosso coração, mostra a nossa disponibilidade em relação a Deus, a nossa gratuidade. Ser gratuito é importante. Gastar tempo com Deus é importante. Vivemos num mundo tão utilitarista, que parece que não somos capazes de dedicar nenhum tempo àquilo que não produz nada. Rezar não produz, celebrar não produz. Não vemos os efeitos. Mas acho que essa dimensão é humanizante. Somos seres humanos, seres simbólicos, precisamos “comer” símbolos.

Gosto muito de insistir nesta frase: o corpo se alimenta de comida, o espírito se alimenta de símbolos. O espírito, o coração se alimentam de símbolos. Se tirarmos o símbolo da vida, ela fica sem graça. Aqui estão as velas acesas e essas meninas tão lindas, com as velas aqui do meu lado. A vela é um símbolo tão bonito: é a cera que se queima para iluminar. Assim também as cores que escolhemos. Esta veste também é símbolo, o verde é símbolo. Estamos aqui, vestidos de símbolos. Quando somos convidados para uma refeição, o anfitrião coloca uma mesa bonita, traz um vinho de longe – são símbolos. Não é tanto a comida física. Essa podemos comer, em pé, na padaria, no *Mac Donald* – pegar um sanduíche *Big Mac* e sair comendo pela rua. Isso é comer. Mas símbolo, não. O símbolo nós vestimos. É bonito, é para os olhos. Por isso as mulheres são tão importantes. Se não houvesse mulheres, estaríamos perdidos. Elas têm necessidade de símbolos. Semeiam e alimentam o espírito. O Cristianismo precisa de símbolos.

Doutrina é mais para os homens. Eles gostam de dar aulas, estudar, escrever livros, falar, serem mais intelectuais. Também é um lado importante,

porque somos razão, inteligência. Mas é menos importante. Símbolo é mais importante que doutrina, muito mais importante que conhecimento. Hoje, a Filosofia mostra que a origem da razão – o *logos* – não é essa razão que discute, não é produto da tecnologia. Isso é secundário. A origem da razão é simbólica. O ser humano começa com símbolo. Começou contando história, não fazendo fábricas. As fábricas começaram nos séculos XVII, XVIII. Até aí o ser humano fazia coisas muito rudimentares. A Revolução Industrial precisou de um milhão e quinhentos mil anos. Mas para criar o símbolo, bastou o primeiro ser humano: era uma vez..., naquele tempo..., a parábola, a metáfora. Tudo isso pertence ao mundo dos símbolos.

O Cristianismo escolheu a terceira dimensão como a mais importante: a ética, a práxis. Para o cristão, o símbolo é importante, a doutrina é importante, mas mais importante ainda é a prática, a ação. Não a ação de produzir, sem mais. É a ação que nasce de dentro. Práxis, no sentido bem atual do termo, supõe conhecimento, supõe humanidade na ação. Não é qualquer ação que é práxis. Um animal dar um coice não é práxis, é instinto. Práxis pressupõe razão, supõe inteligência, supõe motivação, supõe querer. Isso caracteriza o cristão!

Jesus diz que os fariseus liam a doutrina, mas, de práxis, eles não entendiam. Por isso a práxis deles não deveria ser seguida. Jesus distingue perfeitamente o que é um discurso, o que é uma doutrina e o que é uma práxis. Quando a pessoa tem uma excelente doutrina, pode nos ajudar. Mas se não tem práxis, não nos serve de modelo. Modelo é o que encontramos nas pessoas que têm práxis.

Olhando, por exemplo, a nossa história recente: qual a importância de Teresa de Calcutá? Ela não sabia Teologia, não tinha muita doutrina. Nunca iria dar um Curso de Teologia em nossa Igreja. Mas tinha práxis, tinha a ação que nascia do coração. Não era uma ação qualquer, produtiva, mas a ação da humildade, do amor. Onde estava um pobre, miserável, ela estava lá. Carregava aquelas crianças da Índia. Por isso fascinou tanta gente e se transformou numa espécie de mito. Mito porque resumia, na sua vida, muitos dos nossos desejos, dos nossos sonhos, daquilo que queremos. E todos nós estamos precisando, principalmente os jovens, de pessoas que andem diante de nós e que sejam símbolos, que tenham valor para podermos olhar, para seguirmos os caminhos. Um Ayrton Senna, mesmo que seja um mito na arte de dirigir automóveis, mesmo que tenha sido um bom rapaz, não é um grande mito para os jovens de hoje. Muito pior ainda, tantos outros que estão por aí e que não demonstram nada de

conteúdo.

Precisamos de mais pessoas que sejam símbolos, como um Dom Helder Câmara, por exemplo. Ele denunciou a injustiça, enfrentou a repressão, morreu velhinho, mas com coragem e vigor. Falou de esperança, e como precisamos ter esperança neste país! Nós precisamos dessas pessoas, para que, olhando para elas, possamos crescer.

Religião é símbolo, é doutrina, é práxis. E o mais importante é a práxis. Amém. (23.10.99)

AMAR A DEUS NA OBRA DE SUA CRIAÇÃO **(Ex 22, 20-26/Mt 22, 34-40)**

A narração desse Evangelho parece simples, mas não é. Parece óbvia, mas não é. Parece ao alcance de todo mundo, mas não é. Por que não? Porque apesar de ter sido escrita, primeiro no Antigo Testamento, depois retomada por Jesus no Novo Testamento, já naquela época significou um grande progresso cultural e religioso.

As outras religiões viviam e até hoje vivem o terror, o medo desta grande idéia que temos de Deus – um Deus poderoso, que lança raios sobre as pessoas, que condena os maus, que criou o inferno para condenar as pessoas. Essa é uma imagem que atravessa muitas religiões e, infelizmente, ainda atravessa muitas mentes, até mesmo cristãs e católicas.

Jesus, retomando o Antigo Testamento, diz que não. O primeiro mandamento é amar a Deus sobre todas as coisas. Aí vem outro equívoco muito comum entre nós. Amar primeiro a Deus e depois as criaturas, como se houvesse graus, como se houvesse duas realidades: primeiro eu amo a Deus e depois eu amo as criaturas. Será que é assim? Eu creio que não. Talvez aí esteja a novidade de Jesus.

Vou fazer uma colocação muito simples. Vamos imaginar que vocês vão a um museu e encontram uma belíssima obra de arte. Ficam encantados e dizem: “Que maravilha de obra!” Estarão elogiando o quê? A obra de arte. É ela que está diante de vocês e é exterior a vocês. Mas no momento em que eu digo que a obra de arte é bela, estou dizendo que o artista é grandioso. Eu não tenho dois amores: uma hora eu gosto da obra de arte, outra hora eu gosto do artista. É o mesmo ato. Pelo mesmo ato que eu admiro a obra, estou incluindo a admiração pelo artista. Assim também é com Deus. Parece que separamos as coisas e não sabemos como é que podemos amar a Deus.

Deus só se encontra e é amado nas verdades da vida. Ele é amado no pobre. Ele não pode ser amado numa obra que não existe, pois não seria artista. Eu só posso amar um artista, só posso admirar um grande cantor, quando ele canta. Eu ouço sua música, acho maravilhosa e digo: “Que cantor maravilhoso!” O canto é a obra e nela está incluído o artista. Deus é um grande artista. O grande artista das pessoas, das relações, das situações, das dificuldades. Qualquer situação em que nos encontrarmos, podemos admirar e amar a Deus. Antes de tudo está o artista, depois a obra. Mas

para nós, primeiro está a obra, depois o artista. Eu diria: amai, primeiro, os irmãos, porque, amando os irmãos, estareis amando o Criador.

Agora vem o mais difícil. Eu posso amar o artista. Mas se me encontrar diante da obra de arte e pegar um tinteiro, jogar tinta sobre a obra e estragá-la, estarei amando o artista? Não amo nem a obra nem o artista, porque estarei *detonando* sua obra. Só amaremos a Deus se amarmos as pessoas, se virmos nelas o que há de melhor e não as estragarmos. Se estragarmos as pessoas, não amamos nem a pessoa, nem a Deus. Se estragarmos a obra de arte, não amamos nem a obra nem o artista. Os dois estão, de tal maneira ligados um ao outro, que só é possível amar um quando amamos o outro. É a beleza de Deus que brilha ao lado daquele que eu amo. Se amo alguém por causa do meu amor, está havendo um mal-entendido. Eu amo a pessoa nela e por ela mesma e não por mim. Mas ela mesma é a imagem de Deus. Amo-a pela sua beleza, na sua imagem, naquilo que a faz cada vez mais semelhante a Deus.

Eu amo, por exemplo, a professora, os meninos na escola, fazendo-os ser mais semelhantes à imagem primeira, primigênia que eles são. Que eles não se destruam, não se estraguem, não se corrompam. É assim que eu amo. Eu amo aquela imagem que está além da aparência, com mais beleza ainda. Quanto mais trabalharmos a imagem do artista, mais o preservaremos, amando a obra de arte. Um zelador de museu ama os artistas cuidando das obras, tirando a poeira, não permitindo que sejam estragadas. Assim como quem cuida do museu, nós recebemos esse museu maravilhoso que é a humanidade, que é a natureza. Como podemos dizer que amamos a Deus se destruimos a natureza, se poluímos as águas, os ares? Ama-se a Deus respeitando os animais, respeitando o ar, a água, respeitando a dignidade das pessoas.

Vocês ouviram a primeira leitura. Se pedirmos emprestado um cobertor, devolvamo-lo para que, quando cair a noite, o pobre não passe frio. Olhem que ternura divina! Deus olha para o cobertor daquele pobre que vai passar a noite ao relento e precisa do cobertor para o aquecer. Se você não devolver esse cobertor, você não ama a Deus. É respeitando essa criatura pobre, abandonada que amaremos a Deus. Amém. (26.10.02)

JESUS RESPONDE À GRANDE PERGUNTA ***(Lc 6, 17.20-26)***

Estamos cansados de ouvir esse Sermão da Montanha, mas é bom que, de vez em quando, o coloquemos nessas grandes linhas da cultura e da história. Jesus viveu há dois mil anos. Antes dele, Aristóteles e Buda fizeram a mesma pergunta: “Como nós seremos felizes?” Depois deles Jesus também fez a mesma pergunta. Três grandes homens da história da cultura: Aristóteles, da cultura grega; Buda, de todo o Oriente e Jesus, o nosso Salvador.

Aristóteles vai dizer qual a felicidade do ser humano. Ele era grego. Felicidade, para ele, consistia em que a parte racional, intelectual, espiritual, dominasse, controlasse os instintos sensíveis, animais. O grego sempre colocava a virtude como medida justa, a reta razão, o grande caminho da felicidade. Todos os que se deixassem levar pelas paixões, pelas atrações sensíveis, seriam infelizes. Assim dizia Aristóteles, séculos antes de Jesus.

Buda foi por um caminho mais simples. Ele perguntou: “Onde está a fonte de nossa infelicidade?” Nos nossos desejos. Desejamos demais. Desejamos tudo e, a cada decepção, ficamos frustrados. Temos que diminuir e pacificar os desejos, ser misericordiosos em relação aos nossos desejos. Quando eles ficarem mais tranquilos, mais calmos - sobretudo através da meditação transcendental, da respiração abdominal – aí seremos felizes. E, de fato, muitas pessoas do Ocidente que vão aos países do Oriente sentem essa paz. Agora mesmo, tive um colega que foi ao Japão e ficou bastante impressionado com um mestre do zen-budismo. Um homem sereno, dono de si, um homem feliz, porque os seus desejos sabiam até onde ir e estavam tranquilos. Era um sábio e o seu filho adolescente já se preparava para ser mestre budista.

Veio Jesus que também respondeu a essa pergunta e vocês ouviram a resposta. Jesus disse que são bem-aventurados aqueles que, ao construírem a sociedade – como nós, que estamos construindo o Brasil – não vão procurar a violência, mas a paz. Não serão odiosos, não serão vingativos, mas misericordiosos. Não serão impuros, não serão *desejantes* e desejosos dos outros, das coisas, das pessoas. Olharão a todos com o olhar transparente, como as crianças nos olham. Quando alguém perguntar o que é pureza, olhem para o olhar de uma criança e aprendam. A criança

nos olha desarmada. Ela não busca nada, só estica o bracinho, com toda a inocência, com toda essa beleza. Jesus disse para olharmos para a criança, para os lírios do campo, para os pássaros que voam e aí aprenderemos que coisa é ser feliz, ser puro.

Os gananciosos, os que buscam violentamente o dinheiro, mergulham em mares de dólares e ficam afogados, sofridos, pensando no que vão perder. Não dormem, sofrem. Jesus diz: “Bem-aventurados os pobres de espírito”. Aqueles que são capazes de abrir as mãos. Olhem quanta diferença! “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”. Não os injustos, os criminosos. Não aqueles que estão jogando, trapaceando, enganando, ganhando eleições à custa de enganar a população, mas os honestos. Mesmo que percam as eleições, não venderam a sua alma.

A mais difícil das bem-aventuranças é a última. Quando amarmos o bem, quando abraçarmos uma causa justa, quando lutarmos pela construção de uma sociedade bonita, começaremos a ter inimigos, a ter adversários. Porque não aceitamos subornos, porque não aceitamos trair. Não aceitamos nos comprometer com causas espúrias. Aí começam as calúnias. E Jesus conclui que aí sim, seremos felizes, porque estaremos construindo a justiça e a beleza!

Aristóteles tem uma visão racional, elitista. Buda, uma visão muito parada, muito pacífica, pouco social. Jesus nos coloca na realidade. Ele não nos tira da realidade, não nos pede para ir para o alto da montanha, para a Serra do Cipó (*), ficar fazendo ginástica, respiração abdominal para estar em paz. Bonito se alguns o fazem. Vão para as altas montanhas. Mas para todos nós, aqui, Ele diz que é na sociedade, é construindo o nosso mundo, é construindo a nossa família, é construindo o nosso trabalho, que seremos mansos, tranquilos, pacíficos, misericordiosos, puros, sedentos de justiça, desprendidos. Aí sim, seremos felizes e felizes também os que viverem ao nosso lado. O reverso é a tristeza. Amém.(31.10.98)

(*) local de turismo nos arredores de Belo Horizonte (MG)

A PROPOSTA CRISTÃ PARA A VIDA ALÉM DA MORTE (Lc 6, 17.20-26)

Um grande filósofo grego disse que o ser humano tem cinco grandes experiências que o provocam à reflexão: beleza, amor, estética, verdade e transcendência. Essa última nos leva à experiência da morte, que nos acompanha ao longo de toda a nossa história. Até hoje, a humanidade encontrou três grandes respostas, que ainda continuam como propostas.

Há os que dizem que devemos viver intensamente, porque amanhã morreremos e voltaremos ao nada. É a versão mais materialista. É a resposta daqueles que dizem que só existe esta vida. Portanto, que cada um procure aproveitar ao máximo, dentro de todas as suas possibilidades. Usufrua todos os bens porque, quando esta vida acabar, acabará tudo. É a grande filosofia materialista, que teve o auge na doutrina marxista, e que, talvez, tenha hoje a versão mais forte na filosofia americana, que valoriza o consumo, as estrelas, as beldades. Contra essa filosofia, temos a morte, como a da princesa Diane, que, apesar de toda a sua beleza, desapareceu no grande nada do *escondimento*.

Outra visão, também nesta linha, é a proposta budista. Nos perderemos no nirvana. Nosso eu, nossa liberdade, nossa consciência se dissolverão, como se jogássemos um torrão de açúcar num copo de água. Esse torrão de açúcar somos nós, ao longo da história. Ao morrer, nos dissolveremos nesse imenso nirvana ou nos perderemos no anonimato. Nunca mais seremos Antônio, Henrique, Marlene, José. Tudo isso desaparecerá como o açúcar que dissolve. Mais ou menos como uma gota de sal no oceano.

Outra proposta, que cresce cada vez mais no Brasil, é a da reencarnação. É uma proposta sedutora, porque podemos arriscar ao viver. Podemos arriscar a viver de qualquer jeito, porque, numa outra oportunidade, poderemos melhorar. A vida se torna muito mais fácil, se nos deixarmos levar por todos os desvarios da juventude, porque sempre haverá uma segunda, terceira, quarta, infinitas chances. O mundo seria superpovoado. Se hoje temos cinco, seis bilhões de habitantes, imaginem se todos voltassem? Muito fantasioso.

A proposta cristã é séria. Ela diz que vivemos uma só vida e vivemos cada minuto, cada instante, cada dia uma só vez. Não se volta nunca para trás. O ontem já foi, não volta. Só existe o presente, abrindo-se para o futuro. Carregamos o passado, mas ele não volta. Não recuamos. Comemoramos

cada ano uma única vez. Portanto toda a vida, toda a história humana é uma só.

Deus foi tão bom conosco, que já colocou nesta vida a semente da grande árvore que vai nascer, para que não vivêssemos essa única vida na total obscuridade, não sabendo para que outra vida iríamos. Ele não diz que seria outra vida. Diz que há vida para além da morte. Interessante, as posições tradicionais, mais antigas, costumam se referir à outra vida. Leonardo Boff, mais atual, se refere à vida para além da morte. Portanto, é uma vida que já começa agora. Quer dizer que, ao fim da história, levamos sementes, já temos experiências que anunciam a outra vida.

Há momentos em que podemos dizer com clareza que vivemos já, aqui na Terra, momentos de eternidade. Isso é tão forte em nós, que queremos reter estes momentos. Evidentemente que a experiência mais próxima, que mais anuncia a eternidade, é a experiência do amor. O amor, por natureza, quer eternidade. O amor, por natureza, constrói eternidade. O amor, por natureza, é eternidade. Em cada ato de amor que praticamos já semeamos, já vivemos e já experimentamos eternidade. Por isso, é a única experiência que nos realiza, nos plenifica. Uma pessoa que não é capaz de amar ou que ama pouco é sedenta, porque não percebe e não experimenta ainda a semente da vida em plenitude. Por isso, aquela velhinha – Teresa de Calcutá – diante da morte, não teve medo de nada. Ela amou tanto durante toda a sua vida, amou pessoas tão diversas, em tantos continentes, que ela já era eternidade. Quanto mais conseguimos experimentar este amor aqui na Terra, mais vivemos eternidade. É um amor oblativo, de abertura, de acolhimento, de criatividade, de novidade, de braços abertos para o diferente. Esse amor que não teme, que não odeia, que não inveja, que se alegra com o bem dos outros. Tudo aquilo que São Paulo descreve na primeira carta aos Coríntios. No céu, iremo-nos alegrar, não apenas com a nossa beleza e santidade, mas com a beleza e santidade de todos. Essa é a verdadeira beleza, não é ciúme. Porque o verdadeiro amor quer nos abrir para a eternidade.

Nessa festa dos mortos, celebramos os amores dos mortos que já nasceram aos olhos de Deus. De cada morto que celebramos hoje, queremos guardar aquelas pepitas de ouro, de amor, de carinho. Quando morreu a princesa Diane, a imprensa até esqueceu os seus últimos passos. Colheram aquelas pepitas de ouro do amor gratuito que ela demonstrou, como para nos dizer que, ainda que a sua morte tenha sido uma fatalidade, não desejada por ninguém, em sua vida, ela teve momentos de luz. É

disso que precisamos nos lembrar, é isso que ela carrega para a eternidade. Deixou todos os seus bens para serem leiloados, porque não serviram para nada. Só serviu o bem que plantou, o amor que praticou. Amém.
(01.11.97)

DEUS NOS DARÁ AQUILO QUE SOMOS ***(Ap 7, 2-4.9-14/Mt 5, 1-12)***

A Festa de Todos os Santos, no calendário normal da Igreja, é no dia primeiro de novembro. Como não é feriado, passamos para o domingo seguinte. É o que celebramos hoje. Tem seu sentido, tanto celebrar no dia primeiro, como hoje. Quando celebramos no dia primeiro, é anterior à festa dos mortos. A Igreja coloca estas duas festas bem próximas – todos os santos e todos os mortos. Por que essa ligação? São as duas faces de uma única realidade. O morto é a face do santo para nós, o santo é a face para Deus. Quando lembramos alguém que viveu na Terra e não está mais entre nós, sabemos que morreu. Mas quando vemos com os olhos de Deus, e sabemos que essa pessoa viveu bem, é um santo, embora seja a mesma pessoa. O morto e o santo não são duas pessoas, mas duas perspectivas da mesma realidade. Isso para nós é muito importante, porque os nossos olhos não vêem a não ser o corpo morto. Aí termina nossa experiência.

Somos muito ligados aos cinco sentidos, e eles nos dizem que aquela pessoa morreu. Ela não existe mais entre nós, e aí termina tudo. E para muitas pessoas, muitas mesmo, termina tudo aí. Não acreditam em nada mais. A vida é um túnel que termina na escuridão. É um caminhar para a morte. É como se fôssemos aqueles judeus, em campos de concentração nazista, que entravam naqueles trens para serem levados às câmaras de gás e lá desaparecerem. Como se a nossa vida fosse um caminhar para lugares escuros, tenebrosos. É duro viver para terminar no nada, para caminhar num vazio, viver sem sentido. Viver para que, se o que nos espera é o nada mais escuro, é a morte sem mais?

Mas a fé cristã acendeu uma luz para dizer que, sobre nós, não reinam somente as trevas. Houve um homem, logo no primeiro século, no Apocalipse, que fechou os olhos e viu. Não viu com os sentidos, mas com a fé. E nos fala através de imagens. Viu aquelas milhares e milhares de pessoas – diz que eram cento e quarenta e quatro mil – e depois muitas outras. E por que cento e quarenta e quatro mil? É muito simples. Em boa aritmética, cento e quarenta e quatro é doze vezes doze. Doze do Antigo Testamento – as doze tribos de Israel, todos os que viveram antes de Jesus. Doze do Novo Testamento – os doze apóstolos, todos os que viveram depois de Jesus. Portanto, toda a humanidade. E mil? Mil, na Bíblia, é um número incontável. Quando queremos dizer mil lembranças

não são 999 + 1. É a maneira humana de falar. Esse homem viu tanta gente, de todas as raças, de todas as cores, de todos os tipos e disse – não sei se vocês perceberam – que eles foram alvejados com sangue. Como alguém pode alvejar com sangue? Perceberam o jogo forte de João (*)? Ele diz que o sangue de Jesus é vermelho, mas tem uma força tão grande, que nos purifica e nos faz limpos, transparentes, fulgurantes. E como o sol, a luz, são brancos, esse branco significa esplendor, significa a beleza, significa a saúde irradiante que esses homens e mulheres nos transmitem. Não são apenas os santos dos altares, mas as pessoas que conhecemos e já morreram. Os nossos pais, parentes, amigos, os velhinhos do asilo. São esses os santos. E assim, cada um de nós pode relembrar sua família, seus amigos, colegas de escola, de trabalho – todas as pessoas que viveram na ética, na honestidade, na justiça, no bem. Esses hoje são “todos os santos”.

A graça de Deus ultrapassa as fronteiras da Igreja. A Igreja é pequena para o coração de Deus. Nós somos um bilhão de cristãos, e, no coração de Deus, cabem outros milhões e milhões. O seu olhar se volta para todos aqueles chineses que vivem e morrem na total ignorância de Deus, de Cristo, do Espírito Santo. De repente, abrirão os olhos e terão o espanto de conhecer, pela primeira vez, a Trindade sobre a qual nunca ouviram falar. Nós, pelo menos, ouvimos falar dela aqui na Terra, mas também teremos surpresas.

É grande pergunta que eu sempre me faço: será que, no céu, vamos reconhecer o amor? Será que em meio àquelas milhares e milhares de pessoas, vamos nos reconhecer? Será que estarei lá, esperando por vocês? Eu acho que sim. E por que digo que sim? O que nós somos? Se perguntarmos a um psicólogo, ouviremos que somos um feixe, uma teia de relações. Isso somos nós. Eu não sou um eu fechado, não sou uma ilha, mas uma rede enorme de relações. Todas as pessoas que interferiram na minha vida, de que maneira que for, construíram o meu eu. O meu eu são meus pais, meus irmãos, meus parentes, todas as pessoas com quem me relacionei. Esse é o meu eu e, se ele ressuscita, ressuscita com toda essa teia gigantesca de relações. Guardemos esta frase tão bonita: “Não contamos os anos pelo número, mas pelos amigos!” Não tenho cinquenta, sessenta, setenta anos, mas tenho milhares de amigos. Se compreendermos isso, se vivermos essa dimensão, seremos o que o nosso coração for. Deus é tão bom, que nos dará aquilo que somos.

Somos relação, somos nitidez, somos transparência, e é disso que

nos falam as bem-aventuranças. Se formos mansos, seremos mansidão. Se formos generosos, seremos generosidade. Se formos misericordiosos, seremos misericórdia, se formos puros, seremos pureza.

Invertam as bem-aventuranças e vejam se encontrarão ou não o inferno. Invertam: bem-aventurados os violentos; bem aventurados os impuros e vejam que mundo seria esse. Bem-aventurados os duros, os rígidos, os geniosos e vejam que mundo seria esse. Bem-aventuradas as grandes fortunas, bem-aventurados os *lalaus*(**) da vida, bem-aventurados os que roubam, que sequestram e matam! Que mundo seria esse? Por isso, quando Jesus falou “felizes”, sabia muito bem o que estava dizendo. É que não acreditamos na palavra dele, não acreditamos que esses felizes são realmente felizes.

Seremos felizes quando vivermos mansidão, vivermos misericórdia. Quando não houver violentos, mas pacíficos e construtores da paz. Quando houver olhos puros. Que coisa triste quando uma menina encontra um rapaz com aquele olhar sujo! Mas quando ele a olha com transparência, quanta diferença. É que os jovens não reconhecem Deus no olhar. Quando eles têm Deus no olhar, esse olhar é diferente. Não olham para o chão, não é um olhar perverso, maculado, manchado, mas o olhar da transparência e da luz. Reparem que a luz pode atravessar um pântano e continua luz. Já viram a luz, o raio se sujarem? O raio de sol sempre conservará sua transparência! Assim os puros podem olhar para os impuros e não se tornam impuros, porque seu olhar é forte, é transparente. “Bem-aventurados os puros, porque verão a Deus!”

E a última bem-aventurança: quando falarem mal de nós, porque somos de Cristo, seremos felizes, porque estaremos mais próximos daquele que morreu na cruz e ressuscitou. Amém.(04.11.2000)

(*) referência a João, o evangelista, autor do livro do Apocalipse.

(**) referência ao juiz do TRT-SP, Nicolau dos Santos Neto

O FIM DO MUNDO A CADA DIA (Lc 21, 5-19)

Muitas vezes ouvimos pregadores que tomam essas passagens, como se Jesus estivesse descrevendo o fim do mundo. O fim do mundo está acontecendo continuamente, por isso, quando eu lia o Evangelho, ia citando fatos que todos nós conhecemos. Portanto, não é o fim do mundo que acontecerá lá, no último dia, caindo estrelas. O fim do mundo está colocado nas nossas realidades.

O que derrubou aquelas duas torres em Nova York (*)? Dois aviões, pilotados por terroristas. Não foi o fim do mundo, mas foi o fim de mundo para milhares e milhares de pessoas que estavam lá dentro. Para o orgulho americano, também foi uma espécie de fim de mundo. Quem é que mata milhares de pessoas agora, no Iraque, onde estão morrendo mais e mais pessoas? Para o iraquiano, a guerra é fim de mundo. Eu tive a experiência, quando era estudante.

Naquela época, nas universidades alemãs, para dissuadir o povo a não repetir a tragédia do nazismo, o governo exibiu alguns filmes que Hitler mandara fazer dos próprios crimes que cometera. O nazismo filmou tudo o que fez, deixou documentado, e desses filmes eu vi muitos. Um das cenas eu queria contar para vocês, porque isso foi fim de mundo para aqueles judeus que estavam lá. Numa delas, um grupo de judeus estava sendo levado para o forno, a câmara de gás. Todos iriam ser mortos, asfixiados, envenenados pelo gás e cantam em hebraico para Deus. Eles gritam salmos: “Deus, onde estás que não nos ouves?” De fato, para eles era o fim do mundo. Mas há uma cena ainda mais terrível, que dificilmente se repetirá na história: uma quantidade imensa de mães com crianças pequenas, e os policiais nazistas, com imensas botas, vão arrancando-lhes as crianças, com toda a violência. Metem-nas todas num trem que as levará para a morte. Quando a gente vê um ônibus com crianças passeando é aquela alegria. Ali era um trem cheio de crianças que seriam conduzidas para um campo de concentração, para os fornos, onde seriam envenenadas e mortas. Isso é ou não fim de mundo? Precisamos esperar o final dos tempos para que experimentemos o fim do mundo?

Esses gestos, esses atos se repetem. Nós, que passamos de ônibus pela Lagoinha (**), se soubéssemos o que acontece naquela casa com aqueles presos, veríamos esposas e filhos daqueles presos que nos diriam o que é o fim do mundo.

Agora, depois que terminou o regime militar, tanta notícia está saindo sobre a época da repressão. Quando passávamos diante do DOI-CODI, OBAN (***) , mal sabíamos que lá dentro estava acontecendo fim de mundo para tantos.

O fim do mundo é colocado nas nossas mãos. Hoje me disseram uma coisa tão triste: que Vespasiano é a cidade mais violenta da Grande-BH, da região metropolitana. É a nossa vergonha. Vivíamos numa cidade tão tranqüila! Podíamos sair e passear. Agora há carros furtados aqui, na porta da igreja. Jovens assaltam caminhões. E são de Vespasiano, são filhos de vocês. Não vieram das estrelas, não são ET's. São filhos gerados aqui. Em Belo Horizonte acontecem mais de dois mil roubos de automóveis por mês. Cada vez mais a violência se alastra, espalhando o medo. Portanto, não são ações sutis, mas violentas, com armas em punho. É isso que é fim de mundo.

É esse fim de mundo que deve nos ocupar. Ficamos pensando num fim de mundo distante e então não fazemos nada. Temos é que construir esta sociedade. Elegemos um novo prefeito, novos vereadores. Para quê? Para que a cidade seja mais humana, para que possamos nela viver sem medo. É para isso que existe a sociedade civil. Para exigir. Nós temos direito a ter paz e serenidade, a ter comida, morar bem. Temos direito de pensar, de falar, de ir e vir. Os jovens têm direito de namorar sem medo. São esses direitos que nos estão sendo tirados. Não pelo Estado como tal, mas pela violência. De tal maneira que muitos não saem de casa por medo. Também, muitas vezes, sentem vergonha dos atos cometidos por pessoas conhecidas.

Que essa reflexão seja colocada em nossa cabeça de cidadãos e que perguntemos o que realmente podemos fazer para que esta cidade seja melhor. Porque, se toda uma cidade acorda, o crime diminui. Se aquelas *maquininhas* que estão filmando em Belo Horizonte já fizeram cair enormemente os roubos, imaginem os nossos olhos, que são melhores que elas – os nossos olhos, a nossa presença, a nossa palavra. Nós temos tantos olhos para ver e tantos crimes se cometem como se eles não os vissem. E perguntamos: que fim de mundo é esse? É o que acontece diante dos nossos olhos.

Mas, para que não saíamos abatidos daqui, a última palavra do Senhor é de consolo e de força: “Permaneçam firmes!” É a fé no Senhor, é a Esperança de que é possível construir um mundo novo. Um outro mundo diferente é possível. Uma sociedade diferente é possível. Depende

muito de nós, de todos nós. Sobretudo da nossa união em exigir os nossos direitos perante aqueles que detêm o poder, concedido a eles por nós. Amém. (14.11.2004)

(*) alusão ao atentado de 11.09.01, nos Estados Unidos

(**) alusão ao depósito de presos em Belo Horizonte

(***) organismos de repressão existentes durante o governo militar.

A REALEZA PELO OLHAR (Lc 23, 35-43)

Cristo Rei é uma festa litúrgica recente, instituída pelo papa Pio XI. Nós nos perguntamos: o que significa uma festa como essa? Talvez para nós, brasileiros, que, praticamente, nunca tivemos rei, não signifique muita coisa. Tivemos imperadores, e depois essa galeria de presidentes da república de todos os níveis, de todas as cores e ideologias. Para nós, rei não é nenhum arquétipo que nos diga alguma coisa. Nos países europeus, – e o papa era italiano – era muito mais forte essa impressão. Quando eu era estudante, na Alemanha, houve a coroação do rei da Bélgica. Foi aquela festa maravilhosa, e meus colegas ficaram todos agitados. Será que é essa simbologia que a liturgia quer passar para essa festa?

Exatamente para que não pensemos em reis temporais, o Evangelho contrasta terrivelmente. Quando, aqui na Terra, o rei é coroado, ninguém pode imaginar o séquito maravilhoso, o fausto imenso de ouro, pedras preciosas, coroas. Existem, no Museu Britânico, em Londres, as coroas mais lindas do mundo, de todos os reis e rainhas, guardadas por soldados. Quando pensamos nesse tipo de rei, a liturgia coloca Jesus Rei numa cruz, coroado de espinhos, para nos dizer que é o inverso do que pensamos. O nosso conceito de rei não pode, de maneira nenhuma, aproximar-se do conceito de reis aqui da Terra. É um conceito de quem se entrega, de quem serve, de quem é o menor.

E a corte terrestre de Jesus era formada por dois ladrões. Ele no meio de dois ladrões, que costumamos chamar de bom e mau ladrão. Isso é nossa maneira de falar, pois só Deus sabe quem é bom e quem é mau. Costumamos chamar de bom ladrão aquele homem que, no meio de tanto tormento, conseguiu lançar um olhar para Jesus e descobrir, no seu tormento, a diferença daquele crucificado.

É claro que o bom ladrão não sabia nada de Jesus. Como iria saber? Ele não fez curso de crisma, não fez nenhuma catequese. Não sabia nada de Jesus. Por que, de repente, volta-se para aquele Homem, que não conhecia, nem sabia de onde vinha, nem para onde ia e diz: “Lembra-te de mim quando chegares no paraíso!”? Certamente aquele homem intuiu no olhar de Jesus uma bondade, uma serenidade, uma doação, uma entrega que os poderosos da Terra não têm.

A realeza de Jesus vem dos olhos. Ele é rei pelo olhar. Não é rei pela coroa, pelo manto, pelo cajado ou pelo cetro. Se descobrissemos que

o reinado mais bonito que existe é o reinado do olhar, transformaríamos essa sociedade, porque o que nos falta, exatamente, é descobrir pessoas que têm o olhar de misericórdia, de compreensão, de acolhida. As pessoas se sentem muito rejeitadas, muito afastadas, muito excluídas, muito carentes. Poucas vezes, na história, vivemos tanta carência afetiva, tanta insegurança, tanto medo. Medo de tudo. Saímos na rua, olhando para a direita, para a esquerda, temendo um assaltante. Faltam-nos olhares diferentes.

Que descubramos hoje, nesta festa de Cristo Rei, não as realezas da Terra, mas a verdadeira realeza, que é o olhar da misericórdia, da acolhida, da complacência. Amém. (24.11.01)

ESTAMOS PREPARADOS? (Mt 24, 37-44)

Pouco a pouco nos habituamos a distinguir o que, em literatura, se chama gênero literário. Se alguém diz que o coração tem ventrículos, que é um músculo e irradia sangue para todo o corpo, vocês vão entender que estão fazendo uma descrição. Mas se alguém diz que o coração está cheio de espinhos, não vão levar ninguém ao hospital para arrancá-los, pois se está fazendo uma comparação. É um outro gênero literário, uma metáfora.

Pois bem, o Evangelho de hoje não faz descrição de nada. Não imaginem que se está narrando como será o fim do mundo. Que vão estar dois homens e, de repente, um é agarrado, o outro é deixado. É uma parábola de nossa vida. Mas é tão evidente essa parábola, que me espanta se alguém não tiver percebido.

Vinham num ônibus, lá do Espírito Santo, algumas amigas queridas aqui de Vespasiano. Num acidente morre uma mãe e as outras estão aqui, vivas, talvez com alguns pinos na perna, mas vivas. Uma morre, a outra está viva. Acontece tantas vezes! Saem dois numa motocicleta, em disparada por aí. Chocam-se com um carro: um morre, o outro sai ileso. Por que então se admirarem quando o Senhor nos diz isso? Já lhes falei que, quando caíram as torres em Nova York, uma quantidade de correios eletrônicos, pelo mundo afora, contava pormenores da vida de muitas pessoas. Como o caso daquele homem que comprara um sapato novo, que lhe provocou calos. Ele pára numa farmácia para comprar um *band-aid*, como qualquer um de nós faria. Chega tarde e a torre já havia caído. Bendito sapato novo! Bendito calo! Bendito *band-aid*! Às vezes aborrece, às vezes o calo salva. É ou não a parábola de nossa vida? E por que se espantar com isso? Há também o caso daquele homem, cujo filho demorou a acordar. O pai se atrasa para levá-lo à escola e, quando chega ao trabalho, a torre já havia caído. (*) Bendito filho dorminhoco! É assim a vida.

Também a mesma coisa quando Jesus faz alusão à Arca de Noé. Terá havido o dilúvio universal? Na Alemanha, os invernos são longos e rigorosos, e se passam dias inteiros em casa. Então, um alemão resolveu calcular quantos litros de água seriam necessários, se tivesse havido um dilúvio universal. Tomou a altura do Monte Everest (**), mediu e fez os cálculos matemáticos e achou um número quilométrico para indicar

os milhões de litros de água. Seria tanta, mas tanta água, que até hoje estaríamos andando de barco. Quer dizer que é uma metáfora.

Há tantos dilúvios na nossa vida! E a grande pergunta que fica: quem é a barca que nos salva? Essa, a grande pergunta. Quem é o Noé? Quem é aquele que nos recolhe nos dilúvios da existência? Quem é aquele que, naquele momento, me diz que a vida é séria e me convida a entrar na barca? Um entra na barca, o colega que prefere ficar embebedado morre afogado nas águas da história. Não são águas do dilúvio, mas as águas do cotidiano, do vazio, da tristeza, do aborrecimento, da droga. Agora mesmo, no encontro de que participei em Roma, comentava-se sobre a quantidade de suicídios que anda ocorrendo no Japão. Tanta gente prefere morrer num país de tão grande desenvolvimento, que proporciona uma vida tão bem sucedida materialmente.

Qual é a barca que vai salvar esses jovens japoneses, para que eles não se afoguem no suicídio, no vazio da concorrência violenta? Quando perdem o emprego ficam tão deprimidos que preferem tirar a própria vida, porque não suportam o fracasso. O fracasso, muitas vezes, nos ajuda a crescer. Não é só vencendo que a gente cresce. Muitas vezes, sentindo o limite, esbarrando com alguma coisa que não podemos conseguir, reconhecemos que somos humanos, somos frágeis, precisamos de águas tranqüilas. Precisamos que alguém nos coloque dentro da arca porque as águas são muito revoltas e agitam demais a nossa história.

Jesus nos conta isso para que olhemos para dentro de nós e nos perguntemos: será que estamos preparados? Não é preparado para morrer, no sentido bem tradicional. Preparado está quem sabe ler a história, os acontecimentos. Preparado é quem se compromete com o que está acontecendo, é quem sabe olhar para o seu filho pequenino. Preparado é quem sabe perceber que hoje alguém a seu lado precisa de uma ajuda especial, de uma palavra. Temos que ter olhares mais bonitos, mais transparentes para descobrirmos as dores das pessoas, para ajudarmos a saírem de sua depressão, de sua tristeza. Há sofrimentos demais neste mundo, demais! Nós podemos diminuir o sofrimento. Não podemos perder a ocasião. Não podemos nos fechar em nós mesmos e em nossos probleminhas, em nosso individualismo, em nosso narcisismo, em nosso egoísmo. Nos fechamos em nós mesmos e nos tornamos incapazes de abrir as janelas da existência, escancará-las para o sol da história, para as estrelas de uma noite bonita.

É isso que é viver, irmãos! Quanto mais eu olho as pessoas, mais eu

sei que são humanas, por mais diferentes que sejam. Sofrem, choram, dói-lhes a existência. E nós podemos ampará-las, levar-lhes alegria, esperança de futuro. Na escuridão, podemos acender aquele *fosforozinho* da nossa pequenez, e essa luzinha será suficiente para que se abra um caminho, pelo menos alguns metros a mais, até que essas pessoas sejam capazes de vencer a imensa escuridão. Nós somos luz para as pessoas. É isso que o Senhor quer que sejamos neste Advento, sem medo, sem pavor, mas com os olhos e a cabeça erguidos para o que é a nossa salvação. Somos sinais de que a bondade e a graça de Deus estão sempre presentes. Somos o início da salvação e, com a nossa existência, tornaremos o mundo mais bonito. Amém. (28.11.04)

(*) alusão ao atentado de 11 de setembro de 2001, em Nova York

(**) pico mais alto da Terra, situado entre Nepal e Tibet, na Ásia.

AS OVELHAS AMADAS DE DEUS PAI (Mt 18, 12-14)

Esse pequeno texto do Evangelho é uma parabolazinha. A parábola sempre teve, como dizemos um ponto que ela quer mostrar. Os outros elementos são secundários. Em geral, a parábola quer dizer alguma coisa que não percebemos obviamente. Quando achamos que uma parábola é muito óbvia, provavelmente, não a entendemos. Vocês acham que pode ser óbvio que alguém largue as noventa e nove ovelhas e vá buscar a que se perdeu?

Pois bem, isto não é óbvio e, por isso, é parábola. Não é óbvio porque qualquer pessoa sensata não vai arriscar perder noventa e nove por uma. Algum de vocês faria isso? Algum de vocês é capaz de deixar noventa e nove coisas em troca de uma coisa só? Nenhum faz. Nenhum de nós que está aqui agora vai arriscar o nosso convívio por alguma coisa sozinha lá fora. Ficamos sempre onde está a maioria. Esse “um” é intrigante e não é um “um” numérico não. É “um” simbólico. Essa ovelha, que o Evangelho diz que é uma, poderia ser milhares de ovelhas.

Senão, vejam o nosso país. O Brasil tem milhões e milhões de pessoas que são essas ovelhas. São muito mais numerosas as ovelhas que estão por aí, do que as ovelhas que estão nos redes, acomodadas, aconchegadas. Essas são a minoria. As classes que estão bem são minoria. São as ovelhas que estão na montanha pastando, comendo bem. As perdidas estão por aí, nas periferias das cidades, aos milhões. Portanto, não é uma. Esse “um” é simbólico. Por isso a expressão mais importante é “aquela ovelha perdida”. Perdida quer dizer que está fora dos lugares seguros. Nós, que estamos em lugar seguro, não estamos perdidos. Mas se estivéssemos em lugares de tiroteios, no alto de uma favela, dominados por traficantes, estaríamos perdidos, ainda que fôssemos muitos.

Jesus nos mostra que nós, seres humanos, procedemos assim, mas Deus, não. Ele não é como nós. Quando vê essa Igreja Católica, toda piedosa, mas parada, Ele olha mais para os chineses, para os japoneses, para os muçulmanos, que estão fora do rebanho. Essa ovelha perdida representa todos que estão fora. Nós imaginamos que eles estão perdidos: os mais pobres, miseráveis, os que nem podem ir à missa porque não têm roupa, não têm calçado, os que nunca põem o pé numa igreja. Essas são as ovelhas perdidas. Essa uma é aquela que Deus mais ama. Ele olha mais

para aqueles que estão marginalizados. Essa é a originalidade e, por isso, a parábola é provocante.

Os judeus não aceitavam isso de jeito nenhum. Para eles, Javé era aquele que amava o povo de Israel. Que se danassem os gregos, romanos, assírios, babilônios, medas, persas. Que fossem todos perdidos. O que interessava era que Israel se salvasse, porque tinha em Javé o seu Deus. Se Jesus falasse assim, seria aplaudido. Mas Ele não disse isso, embora falasse para judeus terríveis. “Vocês pensam que o Senhor vai se preocupar com as noventa e nove ovelhas, que são vocês, e vai deixar as ovelhas perdidas, que são os gregos, os romanos, todos os outros povos da Mesopotâmia?” De forma alguma. Ele irá atrás dessas ovelhas perdidas.

É isso que os apóstolos entenderam. Por isso, depois que Jesus ressuscitou, eles não ficaram em Jerusalém. Uns foram para Roma, outro para a Espanha, que não era esse país piedoso de hoje. A Espanha era dominada pelos romanos. Há uma tradição que diz que houve um que chegou até a América, provavelmente, até a África, a Ásia Menor. Nenhum apóstolo ficou cuidando das noventa e nove ovelhas. Foram todos para aquela ovelha perdida, que eram milhões e milhões, porque essas são as ovelhas amadas de Deus.

Como isso deveria abrir o nosso coração! Ao invés de ficarmos aconchegados, deveríamos lembrar que nós somos as noventa e nove. Os que estão fora são as ovelhas amadas de Deus. São nessas que temos que pensar. Oxalá nós, cristãos, pensássemos nas pessoas que estão fora, que estão longe, que estão precisando de apoio! Aquelas que nunca receberam uma palavra de conforto, de consolo, de alegria, que nunca foram acolhidas, estimadas, amadas.

Vocês acham que aquela *meninazinha* que incendiou um ônibus, no Rio de Janeiro, foi uma criança acariciada em casa, teve uma mãe terna que a aconchegou e acalentou? Vocês acham que essa menina viveu essa infância? Provavelmente teve uma mãe que bebia, um pai que não conheceu. Foi jogada, chutada e, aos treze, quatorze anos, é capaz de incendiar um ônibus. Essa é a amada de Deus. Nós vamos colocá-la na cadeia, na FEBEM (*), mas Deus não.

Aqueles jovens muçulmanos, que incendiaram milhares e milhares de automóveis nos arredores de Paris, são pessoas desprezadas, largadas e nem têm direito de ser cidadãos franceses. Eles não são as noventa e nove ovelhas, mas essa perdida. Na Alemanha, um estrangeiro que tenha nascido lá, já com filhos e netos, não é cidadão alemão porque não tem

uma gota de sangue alemão. Se casar com uma alemã, se tornará cidadão, caso contrário, não. Se não tiver o sangue dos noventa e nove não será cidadão alemão, apesar de viver lá há duas ou três gerações. Essa é a ovelha perdida, essa é a amada de Deus.

Deus tem uma compreensão, uma dimensão muito diferente. Por isso nos assustamos com Ele a cada dia. Pensamos que o compreendemos, mas Ele escapa como a água que cai na nossa mão e se perde na terra seca. Ninguém é dono ou senhor dele. Ninguém encampa, ninguém domina, ninguém força Deus. Ele é pura liberdade, pura gratuidade, puro amor. O amor não tem limite, o amor não escolhe as pessoas porque são bonitas, nutridas, bem vestidas. O amor é uma força que atravessa todas as escuridões. Aquela *ovelhazinha* perdida, que são milhões, estão sob a pupila do olhar de Deus. Amém. (06.12.05)

(*) Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

QUANDO O CÉU SE ABRE (Mc 1, 1-8)

Toda leitura do Evangelho tem dois momentos. Sem isso, dificilmente, chegamos a atravessá-la. Primeiro, temos que ir ao tempo de Jesus, entender o contexto e depois – esse mais importante - fazemos a pergunta: e para nós, hoje, o que significa isso? É isso que chamamos interpretação do Evangelho. Aí começa a Palavra de Deus. Se não fizermos os dois movimentos, nunca chegaremos a entendê-la.

Vamos, então, nos colocar no tempo de Jesus. Para se ter uma idéia, a aparição de João Batista foi algo sensacional, fenomenal. Havia duzentos anos que nenhum profeta aparecia em Israel. O povo já estava nervoso, preocupado. Para eles, não ter profeta significava duas coisas. Em primeiro lugar, Deus deveria estar bem zangado, porque não mandava ninguém. Claro que Deus não estava, mas eles pensavam assim. Era como se o céu estivesse fechado e aí vocês podem entender quando o Evangelho diz que o céu se abre. Nenhum profeta descia do céu. Eles estavam na escuridão, pois o profeta é uma espécie de lanterna, não é para anunciar o futuro. Nisso nos enganamos muito. Profeta não anunciava tanto o futuro, mas interpretava a situação que eles estavam vivendo. Eles estavam sem norte, sem intérpretes, sem pessoas que esclareciam. É como se não houvesse mais nenhum pregador na Igreja. Como se todos os cristãos estivessem por aí afora, sem pregação, sem interpretação, sem explicação, sem catequese, sem teologia. Imaginem o desnorteamento geral! As pessoas ficavam totalmente perdidas. Era isso que eles sentiam, porque faltava a palavra categorizada do profeta. Duzentos anos e, de repente, aparece João Batista.

Quando João Batista aparece e começa a gritar, eles olham e percebem, pelo seu olhar, pela sua maneira de ser, de vestir, de falar, pela convicção, pela coragem, pelo destemor de enfrentar Herodes, que ele não tinha medo de ninguém. O povo começa a ressuscitar. Volta a alegria, a esperança e maior esperança ainda quando João Batista diz: “Vocês estão entusiasmados comigo? Olhem bem, eu sou água comparado com o fogo que virá depois de mim!” Ele não conhecia Jesus ainda, nunca o tinha visto, apesar de serem primos. Eles tiveram um encontro maravilhoso, de graça, no seio das mães. João Batista foi embora logo embora, viver uma vida solitária no deserto. Como diz o Evangelho, comia aquelas comidas selvagens, entre as pedras e areias do deserto. Não conhecia Jesus, mas

sentiu, percebeu interiormente, que alguma coisa estava acontecendo. Que aquele primo era mais que primo. E diz: “eu sou água, Ele é fogo; eu vou batizar na água e Ele vai batizar no Espírito, porque não sou nem digno de desamarrar as suas sandálias”. Era o trabalho do escravo. É uma imagem forte!

João diz: “abram os olhos, vai chegar alguém!” Imaginem a expectativa do povo quando aparece aquele jovem, trinta e poucos anos – Jesus de Nazaré, Filho de Maria. Quando entra na sinagoga, os coleguinhas se espantam: “é Ele? Olhem ali a irmã, o primo dele. Nós o conhecemos bem!” Esse foi o momento que eles viveram lá.

E para nós, hoje? Esta igreja, este mundo está cheio de profetas. É que somos surdos e moucos. Tivemos um Hélder Câmara. Tivemos pessoas que anunciaram, denunciaram situações. Temos cristãos corajosos, homens e mulheres, pais de família que enfrentam situações. Eles são os profetas de hoje, que estão aí, para que compreendamos nossa situação. Certos comentaristas de jornais são profetas. Certos críticos literários são profetas. Certos literatos são profetas. Profeta é todo aquele que ilumina para nós a realidade, para que os nossos olhos vejam o que está acontecendo e possamos tomar posições claras, decididas para constituir um mundo mais sério, justo e honesto. Essas CPI's (*) que estão por aí, esses homens honestos do Judiciário, que estão denunciando esses crimes, essas máfias, são situações proféticas. Quando começou o movimento Mãos Limpas, na Itália, aqueles jovens juízes enfrentaram a Máfia italiana e muitos foram assassinados. Levaram até o Primeiro Ministro ao Tribunal. Esses homens corajosos são profetas. Existem no Judiciário, na Medicina, na Literatura. Santos Dias, aquele jovem operário paulista que foi metralhado pela polícia na época da repressão. Quantos líderes estudantis, operários que, durante o regime militar enfrentaram e foram mortos, torturados, banidos, exilados! Esses são os profetas de hoje, que estão aí para nos dizer o que podemos fazer para este Brasil ser melhor. Assim fez João Batista. Assim fazem os nossos profetas. Amém. (11.12.99)

(*) Comissões Parlamentares de Inquérito

O SER HUMANO COMO LUGAR DE DEUS ***(Lc 1, 26-38)***

Mesmo que esta leitura seja feita há mais de dois mil anos, ainda hoje, ela é profundamente comovente.

No Brasil, há milhões de pessoas que abandonaram suas terras em busca de uma casa, de um abrigo. No mundo, são milhões, talvez bilhões, que um dia deixaram sua terra e foram buscar outra casa para morar. Também o nosso presidente eleito (*) conheceu esta experiência de deixar sua *terrazinha*. Buscar uma casa sem saber qual, onde, de que maneira. É a insegurança, a angústia de quem busca uma casa. Mas nunca poderíamos imaginar que Deus fizesse essa experiência. Essa é a coisa mais fabulosa! Que homens pobres, jogados na sarjeta da história o façam, entendemos. Mas que o próprio Deus tenha que buscar uma casa para se aquecer, para morar, não cabe em nosso entendimento.

Ele não tem os céus, não tem todas as estrelas, esses milhões e milhões de galáxias? Não poderia escolher, como o pequeno príncipe (**), um asteróide bonitinho e, de lá, enviar sua mensagem, que captaríamos com nossos aparelhos? Que Deus bonito seria esse! Aí todos nós, nas *internets*, com nossas televisões ligadas, receberíamos as suas mensagens. Mas Ele não escolheu isso. Isso é para filme americano. Escolheu vir à Terra, procurar casa, não encontrar hospedaria, nascer em um lugar que nem sabemos direito onde foi. Isso é Deus! Dá para nos assustar. É que nos habituamos a ver o presépio com um Jesus bonitinho, engraçadinho, rosadinho. Mas não é nada disso. Nem engraçadinho, nem rosadinho, nem lavadinho, nem perfumadinho. Nada disso! Nasce na pobreza, no escondimento.

O Evangelho nos coloca o início dessa história. Deus vai buscar lá longe, num *rincãozinho*, numa cidade pequena, pendurada na montanha, uma *meninazinha* que ninguém teria jamais conhecido. Paupérrima, analfabeta. Chamava-se Maria, um nome comuníssimo, que nem despertava atenção. Não tinha nada para chamar a atenção. Pois bem, Deus vai buscá-la e encontrar nela a sua vocação. Deus vai escolher o ser humano para ser o lugar da vocação. Nada mais, nada menos: para Deus, o coração de uma mãe. Uma adolescente. Deus não quis outra coisa. Poderia ter escolhido o *Pantheon*, em Roma; qualquer palácio em Atenas. Mas não, escolheu o coração de uma menina. Se Ele anunciasse que precisava de uma casa,

qual de nós não entregaria e prepararia a sua da melhor forma possível, a cama mais linda, a toalha mais bonita? Tudo faríamos para esperar Deus. Ofereceríamos essa igreja que é bonita, mas, para nós, até a Basílica de São Pedro seria pouco para Ele. A Basílica que foi construída para guardar os ossos decompostos de Pedro. Tudo faríamos para esperá-lo. Mas Ele escolheu o coração de uma menina analfabeta, pobre. Isso é Deus!

Tira-nos totalmente o chão, porque queríamos um Deus grandioso. Se quisermos uma festa grandiosa, esperemos primeiro de janeiro (***) e veremos *Rolls-Royce*, ternos, gravatas. Mas Deus não precisa nem de terno, nem de gravata, nem de festa, nem de coisa nenhuma. Ele precisou de uma menina e nada mais. É ou não é surpreendente? Por isso é difícil ser cristão. Acreditar nisso é muito difícil. A nossa fé esbarra em tanta simplicidade. É violento demais para a nossa inteligência. Por isso os intelectuais olham para isso e dizem: não é possível! Como é que Deus vai aceitar isso? Ele desafia as nossas inteligências, nossa cultura, nossas enciclopédias. Ele desafia tudo o que sabemos e podemos. Para fazer-se, precisa do espaço mínimo do seio de uma mulher.

Ele não se enquadra na nossa lógica mesquinha, que precisa de exterioridade, de grandes efeitos. Ele já é grande o suficiente para tornar grande qualquer realidade que tocar. Para acolhê-lo, não precisamos de fausto, de estardalhaço. Precisamos abrir o coração, na inocência, na humildade, na transparência de nós mesmos, e Ele se dará por inteiro. Amém. (21.12.02)

(*) referência a Luiz Inácio Lula da Silva.

(**) referência ao livro “O pequeno príncipe”, de Saint-Exupèry

(***) referência à posse do presidente eleito, que aconteceria em 01.01.03

A FORÇA DO OLHAR DE JESUS (Jo 1, 1-18)

A liturgia vai, lentamente, nos habituando a conhecer quem é Jesus. As primeiras leituras, lidas nas outras celebrações eucarísticas, que têm textos diferentes, traziam narrativas descritivas do nascimento em Belém – os anjos, os pastores, sobretudo aquela cena que São Francisco imortalizou no presépio. No cair da tarde, como estamos agora, a liturgia coloca o Evangelho mais bonito, mais bem elaborado, mais profundo, que é o de João. João é gênio, é águia. Ele é simbolizado pela águia e a águia voa alto. Ele voa e não voa sobre Belém. Não fala de pastor, não fala de anjo, não falou de manjedoura – nada disso. Ele toma um vôo altíssimo. Vai lá na pré-existência daquele Menino, quando ainda não era corpo terreno, não era história. Aquele Menino era o Verbo, era o *logos*, era luz. E João fica fascinado.

Fala de uma luz eterna que brilha desde toda a eternidade, e que agora quer entrar dentro do mundo. Mas quando ela olhou para o mundo, viu trevas. O mundo vivia numa escuridão enorme e essa luz não conseguia penetrar. Ela veio para os seus, que eram judeus, e os seus não a reconheceram. Eles viram a luz e não viram. Os judeus tocaram a luz e não entenderam. Cutucaram, empurraram Jesus, chocaram-se contra Ele e não reconheceram que era luz. Agora, dois mil anos depois, nós sabemos que Ele é a luz. Uma luz que quis se esconder na carne de uma pessoa como nós, na carne de uma humanidade. É nessa carne que toda a infinita luz do Verbo Eterno se escondeu. Por mais de trinta anos essa luz ficou escondida. Brilhava, de vez em quando, nos olhos de Jesus. Saía por mãos quando Ele tocava, quando falava, quando olhava. Ele devia ter um olhar muito forte!

Há uma cena no Evangelho que me fascina muito, porque revela a força do olhar de Jesus. Imaginem uma multidão enfurecida, num clássico de futebol, por exemplo, uns saindo vitoriosos, outros derrotados. Aquela multidão saindo com uma força tremenda. Todos nós temos medo. Pois bem, certa vez, um grupo grande, lá em Nazaré, foi empurrando Jesus para um lugar que terminaria num precipício. Quando percebeu que iriam empurrá-lo e jogá-lo no precipício sem que tivesse sequer começado sua vida pública, sem que tivesse ensinado ou pregado nada, Ele parou – diz o Evangelho – encarou e atravessou a multidão, e ninguém lhe encostou a mão. Isso é que é olhar! Bastou o olhar de Jesus, e a multidão

ficou paralisada. Não havia polícia, não havia gás lacrimogêneo. Foram paralisados pelo olhar de Jesus. Aí brilhou a luz verdadeira! Essa luz que vamos agora, durante esse ano inteiro, contemplar e pedir que ela ilumine toda nossa vida, que ela estanque toda a treva, que vasculhe o nosso interior, que vasculhe bem fundo a nossa história e que não fique uma sombra sequer.

Ao começar este ano santo, que vai terminar na Festa de Reis de 2001, quando o papa fechar a porta santa, depois deste ano inteiro, queremos que a nossa alma esteja transparente. Que não tenha uma nódoa, um lugar escondido, nenhum daqueles *porõezinhos*, porque a luz vasculhou tudo.

A luz purifica, mata os germes, espalha os mosquitos, tira toda a sujeira. Deixa a casa limpa e transparente. Esse é o grande desejo da Igreja: que abramos o nosso coração. Por isso ontem à noite, Pe. Lauro bateu três vezes na porta fechada desta igreja para abri-la, como fez João Paulo II, em Roma (*), depois de vinte e cinco anos em que a porta santa ficou fechada e murada. Eles tiraram os muros, o papa atravessou essa porta, e todos puderam passar, ainda que simbolicamente. Também Dom Serafim pediu que em todas as igrejas de Belo Horizonte se repetisse o mesmo gesto, para lembrar que as grandes portas foram abertas.

A primeira porta foi aberta lá em cima, na Trindade, quando Deus Pai abriu a porta, e o Verbo veio à Terra. Depois, perguntou àquela *meninazinha* se ela queria abrir a porta de seu coração para abrigar o Verbo Eterno feito carne. Maria disse sim e abriu a porta do corpo e do coração ao Verbo que se fez carne. E hoje o mesmo Verbo pede que abramos a porta do nosso coração para Deus, para o Espírito, para o Cristo, para os irmãos. Amém. (25.12.99)

(*) referência à cerimônia de abertura do Ano Santo de 2000.

A IGREJA COMEÇA NA FAMÍLIA ***(Eclo 3, 2-6.12-14)***

Duas celebrações nos reúnem nesta noite. Uma litúrgica, outra cívica. A litúrgica é a Festa da Sagrada Família; a cívica, o aniversário da nossa cidade. E, dentro da celebração da família, o Natal e os vinte e cinco anos de casados deste casal, confirmando a celebração da família.

Falar sobre a família em final de milênio, em final de século, não é fácil. A família tem sido uma das estruturas mais abaladas pela modernidade e pela pós-modernidade. No final da década de 60, imaginava-se que a família ia-se desfazer. Todo aquele movimento, que culminou em maio de 1968 – movimento que abalou a Europa, depois a América do Norte e também o Brasil – trouxe uma tal emancipação da mulher em relação ao homem, dos filhos em relação aos pais, que os sociólogos diziam: “A família terminou!” A década de 90 retoma os valores da família. Percebe-se um risco gigantesco para a sociedade, se a família se desfizer. A humanidade, desde o universo biológico, necessita do pai para nascer. E a Psicologia vai muito mais longe e diz que nos primeiros anos é que a criança forma e plasma seu caráter. O mais importante da vida de uma pessoa é jogado nos cinco primeiros anos. Aí está a Psicologia profunda a asseverar-nos, a afirmar-nos que, no momento em que a família se desfaz, preparamos monstros, doentes, preparamos esses casos que estamos vendo. Foi exatamente essa família da década de 60 que gerou esse rapaz que chega e metralha as pessoas num cinema (*). Tantos crimes cometidos por adolescentes, suicídio de adolescentes! De onde vem isso? Vem dos primeiros anos de sua existência, onde pai e mãe não se souberam amar. Pai e mãe não passaram para o filho a segurança necessária. Pai e mãe não foram pontos de referência. A criança precisa de um pólo. Se ela não sabe a quem se referir, porque hoje tem um pai, amanhã já é outro, a criança fica desvairada e começa a crescer com desrespeito total. Perde toda a referência, não é capaz de construir-se. Não constrói a sociedade, uma comunidade.

A década de 90 começa a agitar. Começam a dizer: temos que construir uma nova família! E Dom Serafim (**), na última reunião do Conselho Arquidiocesano, disse que o tema central do próximo milênio, para a nossa Igreja, é a Igreja doméstica. É lá que vai nascer a nossa Igreja. É lá que ela deve vicejar para que possa crescer. Esta comunidade

só tem força se, na família, a criança começar a beber, a mamar a fé. Nós mamamos fé, bebemos fé. A fé passa por osmose através do olhar, através do carinho dos pais. Quando pai e mãe não sabem passar isso, é difícil. As catequistas lutam porque não encontram apoio de muitos pais. Sem Igreja doméstica não há comunidade.

Festa cívica. O jornal “Estado de Minas” de hoje traz vários epitáfios do século e do milênio que terminam. Aqui jaz o século XX, em que houve duas terríveis grandes guerras e outras tantas. Aqui jaz o século XX, que construiu campos de concentração, que matou seis milhões de judeus. Aqui jaz o século XX, que viu tantos crimes, viu tanta barbaridade. Viu Hitler, Stálin, o regime militar brasileiro, cujo último general acaba de morrer (***)).

Este século XX jaz num túmulo, e com ele também irão à morte os regimes da corrupção, do engodo, da mentira. Ouçam – porque eu sou velho e não verei o que vocês verão – o próximo século será o século da sociedade civil! Será o século em que as pessoas irão pedir aos nossos homens públicos de todos os poderes honestidade, seriedade, trabalho. Começou na Itália, há uma década, com aqueles jovens juízes que enfrentaram a Máfia e a colocaram na cadeia. E agora esses casos terríveis no Acre e no Maranhão, quando se mostrou tanta coragem. Estava lendo hoje, com certo atraso, nove reportagens do Arcebispo de Rondônia, que já foi bispo do Acre. Ele conheceu de perto aquele monstro, deputado federal, que mandou serrar índios. É monstro, um deputado federal deste país! Diante de tanta corrupção, não foi o poder que se levantou. Foi a sociedade civil, foram os movimentos dos juízes, da imprensa, o movimento das mulheres, das pessoas que têm consciência. É esse público que está limpando e lavando este país.

Ao comemorarmos o aniversário da nossa cidade, saibamos que vamos atravessar para um horizonte de muito mais limpeza. Horizonte do qual todos somos chamados a participar. É essa sociedade civil que vai transformar o Brasil e construir um país melhor. Amém. (26.12.99)

(*) referência a um fato ocorrido em São Paulo, com grande repercussão em toda a imprensa.

(**) cardeal-arcebispo emérito de Belo Horizonte

(***) referência ao Gal. João Batista Figueiredo

O ALICERCE DA AUTORIDADE É A VERDADE (Eclo 3, 2-6.12-14/Cl 3, 12-21)

Este tema da família é inesgotável e complexo; um tema discutido e difícil. Eu diria que a família é como se fosse um corpo móvel, que se desloca sobre dois trilhos: o trilho da natureza e o da história. A família cumpre uma função da natureza e, se falhar, falha algo muito grave para a humanidade, que é a continuidade da espécie humana. A família garante que estejamos aqui. Portanto, é uma função absolutamente necessária, porque Deus não vai criar ninguém fora da relação homem/mulher. E a Psicologia diz mais. Não é uma simples procriação, mas uma criação por que passa corpo, afetividade, psicologia e tudo isso pertence à natureza. Se os pais não passarem afeto, se não passarem estrutura psíquica para os filhos, eles nunca terão. Muitas vezes a humanidade conheceu crises violentas, e sociedades desapareceram porque a família fracassou. Portanto, não está garantido esse primeiro braço, que é o da natureza.

Para tomar exemplos bem concretos, a Dinamarca estava ameaçada de desaparecer. É um país pequeno, não nascia ninguém, e o país poderia acabar. Daí a pouco só haveria velhos. De repente, o governo percebeu a gravidade da situação. Se daqui a alguns anos só houvesse velhos, não haveria ninguém para trabalhar, viriam os estrangeiros e ocupariam o país. Começaram uma campanha violenta de propaganda para que os casais tivessem filhos. O governo pagaria todos os gastos por quatro anos, possibilitando todas as facilidades econômicas, pois é um país rico, para que os pais tivessem coragem de gerar filhos. E a campanha surtiu efeito, porque já começam a aparecer as primeiras crianças. “Nasce uma criança, tudo começa de novo!”(*)

Esse é o dado fundamental da natureza. É a natureza que torna possível o nascimento de pessoas que darão continuidade à história. É a criança que continua a história. Sem ela não há possibilidade de existência da sociedade. É a célula mãe da sociedade. Isso não é questão política, não é questão religiosa, não é questão de Deus, não é questão de fé. Simplesmente é um dado da natureza. Mas a natureza humana é diferente da natureza animal. Os animais trabalham com os instintos. Depois de um milhão de anos, o instinto é o mesmo. As abelhas constroem suas colméias exatamente como construíam há mil, dez mil anos atrás, porque é instinto. A família vai-se modificando ao longo da história. Como um

trilho pode ser de madeira, de ferro, de aço, ele pode ir mudando e a família ressentida. Muitos dos que estão aqui nesta igreja conheceram três grandes momentos da história da família e agora vivemos um novo momento difícil de entendermos.

Há a família que dominou e ainda domina em certas regiões – é a que chamamos patriarcal, na qual todo o centro é o pai. É um pouco o reflexo das leituras que ouvimos da Escritura. O pai é o centro. Tudo gira em torno dele. Já que é história, isso passa, isso muda. Essa visão não é da natureza, é da cultura. Desde a Revolução Francesa e as transformações violentas por que passou a Europa, e depois passamos nós, surgiu a família da igualdade. Homens e mulheres disputando igualdade no trabalho, na profissão, na educação dos filhos, nos trabalhos domésticos. É o segundo grande momento, ao qual muitos nem chegaram ainda. E agora estamos vivendo um terceiro grande momento, a que já aludi no início. É a família da singularidade.

É muito bonito e muito difícil. Cada pessoa quer ser tratada diferentemente, porque não somos iguais, nem superiores. Somos diferentes. Cada um tem uma condição própria, original, insubstituível, indeclinável. Reparem nessa palavrinha: indeclinável – não pode ser deixado para outro. Este é o grande problema de hoje. O pai não pode abdicar de sua função de pai, a mãe não pode abdicar de sua função de mãe e as crianças não podem abdicar de sua função de filhos. Na família moderna há uma abdicção contínua. Os pais abdicam, renunciam a cumprir o seu papel e isso é uma coisa muito séria. O papel mais importante dos pais é ensinar aos filhos o limite. Não é repressão, mas limite. Há três palavras diferentes: autoritarismo, limite e repressão.

Autoritarismo é impor a vontade porque quer impor. Isso já acabou. Um pai não manda porque manda.

Repressão. Os desejos profundos e verdadeiros não podem ser submetidos sem razão.

Limite é a imposição da realidade. É o princípio da realidade, como diria Freud (**). Quando um filho precisa de silêncio em casa para estudar, então há o limite do silêncio para os demais. É o limite do diferente. Isso não é repressão, portanto, não é uma questão arbitrária, porque ali há uma realidade. O que salva a autoridade é a verdade. Isso é importante e até hoje os pais não aprenderam. Quando há verdade, não há autoritarismo. Há autoritarismo quando há caprichos dos pais. Quando há verdade, não é repressão. A verdade diz para uma criança que ela não

pode se debruçar numa janela. Isso não é repressão, é a realidade dos fatos. É verdade também que um jovem não pode andar desbragado por aí afora, *sem eira nem beira*, experimentando todas as drogas e todo o sexo. Abdicar da verdade é abdicar do direito fundamental, que o pai e a mãe têm. A criança aprende a verdade. Se ela não aprender, teremos os jovens de Brasília (***), os assassinos de amanhã. Esses não aprenderam a verdade na infância. Olhem bem, não é arbitrário, não é capricho do pai. Muitas vezes os pais confundem verdade com capricho. Capricho significa um desejo desregrado do pai ou da mãe. Um ciúme, uma paixão, isso não é verdade! A criança percebe que o pai é caprichoso, que não tem autoridade. Ele impõe e grita inutilmente. Mas quando é a verdade que se impõe, a realidade se faz maior. Há riscos e perigos e os pais têm que alertá-los. É preciso dizer aos filhos que há assaltos, que há perigo. Por essas razões é que devem ter horários para chegar em casa. Não é porque os pais é que mandam. A verdade é a lei que Jesus sempre pregou.

Pode ser que o jovem não entenda toda a verdade, mas é em nome dela que ele deve ser educado. Dessa verdade nem o pai, nem a mãe jamais podem abdicar, porque se o fizerem, vão pagar muito caro mais tarde, pela rebelião, pelo desastre dos filhos. Se não dão limites, vão destruir todos os valores, inclusive o valor de respeito aos pais. Amém.(27.12.97)

(*) citação de Guimarães Rosa

(**) médico austríaco, criador da Psicanálise

(***) referência a um crime cometido contra um índio, em Brasília.



*“Deus é o ser que nos faz ser”
(Pe Libânio)*

Vespasiano - Março/06

Índice Remissivo

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Juventude – Memória e Sonho		I	14
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	1Cor 7,29-31	II	25
Nosso Valor Está na Singularidade	1Cor 12,12-30	III	25
Amar a Face Escura	1Cor 12,31-13,3	I	20
A Verdadeira Experiência do Amor	1Cor 13,1-8	I	22
Nossa Vocação é Criar as Relações	1Cor 15,1-11	I	24
Barcas ao Mar	1Rs 19,9.11-13	III	97
A Grande e Total Presença	1Rs 19,9a.11-13a	II	148
O Chamado que Desacomoda	1Sm 3, 3-10,19	II	20
O Amor Reconstrói por Dentro	2Sm 12, 7-10,13	I	104
Quem Eu Sou Perante Deus	2Tm 4, 6-8.17-18	III	80
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	2Tm 4, 6-8.17-18	II	77
Autoridade x Poder	Am 7,12-15	II	86
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Ap 7,2-4.9-14	III	132
Cordeiros e Pastores	Ap 9,14b-17	I	94
Nós Precisamos de Tempo	At 1, 1-11	I	78
Um Outro Pentecostes	At 2, 1-11	I	83
Pentecostes: História e Limite	At 2, 1-11	I	81
Babel x Pentecostes	At 2, 1-11	I	85
Locomotiva, Trilho e Destino	At 2, 1-11	II	57
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	At 12, 1-11	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	At 12, 1-11	III	80
Percebendo o Anjo em Nossas Vidas	At 12, 1-11	I	98
Pedro e Paulo	At 12, 1-11	I	106
Igreja Plural	At 15,1-2.22-29	III	72
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Cl 3,12-21	III	154
A Importância da Família	Cl 3,12-21	I	130
Alegria se Celebra com Alegria	Dt 5,12-15	III	43
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Eclo 3,2-6.12-14	III	154
A Igreja Começa na Família	Eclo 3,2-6.12-14	III	152
A Família Precisa de Ritos	Eclo 3,3-7,14-17a	II	144
Fé e Razão	Ef 3, 2-6	III	15

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Quem Iremos?	Ef 5,21-32	II	81
Um Nome Não É Simplesmente Um Nome	Ex 3, 1-8a,13-15	I	39
A Pergunta que Nos Move	Ex 17, 8-13	II	114
Jesus Revela o Coração de Deus	Ex 19,2-6a	III	74
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Ex 22,20-26	III	125
O Bem e o Mal: Tentações	Gn 2,15-24	I	52
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Gn 9,8-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Gn 9,8-15	III	53
Marta e Maria	Gn 18, 1-10a	I	112
Pedir é Abrir-se	Gn 18,20-32	III	86
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Is 8,23-9,3	II	23
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Is 11, 1-10	II	134
Buscando Sinais que Nos Unam	Is 55,1-3	III	88
Fé e Razão	Is 60, 1-6	III	15
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Jn 3, 1-5.10	II	25
Natal – Valeu a Pena Criar (Um Diálogo Trinitário)	Jo 1, 1-18	I	127
A Força do Olhar de Jesus	Jo 1, 1-18	III	150
A Novidade da Fé	Jo 1,19-28	III	27
O Chamado que Desacomoda	Jo 1,35-42	II	20
O Sagrado é Inegociável	Jo 2,13-22	II	45
Amar É o Verbo de Deus	Jo 3,16-18	II	63
Água: Sinal e Símbolo	Jo 4, 1-26	I	55
Multiplicando por Palavras	Jo 6, 1-15	II	90
O Pão da Convivência	Jo 6,30-50	III	90
Nossa Alegria É a Alegria de Deus	Jo 6,51-58	II	66
A Quem Iremos?	Jo 6,60-69	II	81
As Cegueiras em Nosso Dia-a-Dia	Jo 9, 1-41	III	48
Razão se Faz com Lama e Luz na Medida Certa	Jo 9, 1-41	II	37
Luz: A Caminhada da Fé	Jo 9, 1-41	I	57
Somos Pastores na Igualdade	Jo 10, 1-10	II	49
Mães Para Todas as Estações	Jo 10,11-21	II	54
Cordeiros e Pastores	Jo 10,27-30	I	94

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Lázaro: Milagre por Amor	Jo 11, 1-44	I	61
Vida é Movimento de Dentro	Jo 11, 1-44	I	59
Sinais de Morte e Ressurreição no Amor	Jo 11, 1-45	II	39
Deus É, Deus Ama	Jo 11, 1-45	II	150
Jesus Assumiu na Liberdade	Jo 12,12-19	I	63
O Grão que Cai na Terra	Jo 12,20-33	III	58
É Noite!	Jo 13,21-33	I	65
Mães	Jo 13,31-33a,34,35	I	96
Construindo Eternidade	Jo 14, 1-12	III	65
Caminho, Verdade e Vida	Jo 14, 1-14	I	29
O Amor se Faz na Acolhida do Diferente	Jo 14,15-21	III	69
A Paz que Vem de Cristo	Jo 14,23-29	I	76
Nó de Relações	Jo 15, 1-8	II	60
O Sentido da Morte na Morte de Jesus	Jo 18,1-19,42	I	69
Entendendo a Ressurreição	Jo 20, 1-9	I	70
A Identidade do Ressuscitado	Jo 20,19-31	II	52
Tomé – O Amor é Incondicional	Jo 20,19-31	I	74
Tomé – O Crucificado é o Ressuscitado	Jo 20,19-31	I	72
Amar a Face Escura	Jr 1,4-5/17-19	I	20
A Quem Iremos?	Js 24, 1-2.15-18	II	81
O Ser Humano Como Lugar de Deus	Lc 1,26-38	III	148
Noite Silenciosa	Lc 1,39-45	I	126
As Três Dimensões da Assunção	Lc 1,39-45	III	95
Assunção: A Festa da Esperança	Lc 1,39-56	II	98
Assunção – Fé Pretensiosa	Lc 1,39-56	I	122
João Batista: Tradição e Profecia	Lc 1,57-66.80	II	75
Natal é Mergulhar no Mistério de Deus	Lc 2, 1-14	II	140
As Três Fogueiras	Lc 2,16-21	II	13
Ano Novo – Portas Abertas para o Ser	Lc 2,16-21	I	11
Um Dia Diferente	Lc 2,16-21	II	146
Entrando Num Novo Milênio com Cristo	Lc 2,41-52	III	11
Tentações em Lucas	Lc 4, 1-13	I	50
Nossa Vocação é Criar as Relações	Lc 5, 1-11	I	24
Avançar para Águas mais Profundas	Lc 5, 1-11	I	26

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Bem-Aventuranças em Lucas	Lc 6,17-26	I	43
Jesus Responde à Grande Pergunta	Lc 6,17.20-26	III	127
A Proposta Cristã para a Vida Além da Morte	Lc 6,17.20-26	III	129
Ser Cristão é Mais que Ser Ético	Lc 6,27-36	I	35
O Amor Reconstrói por Dentro	Lc 7,36-8,3	I	104
Jesus Quer Mais que Rito e Rotina. Ele Quer Amor	Lc 7,36-8,3	I	102
Transfiguração – A Festa Contínua	Lc 9,28-36	I	47
Transfiguração: Força para o Sofrimento	Lc 9,29-36	I	49
Transfigurações no Nosso Dia-a-Dia	Lc 9,29-36	II	42
Ser Livre Para Amar, Amar Para Ser Livre	Lc 9,51-62	I	108
Abrindo a Janela Interior	Lc 10,25-37	I	114
Servir e Contemplar	Lc 10,38-42	I	110
Marta e Maria	Lc 10,38-42	I	112
Pedir é Abrir-se	Lc 11,1-13	III	86
O Nada se Veste	Lc 12,13-21	II	94
Somos o Que Amamos	Lc 12,16-21	I	116
Pais da Transcendência	Lc 12,32-48	II	96
Pai, Referência Fundamental	Lc 12,32-48	I	119
O Serviço de Ser Pai	Lc 12,32-48	III	93
Nós Construimos a Salvação	Lc 13,22-30	III	102
Abrir-se para Acolher	Lc 13,22-30	III	100
Nós Existimos para Deus	Lc 14,1.7-14	III	104
A Felicidade que Deus Espera para Nós	Lc 14,25-33	III	108
A Busca da Interioridade	Lc 14,26-33	II	104
A Parábola do Pai Misericordioso	Lc 15,1-3,11-32	I	28
Jesus nos Apresenta o Deus da Acolhida	Lc 15,1-32	III	111
A Parábola dos Inversos	Lc 16,19-31	II	108
No Cotidiano se Faz Eternidade	Lc 16,19-31	III	117
O Horizonte do Amor É o Infinito	Lc 17, 5-10	II	110
A Pergunta que Nos Move	Lc 18, 1-8	II	114
A Dimensão da Verdadeira Glória	Lc 18, 9-14	II	120
Justiça e Misericórdia	Lc 18, 9-14	I	100
A Caminhada de Zaqueu	Lc 19, 1-10	II	123

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Só Restará o que For Construído por Dentro	Lc 21, 5-19	II	129
O Fim do Mundo a Cada Dia	Lc 21, 5-19	III	135
A Paixão em Lucas	Lc 22,14-23,56	I	67
A Originalidade da Realeza de Jesus	Lc 23,35-43	II	131
A Realeza pelo Olhar	Lc 23,35-43	III	138
A Grande Caminhada para Jerusalém	Lc 24,13-35	III	60
Ser de Luz	Lc 24,13-35	I	91
Emaús x Jerusalém	Lc 24,13-35	I	92
Na Ascensão, A Nossa Ressurreição	Lc 24,46-53	I	80
Quando o Céu se Abre	Mc 1, 1-8	III	146
Os Vários Sentidos de Batismo	Mc 1, 6-11	III	23
Vozes de Nossa Vocação	Mc 1, 7-11	III	21
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Mc 1,12-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Mc 1,12-15	III	53
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mc 1,14-20	I	124
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Mc 1,14-20	II	25
O Cotidiano de Jesus	Mc 1,29-39	III	31
A Acolhida pela Pele	Mc 1,40-45	III	39
Alegria se Celebra com Alegria	Mc 2,23-3,6	III	43
Os Batismos na Vida de Jesus	Mc 3,13-17	II	17
Oração, Esmola e Jejum	Mc 6, 1-6,16-18	III	45
Autoridade x Poder	Mc 6, 7-13	II	86
Antecipando a Ressurreição	Mc 9,2-10	III	55
Consciência e Liberdade	Mc 13,33-37	II	133
Humanidade e Divindade Fazem a Realeza de Jesus	Mc 14,1-15,47	III	62
A Força da Mulher na Transformação do Mundo	Mt 1,18-24	II	136
Uma Fé Aberta para a História	Mt 1,18-25	II	138
Fé e Razão	Mt 2, 1-12	III	15
A Universalidade de Jesus	Mt 2, 1-12	III	18
Magos: Diálogo Inter-Religioso	Mt 2, 1-12	II	15
Magos – Dois Olhares	Mt 2, 1-12	I	17
A Noite que Antecede a Aurora	Mt 2, 1-12	III	13

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Coragem para Buscar Libertação	Mt 2,13-15,19-23	II	142
Como João Batista Esperava Jesus	Mt 3, 1-12	I	41
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Mt 3, 1-12	II	134
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mt 3, 1-12	I	124
Nossa Tentação em Ver um Jesus Diferente	Mt 4, 1-11	II	35
O Bem e o Mal: Tentações	Mt 4, 1-11	I	52
Jesus Vai à Frente	Mt 4,12-13a,17-22	III	29
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Mt 4,12-17	II	23
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Mt 5, 1-12	III	132
Pérolas de Eternidade	Mt 5, 1-12	II	28
Bem-Aventuranças em Mateus	Mt 5, 1-12	I	45
Sabedoria é Saber com Sabor	Mt 5,13-16	II	30
Sabedoria e Luz	Mt 5,13-16	III	34
Nova Visão da Lei e Valor do Lazer	Mt 5,21-47	I	37
Deus Esqueceu-se de Ir Embora	Mt 5,43-48	I	31
O Mistério se Encontra no Silêncio	Mt 6, 1-6.16-18	III	36
Três Dimensões de Abertura	Mt 6, 1-6.16-18	II	32
Transparências e Limites	Mt 7,21-27	II	68
Deus Age nas Coincidências	Mt 9, 9-13	II	71
Medos	Mt 10,26-31	II	73
Deus Potencializa os Nossos Amores	Mt 10,37-42	III	77
Abba: Um Deus Próximo	Mt 11,25-30	II	79
O Poder da Palavra	Mt 12,33-37	I	33
Ser Terra para Acolher e Produzir Frutos	Mt 13, 1-23	II	84
Um Outro Pentecostes	Mt 13, 1-23	I	83
As Palavras Carregam Experiências	Mt 13, 1-23	III	83
Trindade: Realidade Cotidiana	Mt 13,24-30	I	87
Joio e Trigo Coexistem Dentro de Nós	Mt 13,24-43	II	88
Buscando Sinais que Nos Unam	Mt 14,13-21	III	88
Barcas ao Mar	Mt 14,22-33	III	97
A Grande e Total Presença	Mt 14,22-33	II	148
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	Mt 16,13-19	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	Mt 16,13-19	III	80

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Pedro e Paulo	Mt 16,13-19	I	106
Tu És Pedra	Mt 16,13-20	II	100
Respeito à Individualidade	Mt 16,21-23	II	102
Transfiguração é a Nossa Reserva de Luz	Mt 17,1-9	III	41
As Ovelhas Amadas de Deus Pai	Mt 18,12-14	III	143
A Gratuidade do Perdão	Mt 18,15-18	III	106
O Julgamento Misericordioso de Deus	Mt 20, 1-16	III	113
A Lógica de Deus	Mt 20, 1-16	II	106
O Tempo de Deus é Outro	Mt 20, 1-16	III	115
A Nova Vinha	Mt 21,33-43	III	120
Uma Matemática Diferente	Mt 21,33-45	II	112
A Ação de Deus Depende de Nossa Liberdade	Mt 22,15-22	II	118
Deus Está Presente em Todos os Amores	Mt 22,15-22	II	116
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Mt 22,34-40	III	125
Religião: Símbolo, Doutrina e Práxis	Mt 23,1-12	III	122
Estamos Preparados?	Mt 24,37-44	III	140
O Noivo É a Realidade	Mt 25, 1-13	II	125
A Felicidade de Repartir	Mt 25,14-30	II	127
Trindade: Unidade na Diversidade	Mt 28,16-20	I	89
Jesus Revela o Coração de Deus	Mt 9,36-10,8	III	74
Buscando Sinais que Nos Unam	Rm 8,35.37-39	III	88
Somente o Ser Humano é Instrumento de Paz	Sl 137/136	II	47